



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

RUTE MIRIAM OLIVEIRA SILVA

A Família, a Educação e os Idosos, hoje

**Contributos da disciplina de Educação Moral e Religiosa
Católica para uma cultura do cuidado**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**

Prof^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

**Braga
2015**

*Tenha-se em mente que tudo o que se aprende
Na vida é o trabalho de muitas gerações.
Tudo isto é posto nas suas mãos como uma herança
Para que você a receba e a honre
Vá acrescentando e, um dia,
A deposite fielmente nas mãos dos seus filhos!*

Albert Einstein

*Devemos aprender durante toda a vida,
Sem imaginar que a sabedoria vem com a velhice.*

Platão

A ti Pai, estejas onde estiveres,

Porque sei que sempre

Estás comigo.

A ti Mãe, porque com,

O teu exemplo de força e coragem

Me ajudas a crescer.

*Não querendo ficar indiferente a algumas pessoas:
Agradeço aos amigos e família que me
Acompanharam ao longo desta longa jornada e que
Me ajudaram a concretizar este trabalho dando-me ânimo e coragem.*

*Agradeço aos colegas e professores
Da Universidade Católica do Porto,
E também aos colegas que ao longo
Destes dois anos me acompanharam e ajudaram
Na Universidade Católica de Braga.*

*Um agradecimento especial à Dr.^a Maria José
Pela sua presença, cooperação e amizade sempre presentes.*

*E por último, mas não menos importante, à
Prof.^a Doutora Isabel Varanda, pela sua persistência
Sempre presente e fundamental
Na Concretização deste trabalho.*

ÍNDICE

ABREVIATURAS/SIGLAS	1
INTRODUÇÃO	2
 CAPITULO I – A FAMÍLIA, A EDUCAÇÃO E OS IDOSOS NOS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO E NA ATUALIDADE	 4
 1. A Família a Educação e cuidado com os mais velhos nos documentos do Magistério da Igreja	 4
1.1. <i>Concílio Vaticano II</i>	4
1.2. <i>Exortação Apostólica Familiaris Consortio do Papa João Paulo II</i>	11
1.3. <i>Catechismus Catholicae Ecclesiae</i>	14
1.4. <i>Doutrina Social da Igreja</i>	17
1.5. <i>Instrumentum Laboris – Os Desafios pastorais da família no contexto da Evangelização</i>	19
1.6. <i>III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos bispos - Relatio Synodi – Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização</i>	22
 2. Os problemas sociais atuais e a família	 26
2.1. <i>A filosofia individualista de Gilles Lipovetsky e a proposta alternativa de uma cultura para os valores e os direitos humanos</i>	26
2.2. <i>A evolução da família e os seus problemas atuais</i>	30
2.3. <i>Os mais velhos na sociedade contemporânea</i>	35
 CAPITULO II – UMA EDUCAÇÃO PARA O AMOR: A ÉTICA DO CUIDADO A PARTIR DA RECIPROCIDADE E AFETIVIDADE	 39
 1. A proposta de Amor e caridade de Bento XVI	 39
1.1. <i>Deus Caritas Est</i>	39
1.2. <i>Caritas in Veritate</i>	43

1.3.	<i>Síntese</i>	45
2.	A família, a educação e os idosos na <i>Evangelii Gaudium</i> e a colaboração/educação para uma ética do cuidado que contraria a indiferença	46
2.1.	<i>A Exortação Apostólica Evangelii Gaudium</i>	46
2.2.	<i>A abertura para uma ética do cuidado que contraria a indiferença</i>	49
2.3.	<i>Educar para o amor e para o cuidado com os outros</i>	52
CAPITULO III – A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA NA ESCOLA. PEDAGOGIA E DIDÁTICA PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR”		56
1.	A disciplina de EMRC como veículo ao desenvolvimento dos valores na educação	56
1.1.	<i>A Escola e a Educação</i>	56
1.2.	<i>A disciplina de EMRC na educação em Portugal</i>	58
1.3.	<i>O Perfil do Professor de EMRC</i>	61
2.	Pedagogia e Didática para o ensino da unidade letiva “A Família, comunidade de Amor”	63
2.1.	<i>Caracterização da Escola</i>	64
2.2.	<i>Caracterização da turma</i>	65
2.3.	<i>A Unidade Letiva - “Família, Comunidade de Amor”- nos programas de EMRC</i>	67
2.4.	<i>A leção da Unidade letiva “Família, Comunidade de Amor”</i>	69
2.5.	<i>Planos de aula e planificação da unidade “Família, Comunidade de amor”</i>	84
2.6.	<i>A avaliação</i>	94
CONCLUSÃO		101
BIBLIOGRAFIA		103
ANEXOS		108

ABREVIATURAS/SIGLAS

1 Cor	1ª Carta de S. Paulo aos Coríntios
1 Tm	1ª Carta de S. Paulo a Timóteo
CCE	<i>Catechismus Catholicae Ecclesiae</i>
CEP	Comissão Episcopal Portuguesa
CDSI	Compêndio da Doutrina Social da Igreja
Cf.	Conferir
CV	<i>Caritas in Veritate</i>
DCE	<i>Deus Caritas Est</i>
Ef	Carta de S. Paulo aos Efésios
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
FC	<i>Familiaris Consortio</i>
GE	<i>Gravissimum Educationis</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
Gn	<i>Livro do Génesis</i>
<i>Ibidem</i>	Na mesma obra, no mesmo lugar
IL	<i>Instrumentum Laboris</i>
Jo	Evangelho de João
LG	<i>Lumen Gentium</i>
PES	Prática de Ensino Supervisionada
Rom	Carta aos Romanos
RS	<i>Relatio Sinody</i>

INTRODUÇÃO

A Família, a educação e os idosos, hoje.

Hoje em dia torna-se imprescindível fazer uma reflexão sobre a família, a educação e os idosos. Muitos são os problemas e as questões que surgem à volta destas temáticas, sobre as quais muitos preferem se colocar de parte, ignorando os problemas que nos envolvem.

Portanto, o relatório da Prática de Ensino Supervisionada que aqui apresento é uma reflexão e, também, uma proposta sobre a sociedade atual, no que toca à família, à educação e aos mais velhos, na tentativa de esboçar um caminho humano que se dirija para um cuidado com os mais frágeis, para o cuidado com os mais vulneráveis, ou seja, uma ética do cuidado. No entanto esta ética do cuidado só se torna possível, se houverem laços de afetividade e proximidade, que permitam este novo olhar, ou melhor, um renovado olhar, para com os outros.

Para que isto seja possível, é fundamental que a família trabalhe para um mundo melhor, no sentido de aprofundar ainda mais os seus laços, tanto de afetividade como de reciprocidade, porque quando “sentimos tocar no mais profundo de nós mesmos e do outro, significa recriar as condições para viver essa experiência com os outros.”¹

No que toca à educação, a mesma deve começar, também, a orientar-se para as relações, isto é, relações entre todos os membros que compõem a comunidade educativa, no sentido de aprofundar a reciprocidade e a solidariedade humana, cada vez mais essencial numa altura em que as pessoas só olham para o efémero, sem dar valor ao que é mesmo importante, à relacionalidade humana. Daí que seja importante dar um rumo renovado nas instituições que se ocupam da educação, para que a reciprocidade e a solidariedade sejam pontos essenciais da educação das crianças e dos jovens.

Quanto aos idosos, é preciso que a sociedade comece a olhar para esta questão de frente e não deixá-la cair no esquecimento, como se deixam centenas de idosos. É fundamental um novo olhar, uma nova reflexão sobre a situação atual dos mais velhos.

Assim sendo, este relatório, está dividido em três capítulos. Apresenta no primeiro capítulo, num primeiro ponto, uma reflexão sobre alguns documentos do Magistério da Igreja começando por fazer uma síntese/reflexão de alguns documentos do Concílio

¹ Elena LASIDA, *O sentido do outro*, Paulina Editora, Águeda, 2013, 17.

Vaticano II, passando por João Paulo II, sobre as questões da família, educação e idosos, até ao sínodo sobre a família iniciado em Outubro de 2014. Num segundo ponto retrata a sociedade atual, demonstrando quais os problemas fundamentais que prejudicam esta possibilidade de relacionamento e aproximação aos outros e consequente o afastamento da família, em particular, da falta de proximidade entre os membros de uma mesma família, falta de proximidade esta que se estende aos outros.

No segundo capítulo faz-se uma reflexão/proposta sobre uma cultura do amor na sociedade atual, sobre uma cultura e educação para o amor, para a proximidade e para a afetividade, como pontos essenciais da reciprocidade humana e para uma ética do cuidado. Esta cultura para o amor tem como consideração num primeiro ponto as Cartas Encíclicas do Papa Bento XVI que tratam sobre o amor e sobre a caridade, como referências fundamentais para esta construção de uma sociedade humana que tenha como sustentação a verdade do amor e a verdade da caridade. Num segundo ponto faz referência à Exortação apostólica do Papa Francisco *Evangelii Gaudium* e à mensagem do mesmo para a quaresma 2015, na qual o Papa chama a atenção para a necessidade de proximidade e da afetividade, contra aquilo que o ele mesmo chama de “Globalização da indiferença”. Ainda neste ponto apresenta-se uma proposta de uma educação para a afetividade e cuidado dos outros, em particular aqui, do cuidado com os mais velhos.

No terceiro e último capítulo, o mesmo tem como suporte uma ponderação acerca da educação. Depois de uma reflexão a respeito da educação e da escola nos tempos atuais, sobre a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica na educação do nosso país e de um perfil do professor num primeiro ponto, faz-se referência, num segundo ponto, ao enquadramento geral da Escola onde ocorreu a lecionação e da turma, onde apresento o dispositivo pedagógico da unidade letiva “Família, comunidade de amor” no sexto ano de escolaridade.

Este relatório, resultado de uma profunda reflexão teológica sobre a família, a educação e os idosos, não é mais do que uma reflexão que se torna necessária hoje em dia, porque permite buscar soluções em todos os âmbitos disciplinares e em relação com todas as áreas do saber, porque a família é a “célula básica da sociedade” e é sobre ela que uma grande maioria das coisas se orienta neste nosso mundo.

CAPITULO I – A FAMÍLIA, A EDUCAÇÃO E OS IDOSOS NOS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA E NA ATUALIDADE

Partilhando a ideia de que a família é uma instituição importante para a sociedade, e que a educação é base para o desenvolvimento de valores para a construção de uma sociedade que se preocupa com os outros e em particular com os mais velhos, neste primeiro capítulo pretende-se fazer uma caracterização da família, da educação e dos mais velhos, em alguns dos documentos da Magistério da Igreja, particularmente dos que se seguem ao Concílio Vaticano II, seguindo-se uma reflexão/aprofundamento sobre os problemas que exercem influência sobre a instituição família, a educação e os mais velhos, no que toca concretamente ao individualismo e à indiferença das relações no mundo atual.

1. A Família a Educação e cuidado com os mais velhos nos documentos do Magistério da Igreja

Relativamente a este primeiro ponto pretendo explorar e aprofundar um pouco sobre o que é referido nos documentos do Magistério da Igreja relativamente à família, à educação e aos idosos, concretamente nos documentos a partir do Concílio Vaticano II. Este ponto para além da referência aos documentos do Vaticano II faz ainda uma alusão à Exortação *Familiaris Consortio* do Papa João Paulo II, e ao que refere tanto o *Catecismo da Igreja Católica* e o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* sobre o tema acima referido.

Por último, e uma vez que nos encontramos a viver ainda o Sínodo da Família que se iniciou em Outubro de 2014, faço um aprofundamento do documento preparatório *Instrumentum Laboris* e do resultado desta primeira reunião que aparece explanado no relatório final *Relatio Synody*.

1.1. Concílio Vaticano II

“A Família é uma realidade humana. Como todas as realidades humanas, ela participa das características próprias dos seres limitados e finitos e, conseqüentemente tem muito de comum com outros seres vivos ditos «criados». Mas ainda como realidade humana, ela ultrapassa todos os outros seres, finitos,

e avanteja-se a eles pela diferença que marca a distinção entre seres humanos e infra-humanos.”²

A partir dos documentos do Concílio Vaticano II³, pode ser verificada a grande importância que a Igreja dá à instituição Família e à Educação. Fazendo uma pequena viagem pelos documentos conciliares verifica-se na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*⁴, no capítulo três sobre o “Povo de Deus” a importância da constituição da família a partir do matrimónio, cujo resultado é a procriação e a educação:

“(…), os esposos cristãos, em virtude do sacramento do Matrimónio, pelo qual significam e participam no mistério da unidade e do amor fecundo entre Cristo e a Igreja, ajudam-se mutuamente a conseguir a santidade na vida conjugal e na procriação e educação dos filhos, e têm para isso, no seu estado de vida e missão um dom especial dentro do povo de Deus. É necessário que na família, qual Igreja Doméstica, os pais sejam para os filhos, através da palavra e do exemplo, os primeiros anunciadores da fé, fomentem sempre a vocação própria de cada um, e com, especial cuidado, a vocação sagrada.” (LG 11)

Neste excerto da LG, constata-se que deve ser obrigação da família, enquanto estado marital, o cuidado com a educação dos filhos, não só em questão de educação escolar, mas também e essencialmente na educação da fé, devendo a família olhar mais particularmente para uma possível vocação sagrada, dado que, como é referido na Carta de São Paulo aos Coríntios «Cada um recebe de Deus o seu próprio Dom: um, este; outro, aquele.» (1 Cor 7,7). Não obstante no capítulo quarto “Sobre os Leigos” no número 35, os leigos devem ser as testemunhas do Evangelho, ou seja “ não apenas por meio da hierarquia, que ensina em Seu nome e com o Seu Poder, mas também por meio dos leigos, a quem nomeia suas testemunhas e a quem dá sentido da fé e a graça da Palavra, para que façam brilhar na vida quotidiana, familiar e social.” (LG nº 35).

Assim e, dado este especial destaque aos leigos, de onde brotam as famílias, no que concerne à educação e, de certa forma à evangelização, já que a família é a primeira e grande “Igreja Doméstica”, tem grande importância neste trabalho “ o estado de vida santificado por um sacramento especial, isto é, a vida matrimonial e familiar. Ai se exerce

² Manuel MADUREIRA DIAS, “A Visão Cristã da Família”, in *Communio*, nº 6, Ano III, 1986, 511.

³ O Concílio Vaticano II foi o XXI Concílio Ecuménico, realizado no Vaticano entre 1962-1965, o mesmo foi proposto inicialmente pelo Papa João XXIII, o qual iniciou este concílio em 11 de Outubro de 1962, mas foi já no papado de Paulo VI que o mesmo se concluiu a 8 de Dezembro de 1965.

⁴ DOCUMENTOS CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, Roma 21 de Novembro de 1964.

como numa escola superior, o apostolado dos leigos, quando a religião cristã penetra toda a organização da vida e cada dia a transforma para melhor. Aí exercem os cônjuges a própria vocação sendo um para o outro e para os filhos, testemunhas da fé e do amor de Cristo.” (LG nº 35). É neste desafio de missão, que é a educação cristã, que “uma única e mesma santidade é cultivada por todos aqueles que, nos vários géneros da vida e nas diferentes profissões, são guiados pelo espírito de Deus e que, obedecendo à voz do Pai e adorando-O em espírito e verdade, seguem a Cristo pobre, humilde e carregado com a Cruz, para merecerem participar na Sua glória. Cada um, segundo os dons e funções que lhe foram confiadas, deve enveredar, sem hesitação, pelo caminho da fé viva, que gera a esperança e opera pela caridade.”⁵

Não esquecendo esta linha da caridade e da entrega mútua a Deus dos casais, “é necessário que os cônjuges e os pais cristãos, seguindo o seu próprio caminho, se ajudem mutuamente a conservar a graça, no decorrer de toda a sua vida, numa grande fidelidade de amor, e que eduquem na doutrina cristã e nas virtudes evangélicas a prole que receberam amorosamente de Deus.”⁶

Continuando, ainda, nesta linha da família da educação e dos idosos nos documentos do Concílio Vaticano II, é de referir a chamada de atenção para alguns problemas da atualidade que é feita na Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*⁷, problemas estes de ordem matrimonial, familiar e da cultura humana entre outros. (GS nº 46)

“O bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está estreitamente ligado a uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar”. (...) “Todavia, a dignidade desta instituição não brilha em toda a parte com o mesmo esplendor, por ser obscurecido pela poligamia, pela epidemia do divórcio, pelo chamado amor livre e por outras deformações; além disso, o amor conjugal é muitas vezes profanado pelo egoísmo, pelo hedonismo e por práticas ilícitas contra a geração.” (GS nº 47)

Vê-se claramente, já nesta altura a preocupação crescente com o aumento dos divórcios, e com o aumento dos abortos, considerados aqui como “práticas ilícitas contra a geração”, altamente condenados pela Igreja Católica. Como verificado no ponto anterior

⁵ Cf. LG nº 41.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, Roma 7 de Dezembro de 1965.

deste trabalho, a preocupação com estas práticas permanece ainda na atualidade, sendo cada vez maior preocupante o aumento do número de abortos e divórcios, o que muito afeta a estrutura familiar.⁸ Por isso se fala da “Santidade” do amor conjugal e da união do homem e mulher com vista à procriação, tendo em conta uma passagem das Escrituras, em particular do Evangelho de Mateus “Não lestes que o Criador, desde o princípio, fê-lo homem e mulher e disse: Por isso o homem deixará o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e serão os dois um só? Portanto já não são dois, mas um só. Pois bem, o que Deus uniu não separe o homem.” (Mt 19 4-6). É nesta base que se sustenta a ideia do matrimónio como sacramento sagrado, integrado no princípio da indissolubilidade da fidelidade e da procriação que o sagrado concílio tanto defende pois “O próprio Deus é o autor do matrimónio” (GS nº 48).

Assim, sendo o matrimónio o ponto de partida para a união familiar, o matrimónio e o amor “ordenam-se para a procriação e educação da prole” sendo da responsabilidade dos pais o “dever da educação, sobretudo a religiosa, que a eles compete em primeiro lugar”. Mas as responsabilidades de cooperação e solidariedade familiares não se ficam só por aqui. Os filhos “como membros vivos da família” contribuem para a “santificação dos pais”. Dai que tenham responsabilidades com a assistência dos pais na velhice. Já São Paulo na primeira Carta a Timóteo refere a obrigação dos filhos cumprirem com o seu dever para com a família “Honra as viúvas, as que são verdadeiramente viúvas. Mas se alguma viúva tiver filhos ou netos, aprendem estes, antes de mais, a cumprir os seus deveres de piedade para com a própria família e a retribuir aos pais o que deles receberam, pois isso é agradável diante de Deus” (1 Tm 5,3-4).

O Concílio segue esta linha da responsabilidade dos filhos para com os pais e os mais velhos referindo que os filhos “Corresponderão aos benefícios recebidos dos seus pais, com sentimentos de gratidão, piedade e confiança, e, assisti-los-ão na adversidade e, como compete aos filhos, na solidão da velhice.” (GS nº 48). Verificamos aqui o alerta, de certa forma, para a necessidade do cuidado com os mais velhos e para o encontro de gerações, que atualmente se torna cada vez mais uma luz ao fundo do túnel. Sendo, segundo este documento conciliar, a “família o ponto de encontro de várias gerações” (GS nº 52) o “amor conjugal deve harmonizar-se com o respeito pela vida humana” (GS nº 51), respeito não só pelos filhos, em particular no seu nascimento, mas também cuidando da

⁸ Maria Olívia DIAS, “A Família numa sociedade em mudança problemas e influências recíprocas”, in *Gestão e Desenvolvimento*, 9 (2000) 94.

vida dos mais velhos e só assim haverá uma “harmonia profunda entre as leis da transmissão da vida e as do amor.” (GS nº 51).

Concluindo, sendo a “família o ponto de encontro de várias gerações que mutuamente se ajudam a adquirir uma mais plena sabedoria e a harmonizar os direitos das pessoas com as outras exigências da vida social, constitui o fundamento da sociedade”, daí que a sociedade deva respeitar, aqueles direitos fundamentais da família, refere o documento “ Que o poder civil considere como seu dever sagrado reconhecer, proteger e favorecer a verdadeira natureza desta, defender a moralidade pública e favorecer a prosperidade doméstica.” (GS nº 52)

Fazendo uma ligação entre estes dois documentos conciliares *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, podemos verificar a importância dada a esta instituição familiar que se representa pela indissolubilidade e fidelidade do matrimónio, o qual se repercute na educação e formação dos filhos, tendo em conta os valores do respeito, da cooperação e da solidariedade entre gerações. Mas esta educação não se fica só pelos valores, mas essencialmente pela educação e crescimento da fé. É a partir deste ponto, que prosseguimos esta viagem para um último documento saído deste concílio Vaticano II. Já não se trata de uma “constituição dogmática”⁹, mas sim de uma declaração intitulada *Gravissimum Educationis*¹⁰, Declaração sobre a Educação Cristã.

Esta mesma Declaração demonstra uma grande preocupação com a educação. Usando as palavras de Nelson Mandela¹¹, “a educação é uma das armas mais poderosas que se pode usar para mudar o mundo”, daí que haja o reconhecimento da necessidade da educação como forma de orientação humana. O Concílio no prólogo desta Declaração “considera com especial atenção a gravíssima importância da educação na vida do homem e o influxo cada vez maior que ela exerce no progresso social do nosso tempo”¹². Assim, segundo esta declaração, todos têm direito à educação, no sentido de que haja uma formação humana que leve à abertura ao diálogo e à cooperação do bem comum, no sentido de um caminho para a paz (GE nº 1). A quem compete a educação é essencialmente aos pais, os quais devem “ser reconhecidos como os seus primeiros educadores.” (GE nº 3).

⁹ Constituição apostólica (do latim: *Constitutio apostolica*) é um documento pontifício que trata de assuntos da mais alta importância. Distingue-se em Constituição Dogmática que contém definições de dogmas.

¹⁰ A declaração *Gravissimum educationis* foi aprovada no dia 28 de outubro de 1965 e, basicamente, tratou dos vários temas sobre a educação e, mais em particular, sobre a educação cristã.

¹¹ Nelson Mandela foi, Presidente da África do Sul de 1994 a 1999, responsável pela luta pacífica contra o racismo e discriminação dos negros na África do Sul, ganhou o prémio Nobel da Paz em 1993.

¹² CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Documentos Conciliares, *Gravissimum Educationis*, Gráfica de Coimbra, 1998.

“Com efeito é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade.” (GE nº 3).

Esta declaração não esquece a importância da família na educação dos filhos, e completa dizendo que a família necessita da ajuda da sociedade, a quem os pais também confiam a educação dos filhos. Sobressai daqui o “importante papel da escola” que ajuda os pais na educação dos filhos, tendo em conta, a promoção dos valores, do cultivo das faculdades intelectuais e da transmissão do património cultural (Cf. GE 4). E, neste sentido, os pais devem ter liberdade de escolha na educação dos seus filhos, no que respeita, em particular, à escolha da escola. Mostra também que é da responsabilidade civil a participação justa na cultura, a “adequada educação escolar e velar pela competência dos professores” e chama particular atenção para a “educação moral que deve ser ministrada” (GE nº 6).

“a Igreja consciente do gravíssimo dever de cuidar com todo o empenho da educação moral e religiosa dos seus filhos, assista com o seu particular afeto e ajuda aos muitíssimos alunos que são educados em escolas não-católicas.” (GE nº 7)

É neste sentido, que Igreja colabora com as famílias e com a sociedade civil na educação dos mais jovens, apelando à liberdade das escolhas educativas das famílias e respeitando o pluralismo da sociedade moderna, o qual deve ser também respeitado pela sociedade civil.¹³

Desta breve e não exaustiva análise e reflexão dos documentos conciliares, constata-se a extrema importância da família, não só como meio de transmissão de vida, mas como a primeira e principal educadora dos filhos. Educação esta que se inicia a partir do matrimónio como sacramento indissolúvel e fiel, que é responsável pela transmissão de valores no seio de uma sociedade pluralista, e onde é conjuntamente responsabilidade da Igreja e da sociedade civil colaborar com as famílias em todos os momentos e etapas, em particular na educação. Por outro lado, é igualmente dever dos filhos colaborarem com os seus pais, em todos os momentos da vida, em particular na doença e na velhice, sem deixar que os mesmos fiquem desamparados e abandonados. Assim a família deve ser um

¹³ Cf. GE 7.

ambiente acolhedor, onde deve imperar a compreensão, a solidariedade, o respeito e, sobretudo a partilha em qualquer momento da vida. Como referiu o saudoso Papa João Paulo II na sua carta Encíclica *Evangelium Vitae*:

“A família tem a ver com os seus membros durante toda a existência de cada um, desde o nascimento até à morte. Ela é verdadeiramente «o santuário *da vida* (...), o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico». 119 Por isso, o papel da família *é determinante e insubstituível na construção da cultura da vida.*

Como *igreja doméstica*, a família é chamada a anunciar, celebrar e servir o *Evangelho da vida*. Esta tríplice função compete primariamente aos cônjuges, chamados a serem transmissores da vida, apoiados numa *consciência* sempre renovada *do sentido da geração*, enquanto acontecimento onde, de modo privilegiado, se manifesta que *a vida humana é um dom recebido a fim de, por sua vez, ser dado*. Na geração de uma nova vida, eles tomam consciência de que o filho “se é fruto da recíproca doação de amor dos pais, é, por sua vez, um dom para ambos: um dom que promana do dom “.

A família cumpre a sua missão de anunciar o *Evangelho da vida*, principalmente através da *educação dos filhos*. Pela palavra e pelo exemplo, no relacionamento mútuo e nas opções quotidianas, e mediante gestos e sinais concretos, os pais iniciam os seus filhos na liberdade autêntica, que se realiza no dom sincero de si, e cultivam neles o respeito do outro, o sentido da justiça, o acolhimento cordial, o diálogo, o serviço generoso, a solidariedade e os demais valores que ajudam a viver a existência como um dom. A obra educadora dos pais cristãos deve constituir um serviço à fé dos filhos e prestar uma ajuda para eles cumprirem a vocação recebida de Deus. Entra na missão educadora dos pais ensinar e testemunhar aos filhos o verdadeiro sentido do sofrimento e da morte: podê-lo-ão fazer se souberem estar atentos a todo o sofrimento existente ao seu redor e, antes ainda, se souberem desenvolver

atitudes de solidariedade, assistência e partilha com doentes e idosos no âmbito familiar.”¹⁴

1.2. Exortação Apostólica Familiaris Consortio do Papa João Paulo II

Após o Sínodo sobre a Família do ano de 1980, o Papa João Paulo II escreve a sua Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*¹⁵ (sobre a função da família cristã no mundo de hoje), apelando a um outro olhar sobre a família, particularmente orientado para os problemas que a instituição família enfrenta, mas também para educação, no que respeita, particularmente à evangelização e a uma educação para a família, fornecendo uma orientação para aquela que deve ser a família cristã, considerando que a família é um dos bens mais preciosos da humanidade. Esta Exortação Apostólica está particularmente voltada para os jovens, sobretudo aqueles que “estão para encetar o seu caminho para o matrimónio e para a família, abrindo-lhes novos horizontes, ajudando-os a descobrir a beleza e a grandeza da vocação ao amor e ao serviço da vida.” (FC nº 1)

Não esquecendo que a Igreja está ao serviço da família e ao lado do Matrimónio, João Paulo II diz mesmo que a família é, de facto, a “primeira comunidade chamada a anunciar o Evangelho à pessoa humana em crescimento e a levá-la, através de uma catequese e educação progressiva, à plenitude da maturidade humana e cristã.” (FC nº 2).

Assim, começa por chamar à atenção para os problemas a que as famílias estão sujeitas no mundo de hoje. Deve-se ter presente que, este mundo de hoje a que se referia João Paulo II era no final do séc. XX, mais propriamente na década de oitenta; no entanto, estando já nós no séc. XXI estes problemas continuam a persistir, tendo-se até agravado. Continuando então, com as problemáticas a que as famílias estão sujeitas, fazendo uma análise da primeira parte da *Familiaris Consortio*, primeira parte esta que o Papa intitulou de “Luzes e sombras da família de hoje”, João Paulo II evidencia como primeiro problema os meios de comunicação social, “que põem subtilmente em perigo a liberdade e a capacidade de julgar com objetividade.” (FC nº 4) Mas os problemas maiores que as famílias enfrentam são o número “crescente dos divórcios”, a “praga do aborto” o “recurso mais recorrente à esterilização” e a “instauração de uma mentalidade contraceptiva, tudo isto, segundo o Papa, fruto de uma mentalidade egoísta, que só tem por base o prazer e o

¹⁴ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, Roma 25 de Março de 1995, nº 92.

¹⁵ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, Roma 22 de Novembro de 1981.

bem-estar excessivo. Estes problemas enunciados pelo Papa João Paulo II, fruto do crescimento do individualismo e do egoísmo, revelam-se também, na falta de meios que a família tem, particularmente em países do terceiro mundo, sendo esses problemas maiores os da sobrevivência, da falta de alimento, da falta de trabalho, falta de habitação e até de higiene, contraposto com o consumismo e materialismo dos países ricos.

É necessária, então, como afirma este bispo de Roma que só “uma educação para o amor, radicada na fé, pode levar a adquirir a capacidade de interpretar «os sinais dos tempos», que são a expressão histórica deste duplo amor.” (FC nº 6). É precisa uma nova sabedoria e educação para os valores, mas sabedoria e valores estes que se devem juntar todos os saberes e a partir da junção de todos os saberes partir para uma “educação da consciência moral” onde há a partilha de culturas e de experiências. Assim “A igreja inteira será enriquecida também por aquelas culturas que, embora carentes de tecnologia, são ricas em sabedoria humana e vivificadas por profundos valores morais.” (FC nº 10).

Após a reflexão e análise dos problemas que a família atravessa, muito por influência de uma sociedade individualista e egoísta, João Paulo II, na segunda parte da sua Exortação que intitulou “O desígnio de Deus sobre o Matrimónio e sobre a família”, mostra que Deus criou o homem por amor, de modo que a vocação originária do ser humano é o amor. Sendo o Matrimónio um dom de Deus, o homem deve estar para o matrimónio como doação, sendo o amor e dom de Deus base da indissolubilidade deste laço, no qual os cônjuges se dão à fidelidade e à fecundidade e consequentemente à procriação e educação dos filhos, onde devem ser essencialmente “testemunhas do Evangelho”. A família deve ser, assim, lugar de comunhão e socialização, e, sobretudo de inserção dos filhos na grande família da Igreja através da educação (FC nº 15).

Consequentemente, sendo o desígnio humano a sua vocação para o amor, na terceira parte da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, o Papa foca a sua atenção para “Os deveres da família cristã”, como que orientando as famílias cristãs para as suas obrigações na sociedade.

Deste modo, a família tem uma “missão”, e a missão confiada à família é a de guardar, revelar e comunicar o amor, sendo uma comunidade de vida e de amor. Assim, a família tem quatro deveres: primeiro a formação de uma comunidade de pessoas; segundo, o serviço à vida; terceiro, a participação no desenvolvimento da sociedade, e por último, a participação na vida da Igreja (FC nº 17).

Relativamente à formação de uma comunidade de pessoas, o “amor é o princípio e força de comunhão, a formação da família deve ser sustentada no amor a partir da unidade

indivisível da comunhão conjugal que é o Matrimônio, sendo este amor conjugal um testemunho firme de fidelidade. Esta comunhão familiar radica-se nos “laços naturais da carne e do sangue”, ou ainda na instauração de laços mais profundos e ricos do espírito, pois a família é essencialmente “escola de humanismo” (FC nº 21). Sendo “escola de humanismo”, a comunhão familiar só pode ser conservada e estimada, se entre todos os membros houver respeito, tolerância, compreensão e perdão, uma vez que, todos os membros são chamados a fazer a paz através da reconciliação e do respeito mútuo. É da responsabilidade dos pais darem aos filhos a educação que eles precisam e a fazê-los crescer num ambiente de amor, acolhimento, estima e educação espiritual, por seu lado, os filhos devem aos pais respeito e obediência.

João Paulo II não esquece, também, aqui o papel extremamente importante do “ancião”, isto é, dos mais velhos, pelos quais deve haver veneração e amor, sendo que o mesmo não deve ser excluído da sociedade, muito menos do ambiente familiar. O mais velho, ou os mais velhos, devem ser inseridos no ambiente familiar e sendo eles inspiradores de sabedoria são os principais divulgadores de sabedoria antiga. E, porque são eles que nos transmitem saberes, que muitas vezes não aprendemos na escola. Os avós são em muitos dos casos os grandes transmissores de amor e afeto e, assim, devem ser eles também, merecedores de amor e afeto. O Papa alerta ainda que, com a industrialização e as novas tecnologias, existem situações inaceitáveis de marginalização dos mais velhos, citando o mesmo:

“É necessário que a ação pastoral da Igreja estimule todos a descobrir e valorizar as tarefas dos anciãos na comunidade civil e eclesial, e, em particular, na família. Na realidade, «a vida dos anciãos ajuda-nos a esclarecer a escala dos valores humanos; mostra a continuidade das gerações e demonstra maravilhosamente a interdependência do povo de Deus. Os anciãos têm além disso o carisma de encher os espaços vazios entre gerações, antes que sublevem. Quantas crianças têm demonstrado compreensão e amor nos olhos, nas palavras e nos carinhos dos anciãos!»” (FC nº 27)

É a partir destas relações humanas, familiares, que o Papa fala e aponta para uma educação sustentada no amor e para o amor, educando para os valores e para o estabelecimento e fortalecimento de laços e vínculos. Pois é a partir da criação de laços que a sociedade se constrói, em particular a família. Sendo obrigação da família a participação no desenvolvimento da sociedade, a família tem como função a socialização da criança

promovendo a comunhão com os outros, por outro lado a sociedade deve promover o bem da família, onde deve ser assegurado aos pais o direito à escolha de uma educação para os seus filhos. Não é só na sociedade que os pais devem integrar os filhos, mas no caso das famílias cristãs também devem integrar os filhos na Igreja e participar na vida da Igreja, sendo obrigação dos pais a evangelização, educando os filhos para a oração, para a caridade, para os sacramentos e fundamentalmente educar os filhos para as relações humanas. (FC nº 41)

Nesta base das relações humanas e da construção de laços entre os membros da família e destes com a sociedade, na quarta e última parte da sua Exortação apostólica, o Papa João Paulo II propõe uma pastoral familiar, onde a Igreja acompanhe a família cristã no seu caminho, tendo em vista a evangelização, a preparação para o matrimónio, o acolhimento das famílias com problemas, sendo estes problemas de desavença, por exemplo, no caso dos emigrantes, nos casos de divórcio e de casamentos mistos, no sentido de ensinar cultivando o caminho da fidelidade e, assim, torna-se necessário uma ação contínua para o amor e a interajuda, por que o “futuro da humanidade passa pela família”¹⁶.

Este trabalho pretende ser um particular olhar para a vulnerabilidade dos mais velhos, que tem como base, também, este olhar que o Papa João Paulo II foca nos “anciãos” como já acima foi referido, e que reflete da mesma forma sobre uma pastoral para com os mais velhos, mostrando que “não pode ser transcurado pela Igreja o momento da velhice”, tendo a Igreja que estar presente nos momentos de solidão, no eventual abandono, no sofrimento da doença, na humilhação de ter que depender dos outros, e de se sentir um peso para os outros. Deve ser obrigação da Igreja estar presente nestes momentos difíceis da velhice, mas sobretudo e essencialmente da família, por isso esta Exortação está voltada para a necessidade de uma “educação para o amor” e para a criação de laços, e só a partir destes valores se pode esperar uma renovação da sociedade, assente nos valores do respeito, da solidariedade e da caridade.

1.3. Catechismus Catholicae Ecclesiae

Na continuidade dos documentos conciliares e da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, este importante documento do qual me vou debruçar, o *Catecismo da Igreja*

¹⁶ JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, conclusão.

*Católica*¹⁷, o mesmo é fonte fundamental para esta questão da família, da educação e do cuidado com os mais velhos, especialmente porque vem na linha de pensamento dos documentos do Concílio Vaticano II e do pontificado do Papa João Paulo II, que muito se debruçou sobre esta temática como se pôde verificar anteriormente.

“Nos nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva e irradiante. É por isso que o II Concílio do Vaticano chama à família, segundo uma antiga expressão, «*Ecclesia domestica* – Igreja doméstica». É no seio da família que os pais são, «pela palavra e pelo exemplo [...], os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vida consagrada».¹⁸

No que concerne à família, à educação e aos mais velhos, mais particularmente ao cuidado com os mais velhos, o CCE assenta nos Mandamentos da lei de Deus, concretamente nos ensinamentos de Jesus quando O mesmo refere “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Jo 13,34). Quando São Paulo refere na sua carta aos Romanos que “quem ama o próximo cumpre plenamente a lei” (Rom 13, 8-10), estando isto assente, também, no quarto mandamento da lei de Deus “Honrar pai e mãe”. Este quarto mandamento “exige que se honre pai e mãe”, depois de Deus, que se respeite a sua autoridade, dirigindo-se, sobretudo aos filhos, nas suas relações com os pais, “mas diz respeito igualmente às relações de parentesco com os membros do grupo familiar. Exige que se preste honra, afeição e reconhecimento aos avós e antepassados.”¹⁹ Essencialmente, este mandamento exige que se respeite, a vida, o matrimónio e os bens comuns.

Daquilo que já vem sendo descrito atrás, desde os Documentos conciliares até à Exortação *Familiaris Consortio* de João Paulo II, o CCE demonstra que o matrimónio está orientado para o bem dos esposos, e a família é constituída pelo homem e a mulher em conjunto com os seus filhos, pois “ao criar o homem e a mulher, Deus institui a família humana e dotou-a da sua constituição fundamental”²⁰, assim a família cristã é uma comunhão de pessoas, em que a sua atividade procriadora é, neste sentido, “o reflexo da obra criadora do Pai”, onde a sua concretização se dá no consentimento mútuo dos

¹⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, promulgado a 15 de Agosto de 1997 em Castel Gandolfo pelo Papa João Paulo II através da Carta Apostólica *Laetamur Magnopere*.

¹⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, 1999², nº 1656.

¹⁹ CCE nº 2199.

²⁰ CCE nº 2203.

esposos, em que a sua mútua comunhão faz de si a “Igreja doméstica”, já atrás referida nos documentos do Concílio Vaticano II.

Na relação com a sociedade, como também já atrás referimos, a família é a principal socializadora das crianças e dos jovens; segundo o CCE “é a célula originária da vida social”. Não só a família tem obrigações com a sociedade, mas sobretudo a sociedade tem obrigações para com a família, sejam elas políticas ou religiosas. Enquanto obrigação da família, a família é a comunidade, em que desde a infância se podem aprender os valores morais, ajudando as crianças e os jovens a fazer um bom uso da liberdade. Por seu lado, também, como é referido n.º número 2208, “A família deve viver de modo que os seus membros aprendam a preocupar-se e a encarregar-se dos jovens e dos velhos, das pessoas doentes ou incapacitadas e dos pobres.” É obrigação da família cuidar, dentro das suas possibilidades, quando não é possível, deve existir uma ajuda mútua entre as diferentes famílias. Por outro lado, a família deve ser ajudada pela sociedade e a comunidade política tem a obrigação de ajudar as famílias no que concerne essencialmente: à possibilidade de ter um lar digno; à educação dos filhos, de acordo com as convicções dos pais; à liberdade de professar uma fé; ao direito a cuidados médicos e à assistência aos idosos e à liberdade de formar associações com outras famílias, mais uma vez, sendo a sociedade um conjunto de relações humanas, as mesmas devem-se respeitar mutuamente, respeitando as suas liberdades vivendo num ambiente de fraternidade, o qual deve começar pela “primeira célula da sociedade”, a família.

Relativamente às relações internas de cada família, ainda no que concerne a esta reflexão do CCE, os filhos devem respeitar os pais, respeitando-os na sua autoridade, pela obediência. Por seu lado, os pais devem respeitar os filhos dando-lhes afeto, amor e educação que eles precisam, uma vez que, os pais não são só apenas meros procriadores, mas os principais e “primeiros” educadores para a moral e para os valores. Não esquecendo, que os pais envelhecem, “O quarto mandamento lembra aos filhos adultos as suas responsabilidades para com os pais. Tanto quanto lhes for possível, devem prestar-lhes ajuda material e moral, nos anos da velhice e no tempo da doença da solidão e do desânimo:”²¹ É o amor e o respeito filial que favorecem a harmonia de toda uma vida familiar, já o refere São Paulo, na sua carta aos Efésios, falando da pluralidade e diferença de cada pessoa “ sede humildes, amáveis, pacientes e suportai-vos uns aos outros na caridade (amor)” (Ef 4,2).

²¹ CEC n.º 2218.

No que concerne à educação, o Catecismo da Igreja Católica, segue a orientação dos documentos conciliares. A educação é da responsabilidade dos pais, devendo estes ter a cooperação da sociedade civil, sendo-lhes dada total liberdade de escolha na educação dos filhos, pois são os pais os primeiros responsáveis pela educação, como já o havíamos verificado anteriormente na declaração *Gravissimum Educationis*.

1.4. A Doutrina Social da Igreja

Continuando com o enfoque desta problemática da família, da educação e dos mais velhos, passarei agora à análise muito sumária do *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*²².

O *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* começa exatamente por referir “A família, como célula vital da sociedade” e a “primeira sociedade natural”²³, para além de vital, como já o refere João Paulo II na sua Exortação *Familiaris Consortio*, “o futuro da humanidade passa pela família”. A Igreja dá aqui especial destaque e centralidade à família na sociedade, onde o “casal” constitui a primeira forma de comunhão entre pessoas”, como o refere e o vimos anteriormente no *Catecismo da Igreja Católica*.

Comecemos por analisar a grande importância da família para a pessoa, pois a pessoa, só o é em comunhão com os outros e em “doação aos outros”, onde o homem e mulher unidos pelo matrimónio, estando unidos num só, dão aos seus filhos o amor e afeto de que precisam, onde estes possam crescer num ambiente de paz e de amor. Sendo a primeira célula da sociedade a família dá à sociedade como que, um primeiro estado de relações, que começam no matrimónio, terminando na procriação. Como verificamos anteriormente, mais uma vez, sai reafirmado o valor e a necessidade do matrimónio para a formação de uma família, matrimónio este, que assente na fidelidade e na indissolubilidade, como valores fundamentais para educação, uma vez que, demonstram a

²² **Doutrina Social da Igreja** (DSI) é o conjunto dos ensinamentos contidos na doutrina da Igreja Católica e no Magistério da Igreja Católica, constante de numerosas encíclicas e pronunciamentos dos Papas inseridos na tradição multissecular, e que tem suas origens nos primórdios do Cristianismo. Tem por finalidade fixar princípios, critérios e diretrizes gerais a respeito da organização social e política dos povos e das nações. É um convite a ação. A finalidade da doutrina social da Igreja é “levar os homens a corresponderem, com o auxílio também da reflexão racional e das ciências humanas, à sua vocação de construtores responsáveis da sociedade terrena” [consultado no Wikipedia 08-03-2015].

²³ CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Cascais, Editora Principia, 2005, 148.

total doação recíproca que é passada aos filhos. É, assim, por este vínculo sacramental que a família cristã se torna a “Igreja doméstica”, sendo total sinal de unidade.²⁴

É na família que cresce a comunidade de pessoas, onde o valor principal que os une é o do amor, este amor deve espelhar-se por todos os seus membros, desde o nascimento até à morte, como o refere João Paulo II na sua carta encíclica *Evangelium Vitae*, no número 92, como o verificamos anteriormente, em que o mesmo promove a construção de uma cultura para a vida, denotando-se a responsabilidade da família de procriar e de cuidar dos filhos a partir de um autêntico “Evangelho da vida” assim como, de cuidar dos mais velhos dando-lhes o carinho e a atenção de que os mesmos precisam pois “acolhendo a vida humana na unidade das suas dimensões, físicas e espirituais, as famílias contribuem para a “comunhão das gerações” e para a continuidade da espécie, e dão, deste modo, um contributo essencial e insubstituível para o progresso da sociedade.”²⁵

Em referência à educação, ou “tarefa educativa”, o compêndio refere que pertence essencialmente aos pais, dado que é na família que as crianças aprendem a primeiras virtudes, e os valores da relação com os outros. Mais uma vez, é reforçado neste *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, todo o legado deixado pelos documentos conciliares e pela Exortação *Familiaris Consortio*, na qual compete à família a responsabilidade da educação dos filhos, com a ajuda e colaboração da sociedade, prevalecendo a livre escolha dos pais na educação dos filhos, tendo em conta as suas convicções, sendo da obrigação da família a responsabilidade de oferecer uma formação integral aos seus filhos e esta integralidade fica assegurada quando “os filhos – com o testemunho de vida e com a palavra – são educados para o diálogo, para o encontro, para a sociabilidade, para a legalidade, para a solidariedade e para a paz, mediante o cultivo das virtudes fundamentais da justiça e da caridade.”²⁶

Concluindo aqui esta análise, o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, faz como que uma síntese, daquilo que já foi referido nos documentos conciliares, na *Familiaris Consortio* e no *Catecismo da Igreja Católica*, começando pela defesa da família a partir de uma relação conjugal que se consuma livremente com o matrimónio, matrimónio este assente na indissolubilidade e na fidelidade, que se orienta para a procriação dos filhos, estando bem definida a defesa da vida humana, em qualquer das suas etapas, seja no cuidado com as crianças, seja no cuidado com os mais velhos, e sendo a família a

²⁴ *Ibidem*, 153.

²⁵ CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Cascais, Editora Principia, 2005, 165.

²⁶ *Ibidem*, 168.

“primeira célula da sociedade”, sociedade esta, que tem o dever e corresponsabilidade de ajudar as famílias em todas as suas obrigações, não esquecendo a função essencial que é a de educadora para os valores, particularmente os da relação. Pegando num dos pontos do preâmbulo da *Carta dos Direitos da Família*²⁷ na letra G, que bem sintetizam tudo o que foi referenciado “A família e a sociedade, vinculadas mutuamente por laços vitais e orgânicos, têm uma função complementar na defesa e promoção do bem de toda a humanidade e de cada pessoa.”²⁸

1.5. Instrumentum Laboris – Os desafios pastorais da família no contexto da Evangelização

Dando continuidade ao estudo da problemática da família, da educação e do cuidado com os mais velhos ainda no contexto dos documentos do Magistério da igreja, vamos, agora, introduzir o documento preparatório para o Sínodo sobre a família, que se iniciou em assembleia extraordinária em outubro de 2014 e que terá a sua continuação no ano de 2015, que terá em conta as temáticas abordadas neste documento, no sentido de encontrar linhas adequadas de ação pastoral.

O documento *Instrumentum Laboris* (documento preparatório da terceira Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos bispos de outubro de 2014), tendo como tema *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*, resume em três partes as respostas das famílias de todo o mundo dadas ao inquérito que foi realizado por todas as famílias, nas diferentes dioceses, inquérito este com perguntas relativas ao matrimónio e à família.

O mesmo está dividido em três partes: a primeira, “Comunicar o Evangelho da família Hoje”, a segunda, “A Pastoral da família face aos novos desafios” e por último, a terceira parte, “A abertura à vida e a responsabilidade educativa”.

²⁷ A *Carta dos Direitos da Família* apresentada pela Santa Sé a todas as pessoas, instituições e autoridades interessadas na missão da família no mundo contemporâneo é um documento emitido em 22 de outubro de 1983 pelo "Pontifício Conselho para a Família", órgão da Santa Sé. O documento atende a uma solicitação do Sínodo dos Bispos de 1980, reunido em Roma, com a finalidade de estudar o tema "O papel da família cristã no mundo contemporâneo". O Papa João Paulo II, na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* acolheu a solicitação dos bispos e instou os órgãos competentes da Santa Sé para que preparassem um documento que contivesse uma *Carta de Direitos da Família* que fosse apresentado a todas as autoridades interessadas no tema. [consultado no Wikipedia a 08-03-2015].

²⁸ <http://diocesedecoimbra.pt/sdpfamiliar/documentocartadosdireitosdafamilia.htm> [consultado em 15-02-2015].

Assim, na primeira parte, este documento faz uma abordagem ao Evangelho da Família, tendo em conta várias passagens bíblicas que reforçam que o Homem sendo criado à Imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26-28), e como cooperador na criação, assim como faz uma abordagem pelos documentos do magistério da Igreja, onde, como vimos já anteriormente, aquando da análise dos documentos do Concílio Vaticano II, está patente a promoção da dignidade do matrimónio e da educação das crianças e jovens como uma obrigação da família. Sendo a família “escola de humanidade” (IL nº 31), a mesma tem obrigação de ensinar e partilhar os valores do amor e da esperança. Sendo a “primeira célula da sociedade”, é o lugar privilegiado onde se podem “aprender e transmitir valores como a fraternidade, lealdade, amor à verdade e ao trabalho, respeito e solidariedade entre as gerações, assim como a arte da comunicação e da alegria. Ela é o espaço privilegiado para viver e promover a dignidade e os direitos do homem e da mulher. A Família, fundada no matrimónio, representa o âmbito de formação integral dos futuros cidadãos de um país.” (IL nº 32). Neste sentido, este documento aborda nesta primeira parte, para além da necessidade de um Anúncio do Evangelho da família, a necessidade de criar uma pastoral que estimule a participação da família na sociedade, participação esta que seja um desafio da relação da família com o mundo do trabalho, a capacidade de unir entre si as gerações, de modo a que não haja abandono nem de jovens nem de idosos e à promoção de leis justas para a família, no sentido de se garantir a defesa da vida humana desde a sua conceção e uma vida mais favorável ao matrimónio (cf. IL nº 34).

Mais concernente à educação, a família tem uma importância essencial para o desenvolvimento integral, preparando as crianças e jovens para a afetividade e para a reciprocidade humanas, tendo em conta a diferença de cada um, não esquecendo aqui a problemática da violência doméstica, refere-se nesta primeira parte, a necessidade de uma pastoral familiar que acompanhe as situações de violência, que advém das respostas dadas ao inquérito. No que diz respeito a esta questão da Violência doméstica, já alguns alertam para a igual dignidade de homem e mulher, “homem e mulher, enquanto imagem de Deus, têm a mesma dignidade. Não há lugar para discriminação da mulher. Contudo, o homem e a mulher não são simplesmente iguais. A sua igualdade funda-se na criação.”²⁹ Mais um motivo para que haja uma pastoral da família voltada para esta problemática que hoje muito entristece esta sociedade que leva cada vez mais à violência.

Relativamente à segunda parte, que reflete sobre uma pastoral da família face aos novos desafios, fala-se de uma Igreja que tenha a “coragem de sair de si” (IL nº 50) e que

²⁹ Walter KASPER, *O Evangelho da Família*, Paulinas Editora, junho de 2014, 14.

vá ao encontro das pessoas e da família. Refere-se aqui a necessidade de se desenvolver uma pastoral que se envolva ainda mais com o matrimónio, no sentido de acolher os nubentes, não só antes do matrimónio, assim como depois. Mereceu especial destaque a necessidade do exemplo de vida e de fidelidade dos casais mais velhos, que testemunham um amor de uma vida, neste sentido, pretende-se que hajam mais cursos de preparação para noivos, assim como se pretende uma melhor preparação do clero nesta matéria.

Uma outra problemática com a qual se depara a Igreja e os pastores é a problemática dos casamentos mistos, das uniões de facto, do divórcio e dos casais divorciados recasados (fruto desta sociedade individualista e egoísta). Neste sentido chamam a atenção para a necessidade do acolhimento e acompanhamento decisivos da comunidade cristã (IL nº 79). Para além destas situações, surge o dever de acolher e transmitir a fé cristã às crianças cujos pais são casais homossexuais, as crianças devem ser acolhidas no Batismo (IL nº 120).

Por último, na terceira parte, reflete-se sobre “a abertura à vida e responsabilidade educativa”, em particular de um desafio pastoral acerca da abertura da vida. O que propõe é a criação de uma mentalidade aberta à vida, indicando a necessidade de uma maior difusão da encíclica *Humanae Vitae*³⁰, com uma linguagem renovada, propondo uma visão antropológica mais coerente e procurando uma educação para o amor (IL nº 128). Está em causa aqui, o menor número de nascimentos e do fechamento à maternidade e paternidade, o que poderá levar a um maior envelhecimento da sociedade.

Para além disto chama-se a atenção da Igreja e da família para o desafio educativo, propondo-se uma educação integral em que seja salvaguardada a responsabilidade dos pais, mas uma educação que se sustente no bom testemunho dos pais e assim solicita-se uma maior colaboração entre famílias, escolas e comunidades cristãs, onde se promova o acolhimento de todos, independentemente da sua condição ou origem familiar. Assim “parece cada vez mais necessária uma pastoral sensível, norteadada pelo respeito das situações irregulares (divórcio, uniões de facto, homossexualidade), capaz de oferecer uma ajuda concreta para a educação dos filhos.” (IL nº 154).

Concluído nesta última parte o documento denuncia concretamente o fraco conhecimento da Encíclica *Humanae vitae*. Na maioria das respostas evidencia-se as dificuldades que se encontram sobre o tema da afetividade, da geração da vida, da reciprocidade entre o homem e a mulher, da paternidade e maternidade responsáveis.

³⁰ Encíclica do Papa Paulo VI, *Humanae Vitae*, Roma 25 de Julho de 1968.

Relativamente à responsabilidade educativa dos pais, o documento demonstra a dificuldade da transmissão da fé aos filhos e de lhes dar uma educação cristã sobretudo em situações familiares complexas, cujos reflexos sobre os filhos se alargam do mesmo modo ao ambiente da fé.

*1.6. III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos bispos – Relatio Synodi –
Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*

Continuando com a análise da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos bispos, verificaremos agora o resultado desta reunião que durou de 5 a 19 de Outubro de 2014, e da qual se lavrou o documento *Relatio Synodi*.

O presente documento está dividido em três partes de reflexão, sendo a primeira a *Escuta*, a segunda *O Olhar fixo em Cristo: O Evangelho da Família* e a terceira parte o *Confronto: perspectivas pastorais*.

Assim, na primeira parte, os bispos refletem e olham para a família em toda a sua complexidade atual, mostrando que a mesma está em perigo, muito em particular devido ao “crescente individualismo”, altamente característico desta nossa sociedade.³¹ Não se trata só de uma preocupação com o crescente individualismo, mas também do problema da solidão, assim como do perigo do relativismo e da indiferença que é cada vez maior, alertando para a problemática da utilização das crianças como objeto, no que toca à disputa entre os pais, mais concretamente os pais separados ou divorciados (RS nº 6-8).

Neste sentido, resulta desta reunião a necessidade de uma maior importância pela vida afetiva e onde se procurem “relações afetivas de qualidade”, pois “essa justa aspiração pode abrir ao desejo de se empenhar na construção de relações de *doação e de reciprocidade criativas, responsabilizadores e solidárias como as familiares*.” (RS nº 9) Sendo o individualismo um grande problema, o mesmo resulta do egoísmo, assim “o desafio que se coloca à Igreja é ajudar os casais na maturação da dimensão emocional e no desenvolvimento afetivo, através da promoção do diálogo, da virtude e da confiança no amor misericordioso de Deus.” (RS nº 9)

Esta fragilidade da afetividade atual levam, segundo este documento, ao problema da natalidade e conseqüentemente à mentalidade antinatalista presente. Não só por uma

³¹ PADRES SINODAIS, *Relatio Synodi*, Os desafios pastorais da família no contexto da Evangelização, Paulinas Editora, janeiro de 2015, nº 5.

questão de afetividade, mas também às políticas económicas adversas porque passa a instituição família na atualidade. Neste contexto “a mensagem cristã traz sempre em si a realidade e a dinâmica da misericórdia e da verdade, que em Cristo convergem.” (RS nº 11). Na última parte retomar-se-á esta questão da mentalidade antinatalista atual.

Podemos verificar a partir desta primeira parte que a grande problemática hodierna que afeta e muito a família é o individualismo, o relativismo e a indiferença. Não obstante, estes fatores serem uma problemática do momento, a Igreja propõe aqui uma educação para a afetividade. Já o Papa João Paulo II na sua exortação apostólica *Familiaris Consortio* propunha a indispensabilidade da construção de laços no seio familiar, como se verificou anteriormente. Será então a partir desta misericórdia e verdade de Cristo que se torna indispensável uma educação e uma cultura para a afetividade, colmatando toda a problemática do individualismo e da indiferença.

Na segunda parte da *Relatio Sinody*, *O Olhar fixo em Cristo: O Evangelho da Família*, propõem-se a compreensão do sacramento nupcial cristão como uma novidade, onde deve haver uma “constante conversão ao amor” (RS nº 13), visto que o matrimónio é uma união indissolúvel que é dom e não uma opressão ou imposição, matrimónio este onde deve imperar o diálogo a compreensão e o perdão e onde haja a reciprocidade do amor.

É a partir do matrimónio que se forma a família e nela se desenvolve. Este documento refere três etapas do projeto de Deus sobre o matrimónio, sendo o primeiro o matrimónio primordial entre Adão e Eva, o segundo momento a aliança do povo com Deus inaugurada por Moisés e, por último a vinda de Jesus, trazendo consigo a misericórdia e o perdão (cf. RS 15-16). Também os vários documentos do Magistério referem a superioridade do amor face a todas as contrariedades da vida, sublinhando sempre a reciprocidade do amor. “O dom recíproco, constitutivo do Matrimónio sacramental, está radicado na graça do Batismo, que estabelece a aliança fundamental de cada pessoa com Cristo na Igreja.” (RS nº 21) Sendo o matrimónio dom recíproco, o mesmo é dar-se à abertura à vida e, neste sentido, a família como “célula basilar e necessária”, ela é fecunda. Este relatório dá como exemplo as famílias que vivem firmes no matrimónio como exemplo credível da beleza do matrimónio indissolúvel, porque são elas o grande testemunho do amor verdadeiro e fraterno e do “perdão generoso” que sempre se renova (RS nº 23).

Nesta reunião, os bispos não foram indiferentes à questão dos divorciados e dos divorciados recasados, para eles também há que haver uma pastoral que os guie e os ajude

a “alcançar a plenitude do plano de Deus nelas” assim como de uma “atenção pastoral misericordiosa e encorajadora” (RS nº 25-26).

“Neste sentido, uma dimensão nova da pastoral familiar hodierna consiste em prestar atenção à realidade dos matrimónios civis entre homem e mulher, aos matrimónios tradicionais e, com as devidas diferenças, também às convivências.” (RS nº 27)

Concluindo esta parte, não querendo a Igreja ficar indiferente aos problemas das pessoas e em particular das famílias, a mesma, olhando com “o olhar misericordioso de Cristo” tem o dever de acompanhar “com atenção e solicitude os seus filhos mais frágeis”, uma vez que, “O amor misericordioso, como atrai e une, também transforma e eleva; convida à conversão”(RS nº 28)

A última parte deste relatório (*Relatio Sinody*) que tem como título “O Confronto: Perspetivas culturais”, tem como ponto de partida o anúncio do Evangelho da família, hoje e nos vários contextos, olhando para as diferentes culturas do nosso mundo. Está aqui em causa uma nova evangelização que deve ser da “responsabilidade de todo o povo de Deus” (RS nº 30), também aqui as famílias têm um papel essencial, ou não sejam elas a “Igreja Doméstica” de que já desde o Concílio Vaticano II se fala.

Neste sentido, é preciso uma pastoral mais ativa e que vá ao encontro das pessoas e que não se desligue dos problemas por elas vivenciados, alertando para a necessidade de se educar para a reciprocidade, para a comunhão e para a fecundidade, não se trata aqui de “apresentar uma norma, mas de propor valores, respondendo à necessidade que se sente deles, hoje constatada também nos países mais secularizados.” (RS nº 33). Sendo o matrimónio cristão uma vocação torna-se então indispensável uma renovação da prática pastoral onde haja um maior envolvimento das famílias.

Por outro lado, esta assembleia alerta para os perigos ou “condicionamentos culturais, políticos e económicos, que impedem uma autêntica vida familiar” (RS nº 38), mostrando a necessidade de uma mudança de mentalidade para esta problemática. É preciso dar espaço à família, para que a família possa conviver como família.

No que se refere aos noivos, ou aos jovens que têm como orientação o matrimónio cristão, deve-se dar toda a atenção, acompanhando-os não apenas na preparação para o matrimónio, mas também depois do matrimónio e nos primeiros anos de vida familiar.

Para aqueles que vivem só no matrimónio civil ou em convivência, deve existir um diálogo pastoral “a fim de evidenciar os elementos da sua vida que possam levar a uma maior abertura ao Evangelho do matrimónio na sua plenitude.” (RS nº 41). Por outro lado, tendo em conta as uniões de facto, estas não são colocadas à parte ou esquecidas. Há que acolher estes casais neste diálogo pastoral abrindo-lhes horizontes à alegria do matrimónio.

Outra responsabilidade pastoral é a de “cuidar das famílias feridas” como o caso das famílias separadas pelo divórcio, dos divorciados recasados e não recasados e das famílias monoparentais. A Igreja deve estar sempre disponível para ajudar e orientar os casais que têm problemas, olhando para as famílias nas suas diferenças e mostrando-lhes o caminho do perdão e da misericórdia, uma vez que, “a pastoral da caridade e da misericórdia tendem a recuperar as pessoas nas suas relações” (RS nº 44). A Igreja tem de estar mais próxima e ajudar essencialmente as famílias monoparentais, no sentido de ajudar os filhos, que muitas vezes são vítimas das confusões causadas pelas separações ou abandonos. Por outro lado, este relatório evidencia que é preciso uma simplificação dos processos de nulidade de matrimónios, exigindo-se aqui a “responsabilidade do bispo diocesano”(RS nº 49). Concretamente aos divorciados mas não recasados, os mesmos devem procurar na Eucaristia o alimento que os conforte, por seu lado os divorciados recasados podem abeirar-se da Eucaristia mas de forma espiritual.

Não ficando indiferente à problemática atual da natalidade, mais uma vez, fica o alerta para a responsabilidade económica, que leva muitos casais a não ter filhos, ou a reduzir o número de filhos. Esta Assembleia alerta que “a forte quebra de natalidade, que enfraquece o tecido social, compromete a relação entre gerações e torna mais incerto o olhar para o futuro. A abertura à vida é exigência intrínseca do amor conjugal.” (RS nº 57). Assim sendo, é necessário um respeito maior pela dignidade da vida humana, daí a chamada de atenção dos bispos para uma redescoberta da mensagem da encíclica do Papa Paulo VI, *Humanae Vitae*, e onde se deve “ajudar a viver a afetividade, inclusive na ligação conjugal, como um caminho de maturação, no cada vez mais profundo acolhimento do outro e numa doação cada vez mais plena” e numa abertura à vida (RS nº 59).

Concluindo com a educação, este Sínodo refere exatamente que o maior desafio da família é a educação, muito por causa da influência da comunicação social, que muitas vezes complica a tarefa de educar das famílias. No seguimento dos documentos conciliares, os bispos voltam a referir a necessidade da escolha livre da educação pelas famílias segundo as suas próprias convicções (cf. RS nº 60). Por último refere o papel

precioso de ajuda e colaboração às famílias no que respeita à iniciação cristã, e a todas as comunidades que solicitam o apoio que as paróquias devem dar aos pais no acompanhamento das crianças e dos jovens dizendo que “a pastoral e uma devoção mariana são um ponto de partida oportuno para anunciar o evangelho da família” (RS nº 61).

2. Os problemas sociais atuais e a família

Quanto ao ponto dois, deste primeiro capítulo, o que se pretende é fazer uma análise da atualidade da família, da educação e dos idosos, numa perspectiva um pouco mais filosófica e sociológica, no sentido de aprofundar os problemas que se encontram nesta falha da procura da proximidade e da partilha que culminam num problema do fechamento do ser humano em si mesmo.

Por outro lado, pretende ao mesmo tempo, ser uma proposta de uma educação para os direitos humanos, que tem como sustentação o respeito pelo ser humano, seja qual for a sua condição.

Num último subponto apresento uma reflexão sobre a condição dos idosos na sociedade atual, considerando aqui a falta de inclusão dos mais velhos nas diversas atividades sociais, evidenciando que se torna imprescindível fazer uma maior inclusão dos idosos na sociedade e de uma forma mais ativa, permitindo-lhes tomar parte nas decisões tanto familiares como da própria sociedade.

2.1. A filosofia individualista de Gilles Lipovetsky e a proposta alternativa de uma cultura para os valores e os direitos humanos

“Hoje em dia, muitas famílias têm de se confrontar com grandes dificuldades. Muitos milhões de pessoas encontram-se em situações de migração, fuga e afastamento, ou em condições de miséria indignas do homem, nas quais não é possível uma vida familiar estruturada. O mundo atual está a viver uma crise antropológica. O individualismo e o consumismo põem em questão a cultura

tradicional da família; as condições económicas e laborais tornam muitas vezes difícil o convívio e a coesão no seio familiar.”³²

No mundo atual, marcado por um crescente individualismo, em que o ser humano se fecha em si mesmo, ignorando, muitas das vezes o outro que está ao nosso lado, torna-se necessário fazer uma profunda reflexão da nossa sociedade e consequentemente de tudo o que a envolve, como por exemplo, da família, que cada vez mais se afasta de valores fundamentais como os da solidariedade, cooperação e educação, sendo estes os valores necessários, a uma sociedade que se afasta a olhos vistos da relação com o outro. São “questões sociais deste nosso tempo”, que nos movem para a procura de uma outra mentalidade, a mentalidade que procura a relação, que procura o “sentido do outro”.³³

Segundo o filósofo francês Gilles Lipovetsky (nascido em Millau, França, a 24 de Setembro de 1944) o problema da nossa sociedade moderna está “na desagregação da sociedade, dos costumes, do indivíduo contemporâneo da época do consumo de massa, da emergência de um modo de socialização e de individualização inédito, em rutura com o instituído desde os séculos XVII e XVIII.”³⁴

O filósofo tenta mostrar uma sociedade moderna/pós-moderna, onde o individualismo e o vazio da sociedade imperam em detrimento de valores como o da convivência, da caridade, da afetividade e partilha. É esta uma sociedade “flexível”, onde as instituições se guiam mais pelas necessidades e desejos, do que propriamente com as regulamentações ou regras estabelecidas. É neste sentido que o autor fala de uma sociedade extremamente flexibilizada, onde se traz para a esfera pública aquilo que é do foro íntimo e privado, ou seja, onde as emoções são expostas.³⁵

Para Lipovetsky a sociedade pós-moderna está voltada para as massas e para um aumento do individualismo, que se direciona para as diversificadas opções de escolha, as quais se traduzem num aumento desenfreado do consumismo, dado que o que prevalece é o “poder do ter sobre o poder do ser”³⁶ e, consequentemente, o individualismo passa a ter mais valor do que as relações sociais e a vida coletiva. Enquanto que “A época moderna foi assombrada pela produção e pela revolução; a época pós-moderna é assombrada pela

³² Walter KASPER, *O Evangelho da Família*, Paulinas Editora, junho de 2014, 7.

³³ Isabel VARANDA, “Questões sociais do nosso tempo”, in *Theologica*, 40 (2006) 74.

³⁴ Gilles LIPOVETSKY, *A Era do Vazio, ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, Edições 70, 2013, 25.

³⁵ Gilles LIPOVETSKY, *A Era do Vazio, ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, Edições 70, 2013, 26-30.

³⁶ Isabel VARANDA, “Questões sociais do nosso tempo”, in *Theologica*, 40 (2006) 74.

informação e pela expressão.”³⁷ Vivemos assim numa “hipermodernidade” onde imperam o “hiperindividualismo”, o “hiperconsumismo” e o “hipernarcisismo”, onde há uma multiplicidade de coisas à descrição, o que impede que haja uma mudança de paradigmas, mais particularmente, que impede que haja uma mudança de mentalidade, onde se possa desenvolver uma “solidariedade recíproca”.³⁸

Relativamente à sociedade atual, a mesma vive segundo a sedução, inclusive a educação. Isto é, “a sedução tornou-se o processo geral que tende a regular o consumo, as organizações, a informação, a educação e os costumes”³⁹. Na fase da sedução, o indivíduo é levado a olhar para si mesmo, a fechar-se num mundo altamente informatizado e mediatizado, onde o valor do corpo e da pornografia é muito maior, do que o da intimidade. Falamos, claro está, como que um “Culto do Ego” O que está aqui em causa é o de personalizar ainda mais o indivíduo, mas este personalizar é o que fecha o indivíduo em si mesmo e não na relação com os outros, é esta política da sedução por tudo o que leva ao exibicionismo, ao “valor da imagem”, mas um exibicionismo que não quer a relação, muito pelo contrário, quer o mostrar-se, mas sem relação.⁴⁰ Este “deserto”⁴¹ que é a sociedade pós-moderna (ou hipermoderna) no que respeita ao isolamento e à indiferença social, é cada vez mais profundo, e denota-se uma resistência social, dado que as pessoas, cada vez mais deixam de acreditar nas instituições e vão inclusive deixando de ter posição e opinião crítica. Vive-se assim a “era do vazio” a era do deserto de ideias, o “Vazio de sentido”.⁴² Esta ideia do autor, indica que as pessoas vivem cada vez mais apegadas às coisas, ao que os outros dizem, sem terem qualquer posição ou mesmo revolta, por isso e, assim sendo, deixa de haver autoridade, deixa de haver o respeito pelo outro, assim como deixa de haver o respeito pelas instituições. Podemos quase que dizer, é o viver sem obrigações, sem dar um sentido à vida, e mais uma vez a indiferença cresce. Vivemos esta “sacralização do individualismo e concomitante perda do sentido profundo do Outro, da solicitude, do dom.”⁴³.

³⁷ Gilles LIPOVETSKY, *A Era do Vazio, ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, Edições 70, 2013, 36.

³⁸ Bernardo DOMINGUES, “A Moral cristã para o nosso mundo, Tarefa urgente”, in *Humanística e Teologia*, 22 (2001) 408.

³⁹ Gilles LIPOVETSKY, *A Era do Vazio, ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, Edições 70, 2013, 39.

⁴⁰ LIPOVETSKY, 43-50.

⁴¹ *Ibidem*, 60.

⁴² *Ibidem*, 64.

⁴³ Isabel VARANDA, “*Questões sociais do nosso tempo*”, in *Theologica*, 40 (2006) 75.

A partir desta tentativa de síntese do pensamento de Lipovetsky, deduz-se que a sociedade caminha cada vez mais para o indivíduo e este, por sua vez, caminha cada vez mais para o isolamento. Isolamento este que se denota no “não quero fazer” ou “no não me apetece”, o que vai mostrando um desinteresse cada vez maior pelo outro e pelos valores. No entanto há sempre aqueles que lutam e alertam para esta problemática atual do fechamento do ser humano em si mesmo e da falta de relação, não esquecendo, também, que as instituições olham para o ser humano como um ser em relação como o um ser que vive em comunidade, como é o caso, por exemplo, da Igreja Católica no que respeita particularmente a uma pastoral para a cultura de valores, assim como, dos antropólogos, sociólogos e éticistas que lutam e alertam cada vez mais para defesa dos Direitos Humanos, em particular pelas liberdades e valores da coexistência humana, porque cada ser humano vive e existe em relação ao outro.

Vivemos numa época em que se torna urgente educar para os valores, em particular os valores da solidariedade, da partilha, consagrando todos eles naquela que deve ser uma educação do seio familiar numa fase inicial. Pegando nas palavras de um antropólogo, filósofo e pedagogo português, Adalberto Dias de Carvalho (Professor aposentado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

“...uma educação para os direitos humanos, se quiser ser igualmente uma educação pelos direitos humanos (e nunca uma nova forma de endoutrinação), tem de passar por um elevado grau de exigência cultural, o qual implica a indagação filosófica dos pressupostos da nossa contemporaneidade. Sem esta consciencialização crítica não haverá sequer lugar, aliás, para a emergência dos direitos humanos como referência social e educativa.”⁴⁴

O que se espera é uma educação centralizada na questão dos direitos humanos e dos valores, tendo em vista a procura incessante do valor do ser humano enquanto pessoa e enquanto ser em relação, e neste sentido “educar para os direitos humanos é educar para a contemporaneidade que só o será efetivamente se for partilhada por todos enquanto consciência crítica e relacional do presente.”⁴⁵ Também o nosso Papa Francisco pede o respeito pelos direitos humanos, na sua visita ao Sri Lanka a 13 de Janeiro de 2015, o mesmo refere que "A grande obra de reconciliação deve garantir os bens materiais, mas também, e ainda mais importante, deve promover a dignidade humana, o respeito pelos

⁴⁴ Adalberto DIAS DE CARVALHO, *A Contemporaneidade como Utopia*, Edições Afrontamento, ano 2000, 131.

⁴⁵ *Ibidem*.

direitos humanos e a plena integração de todos os membros da sociedade"⁴⁶. É na partilha das diferentes tradições e vivências, que se pretende ir ao mais fundo do ser, buscando, a partir do seu interior, aqueles valores que foram assumidos nos direitos humanos, mas que, Jesus já referia há mais de dois mil anos, em particular os valores da liberdade e igualdade, mas essencialmente os do respeito para com o nosso próximo, como nos refere São Paulo “Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Gal. 5,14).

Mas, infelizmente, vivemos numa era da indiferença, onde aqueles que sofrem com a velhice e consequentemente com os problemas associados, como o da doença, as dificuldades de locomoção, a solidão, sofrem ainda mais, devido à total falta de cuidados, essencialmente, no que se refere à marginalização, à saúde, mas também à falta de afetividade e de uma palavra amiga ou de conforto. Porque às vezes basta uma pequena palavra, para que não se sintam nem tão sós, nem tão excluídos. O problema é que, como vimos acima, o egoísmo é cada vez mais característico desta sociedade contemporânea, que olha muito para os problemas mundiais, como os da guerra e da fome e esquece aquele que está ao seu lado e que também sofre. Claro está que, a guerra e a fome são um problema mundial, e não menor, no entanto se começarmos por aquele que está ao nosso lado podemos, talvez, melhorar e tornar a nossa sociedade um pouco mais humana. Por isso uma “descoberta e ordenação correta dos valores humanos são essenciais para iluminar e motivar a vida humana enquanto fornece caminhos de vida coerente com a antropologia cristã: esta propõe que a pessoa como animal racional, social, responsável, ético, estético, solidário e salva por Cristo.”⁴⁷

2.2. A evolução da família e os seus problemas atuais

Tendo em consideração o debate atual que a Igreja Católica faz sobre a família, e também a política económica da atualidade, que se reflete e muito na construção da família e da vida familiar é importante refletir sobre “os desafios pastorais sobre a família no contexto da nova evangelização”.⁴⁸

⁴⁶ <http://www.sol.pt/noticia/121966> [consultado em 08-05-2015].

⁴⁷ Bernardo DOMINGUES, “A Moral cristã para o nosso mundo, Tarefa urgente”, in *Humanística e Teologia*, 22 (2001) 409.

⁴⁸ Carta do Papa Francisco às Famílias, Vaticano 2 de Fevereiro, Festa da Apresentação do Senhor – de 2014, http://www.diocese-porto.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=2516:carta-do-papa-francisco-as-familias&catid=153:textos-e-apresentacoes&Itemid=242 [consultado 15-02-2015].

A família, tanto para antropólogos como sociólogos e historiadores é uma realidade que existe entre os povos, independentemente da sua área cultural, podendo ter ela vários tipos de organização.⁴⁹ Num contexto social de permanente mudança, não se pode deixar de lado o facto de a família ser sempre um valor do tempo presente, mesmo através das profundas mudanças que a sociedade vai sofrendo ao longo dos tempos.

Fazendo uma pequena referência histórica ao conceito de família e às transformações da família, em particular no Ocidente, verifica-se uma “polissemia” deste mesmo termo. Começemos por notar que a “palavra família é de origem latina: apareceu em Roma deriva de “famulus”, que quer dizer servidor”⁵⁰. Tendo em consideração esta questão e, abordando um pouco a questão das tipologias familiares, “na Roma antiga “família” designava o conjunto dos escravos e dos servidores, mas também toda a «domus» (casa), isto é, todos os indivíduos que viviam sob o mesmo teto.”⁵¹ Falamos aqui da família alargada (ou extensa) onde ainda não há referências aos laços de sangue, uma vez que, todos os elementos debaixo do mesmo teto, fossem escravos ou serviçais, faziam parte dessa família como um bem patrimonial.

Já na Idade Média, passa-se a uma tipologia de família mais nuclear, formada pela mãe, pai e filhos (muitos filhos). Esta tipologia tem particular influência do cristianismo, no que respeita ao casamento, mais propriamente ao matrimónio, ou seja, à família nuclear conjugal, assemelhando-se à imagem da família de Nazaré, onde o respeito pelos pais, pelos mais velhos e a partilha das tarefas são um projeto e modelo.⁵²

Passando para a época moderna, e com a influência da filosofia do iluminismo, e até do romantismo, vemos uma valorização da afeição no seio da família⁵³; num contexto de novas formas de organização económica, evidenciam-se as grandes alterações da família que resultam da “Revolução Industrial” assim como da “Revolução comercial” até ao séc. XVIII. Onde antigamente havia uma estrutura ou organização familiar alargada ou múltipla, sobretudo no norte europeu, vemos agora uma estrutura ou organização familiar mais nuclear, ou até mesmo monoparental (pai e filhos ou mãe e filhos), na qual os valores vividos sofrem também alterações, ou seja, antigamente viviam-se os valores da convivência e da solidariedade, onde existia o respeito pelas tradições, agora vivem-se os

⁴⁹ Augusto SILVA, “Permanência e mudança da família na sociedade”, in *Communio*, III, 6 (1986) 485.

⁵⁰ Maria Engrácia LEANDRO, “Transformações da família na história o Ocidente”, in *Theologica*, 41 (2006) 52.

⁵¹ *Ibidem*, 52.

⁵² *Ibidem*, 61.

⁵³ *Ibidem*, 62.

valores (ou quem sabe os “desvalores”) do consumismo, do materialismo, vive-se a “apologia do ter”, contrariamente ao ser em família.

“Enquanto antes a «autoridade», em casa, eram os pais e os anciãos; no local de residência, o sacerdote e o professor e mais um ou outro «notável»; hoje todos os membros da família e os jovens em particular estão expostos às mais diversas «autoridades». Imprensa, rádio, televisão, clubes, sindicatos, partidos, associações múltiplas põem em causa o princípio da «autoridade» que antes se impunha, firme e único, em todos os domínios da vida.”⁵⁴

Fazendo aqui um à parte contemporâneo, não podemos deixar de ter aqui em conta que, esta mudança de ideologia das novas gerações, deixa de se preocupar, muitas vezes, com a “autoridade” da família, pois o que é mais importante é viver a vida sem limites “sem dar cavaco a ninguém”, pois a vida vive-se, segundo as novas gerações, no individualismo, o que não acontecia até então.

É imprescindível e importante referir a grande mudança que decorreu entre os séculos XIX e XX, no que se refere ao papel da mulher, no sentido em que esta deixa de ter o papel de doméstica que até aqui era realidade, passando a ser ativa na sociedade, particularmente no que respeita ao trabalho. E, neste sentido, aquela que era a idade para se casar e ter filhos, normalmente entre os 20 e os 24 anos de idade, passa agora para uma média de 30 a 39 anos de idade, dado que a mulher, atualmente, pretende realizar-se profissionalmente, deixando para mais tarde o matrimónio e, conseqüentemente, a maternidade, que com as novas formas de contraceção pôde ser possível, dominando, assim, a fecundidade⁵⁵.

Para além destas mudanças, não pode ser deixado no esquecimento, no que se refere aos casamentos, que houve um aumento dos matrimónios realizados apenas no civil em detrimento daquilo que era o casamento no religioso ou na Igreja, uma vez que, “a religião é, no momento atual, quase secundária, quer nos quadros que orientam as escolhas matrimoniais, quer na limitação dos nascimentos, divórcios e abortos”.⁵⁶ Por conseguinte, houve um aumento das uniões de facto, muitas delas justificadas pelas dificuldades económicas desta nossa época. Estes mesmos problemas resultam, também, numa

⁵⁴Augusto SILVA, “Permanência e mudança da família na sociedade”, in *Communio*, III, 6 (1986) 488.

⁵⁵Maria Engrácia LEANDRO, “Transformações da família na história o Ocidente”, in *Theologica*, 41 (2006) 69.

⁵⁶Maria Olívia DIAS, “A Família numa sociedade em mudança problemas e influências recíprocas”, in *Gestão e Desenvolvimento*, 9 (2000) 94.

mudança do tipo de relação dos membros de uma família, ou seja, entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre os filhos e até na relação com os avós; não só devido a este novo estatuto da mulher na sociedade de hoje, mas porque, cada vez mais os filhos passam mais tempo nas escolas, nos clubes ou nas Atividades de Tempos Livres, do que propriamente em casa, assim como, os pais estão mais tempo nos trabalhos, devido às necessidades atuais que resultam desta economia que só vê o lucro e não o ser humano, como refere o Papa Francisco esta “economia que mata”. Por seu lado, os avós, muitos deles, vêm-se obrigados, também, a ter que trabalhar até mais tarde, o que por muitas das vezes não permite o cuidado e a proximidade com os netos⁵⁷.

“A função económica pela qual a família exercia uma verdadeira reprodução social, através dos mecanismos da herança perdeu muita da sua importância. Do mesmo modo o seu influxo, tanto na constituição como na permanência dos casamentos, perdeu muita da sua eficácia. Hoje, nem os filhos estão tão dependentes dos pais para constituírem família, nem as mulheres das posses e profissão do marido para nela permanecerem.”⁵⁸

Verificadas as profundas e constantes mudanças a que a família está sujeita, a família sofre, também, com as alterações sociais e até económicas, é de referir que a própria instituição família influencia e muito a sociedade. No enfoque social e cultural há sempre novos valores que se relacionam com meios culturais da “inculturação, aculturação, desculturação e socialização”⁵⁹.

Comparando com o que foi atrás referido, a família e as pessoas em geral sofrem cada vez mais diversas formas de “autoridade”, em particular as dos meios de comunicação social, onde se difundem novas e diferentes ideologias, novas concepções políticas e religiosas, sendo esta a principal característica de mudança daquele que era o contexto familiar alargado, onde a “autoridade” residia nos pais e nos mais velhos.

Mas não é só a família que sofre alterações com a influência da sociedade. Também a sociedade sofre alterações por interferência da família e, porque, o grupo família existe. “A família tem merecido uma constante centralização da vida da sociedade”⁶⁰, pois a sociedade não pode, nem deve fugir à sua responsabilidade para com a família. Da mesma

⁵⁷ Cf. Augusto SILVA, “Permanência e mudança da família na sociedade”, in *Communio*, Ano III, 6 (1986). 481.

⁵⁸ *Ibidem*, 492.

⁵⁹ Maria Olívia DIAS, “A Família numa sociedade em mudança problemas e influências recíprocas”, in *Gestão e Desenvolvimento*, 9 (2000), 83.

⁶⁰ *Ibidem*, 84.

forma que a família se adapta às grandes mudanças impostas pela sociedade, também a sociedade se deve adaptar àqueles que são os problemas das famílias, sobretudo na atualidade. Neste sentido as grandes mudanças que a família opera na sociedade referem-se às escolhas económicas, tendo em conta que a escolha económica depende sempre do bem-estar da família; escolhas no âmbito da comunicação social, pois o resultado favorável do que sai dos diferentes meios de comunicação social depende muito da boa aceitação ou não das famílias, podendo as famílias mudar a mentalidade da opinião pública, sobretudo no que respeita aos valores familiares.

Neste sentido, os meios de comunicação social devem sempre adequar-se aos interesses da família. Também no que se refere aos projetos urbanísticos os mesmos devem ser sempre adequados às famílias e não o contrário, assim como devem ser sempre projetados espaços verdes, para o uso, particularmente em tempos livres, tanto das crianças, como dos adultos e dos mais idosos. Para além destas influências, a família mostra a sua autoridade no que se refere à elaboração de leis, em particular na educação, ou seja, a família é a instituição que deve estar sempre a par da educação e dela tomar parte, não só a título particular, mas sobretudo em relação com todas as outras instituições.⁶¹

“Posto isto, diversos setores da vida social têm hoje mais do que nunca de discernir aquilo que contribui para a preparação e o bem-estar da família. Devem revelar capacidade e sensibilidade na construção da sociedade que procuram e desejam. Esta será aquilo que as famílias quiserem.”⁶²

Ainda assim, sendo a sociedade aquilo que as famílias “quiserem” (uma vez que, podem influenciar e muito a sociedade com as suas escolhas), não nos podemos esquecer que a família sofre sempre influências, até porque, a sociedade está em permanente evolução.

Aquela função protetora que outrora pertencia à família está agora e cada vez mais a ser atacada pelas organizações, no sentido em que, muitas das vezes a educação das crianças é entregue às instituições, assim como os “momentos que caracterizam a velhice, a doença, a dor, o sofrimento, a morte, entre outros, estão a distanciar-se da família e vão sendo entregues a agências especializadas, que muitas das vezes não desempenham um

⁶¹ Maria Olívia DIAS, *A Família numa sociedade em mudança problemas e influências recíprocas*, in *Gestão e Desenvolvimento*, 9 (2000) 86.

⁶² *Ibidem*, 89.

verdadeiro contributo humano como aquele que era dado pela família.”⁶³ E aqui coloca-se o dedo na ferida, onde está o cuidado para com os mais fracos, com os mais vulneráveis? Onde está a família perante as dificuldades que vão sucedendo à medida que se vai envelhecendo? Não é função da família procurar o cuidado com a educação dos valores e consequentemente ensinar os mais novos numa cultura do valor do cuidado para com os outros? Não somos seres que vivem em permanente relação com os outros, começando essa relação na família?

Uma vez que, o ser humano é um ser de relação, nasce numa família e num determinado contexto, e não um ser “isolado”, como refere o nosso Papa Francisco:

“a pessoa vive sempre em relação: provém dos outros, pertence a outros, a sua vida torna-se maior no encontro com os outros; o próprio conhecimento e consciência de nós mesmos são do tipo relacional e estão ligadas a outros que nos precederam, a começar pelos nossos pais que nos deram a vida e o nome. A própria linguagem, as palavras com que interpretamos a nossa vida e a realidade inteira chegam-nos através dos outros; o conhecimento de nós mesmos só é possível quando participamos de uma memória mais ampla.”⁶⁴

Neste sentido de relação, abordo esta questão da família, não só na educação, mas no facto de sermos seres em relação e, porque, a nossa obrigação, é a de tomarmos conta uns dos outros, nesta caminhada da vida humana, desde que nascemos, crescemos e ao nos tornarmos adultos, olhar-mos o futuro, procurando sempre um cuidado especial com os mais frágeis, com os mais vulneráveis, pois a base das relações é sempre a do amor, já nos ensina Jesus Cristo: “Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros como eu vos amei.” (Jo 13,34).

2.3. Os mais velhos na sociedade contemporânea

Concluindo este ponto, é essencial fazer-se uma referência muito rápida à situação dos mais velhos ou dos mais idosos nesta nossa sociedade contemporânea, até porque este trabalho passa pela questão do cuidado com os mais vulneráveis. Hoje em dia, os idosos, podem ou não ser os mais vulneráveis, o problema é que muitas das vezes os mais velhos

⁶³Cf. Maria Olívia DIAS, “A Família numa sociedade em mudança problemas e influências recíprocas”, in *Gestão e Desenvolvimento*, 9 (2000) 94.

⁶⁴ PAPA FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de Junho de 2013), Editorial Apostolado de Oração, Braga, julho de 2013, nº 38.

são conotados como os inativos da sociedade e, como tal, supostamente os mais vulneráveis!

Hoje em dia só se vê à frente a economia e a produtividade, estes são os grandes fatores da exclusão dos mais velhos, se é velho, logo não é produtivo. A economia tem um grande impacto na família e consequentemente nos mais velhos. “A sociedade contemporânea, tida como sociedade de consumo, rege-se por valores materiais o que implica ter como principal objetivo a rentabilização da produção em que se privilegiam apenas os indivíduos ativos.”⁶⁵

Ora se só são tidos em conta os indivíduos ativos e que podem produzir mais, logo os mais velhos, como sendo pouco produtivos, são descartáveis. Sendo excluídos do trabalho, os mais idosos têm tendência a tornarem-se mais isolados, porque eles mesmos fecham-se e isolam-se, o que leva muitas das vezes a situações de dependência. Parece até que não só as famílias, mas também os estados se esquecem que o envelhecimento é uma realidade. Antigamente, de facto, a velhice era um encargo da família, a questão que se coloca é que, cada vez mais, devido a esta sociedade que só olha a economia, as famílias, no que respeita particularmente aos filhos, os mesmos são obrigados a trabalhar cada vez mais e mais, não deixando espaço para esta afetividade, convívio e cuidado que os mais velhos precisam. Deixa de haver aqui, aquele encontro de gerações que até há alguns anos era uma realidade.

Tendo as famílias poucas possibilidades de cuidar dos mais idosos, os mesmos são entregues (por vezes largados) a instituições, que na maioria das vezes não têm aquele cuidado humano e carinhoso, que só uma família pode dar. Sabe-se muito bem, que há exceções, hoje em dia, muitas das famílias abandonam os seus velhos nos hospitais, nos lares, até por vezes nas próprias casas. Daí a importância de se alertar e de se criar uma cultura para o cuidado, quiçá uma educação para o cuidado dos mais vulneráveis. Até aqui os governos são responsáveis por começar estes cuidados, não só com a construção e evolução dos lares, como também dos Centros de Dia ou Centros de Convívio, onde os mais idosos possam tomar parte ativa na sociedade. Por outro lado, deve ser obrigação dos estados verificar as condições e possibilidades das famílias de cuidarem dos seus entes

⁶⁵ Rosa Maria MARTINS, “*Envelhecimento e políticas sociais*”, http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/408/1/Envelhecimento_e_pol%C3%ADticas_sociais.pdf. 126. [consultado em 07-03-2015].

mais velhos, pois o cuidado da família no lar de sempre é, com certeza, um lugar melhor para os idosos.⁶⁶

Mas, voltando à questão atual dos mais velhos, os problemas são exatamente esses: o esquecimento; o abandono; a falta de afetividade; a falta de cuidado; a falta de uma palavra carinhosa; a marginalização, o considerar o mais velho um “estorvo”, ou até mesmo um “empecilho”, um obstáculo à vida do dia-a-dia das famílias e até da sociedade. Para além de tudo isto, os mais velhos, tendo necessidade de mais cuidados, são aqueles que mais despesa dão, não só à família, como ao estado, porque são os maiores despesistas no que respeita aos cuidados de saúde tanto médicos como farmacológicos. Problema este que seria facilmente resolvido se houvesse uma tal educação para o cuidado e “uma política para a terceira Idade”⁶⁷

Estando cada vez mais a nossa sociedade envelhecida, torna-se necessário ter um outro olhar sobre os mais velhos, não deixando que os mesmos se isolem, fazendo com que os mesmos tomem participação ativa tanto na família como na sociedade dentro, claro está, dos seus limites. É preciso alertá-los para uma alimentação saudável, exercício físico e olhar até para o termalismo como um “medicamento natural”. Oferecer cuidados de saúde adequados à terceira ao até à quarta idade, que tenham em conta a pessoa que têm à frente e conseqüentemente a preparação de profissionais de saúde para estas tarefas, porque muitas das vezes os maus cuidados médicos fazem com que os mais idosos voltem mais do que uma vez ou aos centros de saúde, ou aos hospitais. “é justo e necessário que o idoso seja visto como partícipe de plena cidadania”⁶⁸ e capaz de dar muito mais do que aquilo que se pensa.

É neste sentido, que se pretende uma mudança de mentalidade, que olhe mais para o idoso como um ser ativo na sociedade, do que como um ser meramente dependente, o qual para muitos se torna um estorvo. Para além do mais, será necessário também, olhar para as capacidades dos mais velhos, no que concerne às suas capacidades profissionais, não é porque se é velho que não se tem direito ao mercado de trabalho. O problema é exatamente esse, o idoso considerado como pouco produtivo não tem lugar no mercado de trabalho. E concluindo, “Deve ter-se como objetivo estratégico uma mudança de opinião e do entendimento público da questão dos idosos, retirando a imagem inútil, quando não pári

⁶⁶ Rosa Maria MARTINS, “Envelhecimento e políticas sociais”, http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/408/1/Envelhecimento_e_pol%C3%ADticas_sociais.pdf. 131.

⁶⁷ Walter OSSWALD, “Uma política para a Terceira Idade”, in *Humanística e Teologia*, 23 (2002), 403.

⁶⁸ *Ibidem*, 410.

ou parasita, recebedor passivo de regalias que põem em risco a solidez da segurança social; de modo a que o idoso seja visto como partícipe de plena cidadania, membro importante e útil do corpo social.”⁶⁹. É necessário também, criar uma cultura e educação nos mais jovens para este encontro de gerações e para a transmissão de valores e experiências que os mais velhos podem oferecer.

⁶⁹ *Ibidem*, 411.

CAPITULO II – UMA EDUCAÇÃO PARA O AMOR: A ÉTICA DO CUIDADO A PARTIR DA RECIPROCIDADE E AFETIVIDADE

Depois de uma reflexão sobre a família, a educação e os idosos, no primeiro capítulo, tendo em conta a situação familiar atual e alguns documentos do Magistério da Igreja, neste segundo capítulo elaboro uma proposta de uma educação para o amor, que tenha como ponto de partida o desenvolvimento de relações de afetividade e solidariedade, no sentido de culminarem numa ética do cuidado para com os mais frágeis, para com os mais vulneráveis.

1. A proposta de Amor e caridade de Bento XVI

No que concerne a este primeiro ponto faço uma referência às encíclicas do Papa Bento XVI *Deus Caritas Est* e *Caritas in Veritate*, uma vez que ambas referem o amor como característica fundamental da relação de Deus com os homens e da relação de amor que deve prevalecer entre os humanos a qual pode terminar numa ética do cuidado para com os mais vulneráveis.

Ainda neste ponto, na última parte apresento uma referência sobre o encontro de avós, onde o Papa Bento XVI esteve presente e no qual discursou, verificando que é com o amor e com a relação que se torna possível a aproximação aos mais velhos e que estes são os garantes da divulgação e partilha da história com os mais jovens, tornando-se, assim, essencial uma aproximação entre jovens e idosos.

1.1. *Deus Caritas Est*

“Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele.” (1 Jo4,16)

É a partir desta pequena frase da Bíblia que o Papa emérito Bento XVI começa a Encíclica “Deus é Amor”⁷⁰. Segundo Bento XVI o centro da fé cristã está claramente descrito nesta frase com que inicio este ponto um, todo ele é amor, porque “Deus dá um

⁷⁰ PAPA BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, dado em Roma de 25 de Dezembro de 2005.

novo horizonte à vida na escolha do amor”, amor este que deve ser comunicado e transmitido a todos e, sobretudo, partilhado com todos. (DCE 1)

Na primeira parte desta encíclica o Papa começa por referir a “unidade do amor na criação e na história da salvação”, salvaguardando aqui a semântica da palavra amor e dos vários contextos em que o termo é utilizado. Assim afirma que a palavra “ágape”, isto é o amor como “ágape” supera todo o caráter egoísta que prevalecia anteriormente, antes da existência Bíblica, deste modo, “este vocábulo exprime a experiência do amor que agora se torna verdadeiramente descoberta do outro”. “Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro”. (DCE 6)

O mais importante aqui é referir o cuidado mútuo e abertura ao outro, sendo o outro o dom de Deus que veio para nós e com o qual vivemos e convivemos.

Fazendo uma retrospectiva bíblica, nesta encíclica Bento XVI demonstra que o “Deus da Bíblia ama o Homem” (DCE 9) mesmo com todos os problemas e defeitos, por que “Deus é amor e perdoa”. Senão veja-se: Adão encontrava-se sozinho e Deus providenciou-lhe companhia, tornando, assim, os dois uma só carne. “O matrimónio baseado num amor exclusivo e definitivo torna-se o ícone do relacionamento de Deus com o seu povo e, vice-versa, o modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano” (cf. DCE 10-11). Nesta imagem do matrimónio, enquanto dom de si,

“Quando as pessoas se unem diante de Deus pelo amor-doação, elas descobrem não só suas necessidades urgentes, mas também suas capacidades criativas. O amor dá a coragem requerida para aceitarmos o outro e assumirmos um compromisso de amor.”⁷¹

Referindo-se ao matrimónio e tendo em conta este pequeno excerto, fica claro, que na base de qualquer relação, tem de estar presente o amor. O amor que tudo suporta, que tudo compreende.

Passando ao Novo Testamento, Jesus Cristo, torna-se para nós o amor encarnado de Deus e é Ele que se entrega como alimento para nós e, mais uma vez, a comunhão do Seu Corpo e Sangue torna-se para nós união. Consequentemente o amor a Deus e ao próximo estão juntos na Eucaristia. E é neste ambiente de amor que Jesus refere que “qualquer um que necessite de mim e eu possa ajudá-lo, então esse é o meu próximo.” (Cf. DCE 12-15)

⁷¹ Bernhard HAERING, *Livres e Fiéis em Cristo. Teologia moral para sacerdotes e leigos*, II, Edições Paulinas, São Paulo, 1982, 416.

É a partir desta reflexão que se pode propor uma educação baseada no amor e na relação e proximidade com os outros, em particular os que estão mais próximos, sem nunca descurar os outros que nos circundam mais à distância. Neste sentido o Papa destaca que “o amor nunca está concluído e completado, transforma-se ao longo da vida, amadurece, permanece fiel a si próprio.” (DCE 17) Para além do mais o amor é tão profundo que não se importa com o aspeto exterior do outro.

“Para além do aspeto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior, de um gesto de amor, de atenção, que eu não lhe faço chegar somente através das organizações que disso se ocupam, aceitando-o talvez por necessidade política. Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o amor de que ele precisa.” (DCE 18)

Ao concluir a análise desta primeira parte da encíclica *Deus Caritas Est* é de referir o foco central que o Papa dá à questão do amor, mas do amor como ágape, um amor que é dom, que é dado por Deus, que nos é transmitido por Deus em Jesus Cristo e o qual deve ser comunicado e transmitido exatamente como um dom, procurando aquele que está ao nosso lado e que precisa de atenção, procurando as suas expectativas interiores e não olhando para o mero exterior da pessoa.

Passando à análise da segunda parte da encíclica *Deus Caritas Est* aqui o Papa Bento XVI propõe “a prática do amor pela Igreja, enquanto “Comunidade de Amor””, amor este que é a “caridade da Igreja como manifestação do amor trinitário.” Assim sendo, “toda a atividade da Igreja deve ser a manifestação de um amor que procura o bem integral “ e esse bem integral manifesta-se na caridade, logo a caridade pode e deve ser um dever da Igreja, fazendo-se denotar esta caridade no amor da partilha e da solidariedade. (DCE 19-20)

Ao referir-se à caridade como dever do cristão, Bento XVI refere e reflete neste documento os primeiros séculos do cristianismo que se refletiam na diaconia, mais propriamente na assistência aos pobres, aos doentes às viúvas, demonstrando que “tríplice dever da Igreja” eram: “o anúncio da Palavra de Deus; a celebração dos sacramentos e o serviço à caridade” (cf. DCE 21-25). Para além disto, aqui a Igreja É conotada como a “Família de Deus no mundo” onde deve imperar a “universalidade do Mandamento do amor”. Assim sendo, partindo desta análise, a comunidade cristã deve reunir-se como uma família partilhando todas as alegrias e tristezas, porque na comunidade deve estar sempre

presente a solidariedade, o respeito e a partilha, tendo como exemplo os primeiros anos do cristianismo, onde imperava a total solidariedade e apoio mutuo entre todos os membros.

No que concerne à atualidade o Papa reflete a necessidade de justiça e caridade, onde deve sobressair o princípio da subsidiariedade⁷² e a necessidade da caridade social, realçando que apesar de a esfera política e a esfera religiosa sendo diferentes, devem viver uma recíproca relação recíproca no que concerne aos apoios e ajudas aos mais necessitados (cf. DEC 26-29).

No que respeita à educação, tendo as estruturas eclesiais o dever de testemunhar o amor, este empenho generalizado de caridade e proximidade “constitui para os jovens, uma escola de vida que educa para a solidariedade e a disponibilidade a darem não simplesmente qualquer coisa, mas darem-se a si próprios” (cf. DEC 30).

“À anticultura da morte, que se exprime por exemplo na droga, contrapõe-se deste modo o amor que não procura o próprio interesse, mas que, precisamente na disponibilidade a “perder-se a si mesmo” pelo outro, se revela como cultura de vida” (DEC 30b).

É no amor que damos ao outro que recebemos a graça do amor, mais do que a simples caridadezinha, o ser humano deve ser um capaz de se abrir ao outro, olhar para o outro na sua fragilidade e acolhê-lo solidarizando-se com a sua dor, porque “a íntima participação pessoal nas necessidades e no sofrimento do outro torna-se, assim, uma doação de mim ao outro: para que o dom não humilhe o outro, devo não apenas dar-lhe qualquer coisa minha, mas dar-me a mim mesmo” (DEC 34).

E porque “o amor é a força que constrói a pessoa humana”⁷³, é ele que nos dá a força e coragem de partirmos à procura de um mundo que seja capaz de afeto e de relação com os outros. “O amor é possível, e nós somos capazes de o praticar porque criados à imagem de Deus” (DEC 39).

⁷² O princípio da subsidiariedade é referido na encíclica *Quadragesimo anno* de Pio XI. Por este princípio deve-se respeitar a liberdade e proteger a vitalidade dos corpos sociais intermédios, por exemplo, a família, grupos, associações, entidades culturais, económicas e outras que são formadas espontaneamente no seio da sociedade. O Estado não deve interferir no corpo social e na sociedade civil além do necessário. Por outro lado o Estado deve exercer atividade supletiva quando o corpo social, por si, não consegue ou não tem meios de promover determinada atividade, como também deve o Estado intervir para evitar situações de desequilíbrio e de injustiça social.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Doutrina_Social_da_Igreja#Princ.C3.ADpio_da_Subsiariedade. [consultado a 21-04-2015].

⁷³ Bernhard HAERING, *Livres e Fiéis em Cristo. Teologia moral para sacerdotes e leigos*, II, Edições Paulinas, São Paulo, 1982, 416.

Concluindo aqui esta não exaustiva análise da encíclica *Deus Caritas Est* de Bento XVI, fica-nos o convite a um coração aberto ao amor de Deus e ao amor ao próximo, que se torna visível na abertura do nosso coração aos problemas e dificuldades dos outros que nos estão próximos. Quantas vezes somos incapazes de olhar o nosso irmão mais próximo e até da família devido à nossa dificuldade de darmos o amor, amor este que veio até nós de forma gratuita a partir de Deus. É neste apelo ao amor que é possível olhar o mais frágil com o olhar de Deus, dando-lhe a pequena atenção de que precisam. Porque o amor que vem de Deus é-nos dado e como tal, é um amor que podemos expandir, é este amor que todos os humanos devem estender a toda e que cada pessoa é chamada a ter pelos outros. Para isto já nos apela São Paulo: “Sede afetuosos uns para com os outros no amor fraterno; adiantai-vos uns aos outros na mútua estima” (Rom 12, 10).

1.2. Caritas in Veritate

Prosseguindo numa abordagem sobre a caridade, o Papa Bento XVI escreve a carta encíclica *Caritas in Veritate*.⁷⁴ Mas esta centrada nas relações, isto é, a caridade é o princípio de todas as relações. “A caridade dá verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo; é o princípio não só das microrrelações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macrorrelações como relacionamentos sociais, económicos, políticos” (CV 2).

Não pretendo fazer uma análise exaustiva desta encíclica de Bento XVI, mas referir aquilo que se torna necessário evidenciar no que respeita ao âmbito deste trabalho, mais concretamente à família, à educação e aos idosos.

Sendo a caridade o princípio das relações ela é a expressão autêntica de humanidade, porque a caridade é, acima de tudo, doação e promotora de diálogo, sendo, claro está, verdadeira. “Sem a verdade, a caridade acaba confinada num âmbito restrito e carecido de relações; fica excluída dos projetos e processos de construção dum desenvolvimento humano de alcance universal, no diálogo entre o saber e a realização prática.” (CV 4) Isto porque, segundo Bento XVI as relações humanas não se fazem à volta apenas de direitos e deveres, mas acima de tudo de relações de “gratuidade, misericórdia e comunhão” (cf. CV 6).

⁷⁴ PAPA BENTO XVI, Carta encíclica *Caritas in Veritate*, dado em Roma a 29 de Junho de 2009.

Esta caridade verdadeira, que vem de Deus, também não pode ficar indiferente ao outro. Sendo a caridade gratuidade, misericórdia e comunhão, ela deve estar presente simultaneamente no cuidado aos outros, em particular aos mais frágeis, porque “só o encontro com Deus permite deixar de “ver no outro sempre e apenas o outro”, para reconhecer nele a imagem divina, chegando assim a descobrir verdadeiramente o outro e a matutar um amor que se torna cuidado do outro pelo outro” (CV 11). Assim a nossa vocação enquanto cristãos deverá ser o desenvolvimento e o empenhamento na “promoção de todos os seres humanos e da pessoa toda” (CV 18) seja qual for o seu estado.

Após a exaltação da caridade verdadeira como um caminho para as verdadeiras relações e para o diálogo humano, no capítulo segundo desta encíclica, Bento XVI reflete sobre o desenvolvimento humano do nosso tempo, referindo que este mundo precisa de uma “renovação cultural”, criticando e censurando todas as formas de corrupção e desigualdades (cf. CV 21-22).

Contrapondo estas desigualdades sociais que se vivem e a corrupção ativa cada vez mais presente neste nosso mundo, o Papa apela à participação de todos os cidadãos na política e refere que o “primeiro capital a preservar e a valorizar é o ser humano” e não o dinheiro e a economia (cf. CV 24-25).

Consequentemente o Papa alerta ainda para os problemas do individualismo e do egoísmo, mais propriamente do “fechamento egoísta do ser humano em si mesmo”, que pode ser perfeitamente ultrapassado pelo princípio da gratuidade como expressão de fraternidade. “Enquanto dom recebido por todos, a caridade na verdade é uma força que constitui a comunidade, unifica os seres humanos, segundo modalidades que não conhecem barreiras nem confins” (CV 34).

Mais concretamente referindo-se à família e à educação, nesta encíclica o Papa Bento XVI refere que “a criatura humana realiza-se nas relações interpessoais” e neste sentido, reflete sobre a unidade do casamento, porque “o mesmo resulta das experiências humanas comuns do amor e da verdade” (CV 54).

Quanto à educação, o pontífice focaliza a necessidade de um “maior acesso à educação”, pois a educação torna-se necessária nesta busca de uma relação e cooperação com todos, sobretudo a nível internacional (cf. CV 61).

Concluindo esta análise, é de evidenciar a necessidade de uma caridade verdadeira, caridade esta que é dom de Deus, dom este que todos devemos estender ao nosso mais

próximo, “porque o amor presente em nossos corações estimular-nos-á a agir e, por outro lado, a ação inspirada no amor bem como o próprio ato de amor aprofundarão a disposição interior para amar.”⁷⁵

1.3. Síntese

Fazendo uma síntese destas duas Cartas encíclicas do Papa Bento XVI, *Deus Caritas Est* e *Caritas in Veritate*, podemos verificar uma certa relação das duas no que toca a um apelo à abertura ao amor e à caridade, sendo o amor e a caridade necessárias para uma mudança de mentalidade que procura na atualidade o fechamento em si mesmo.

Mais do que tudo tanto o amor como a caridade são fundamentais para uma abertura e diálogo com os outros tanto dentro da família como aquele que está ao nosso redor.

Sendo o amor e a caridade uma forma de diálogo, o mesmo torna-se fundamental na forma de relacionamento não só na família e com os amigos, mas também na relação com os mais frágeis e com os mais vulneráveis. Num dos seus discursos aquando da visita à casa “viva os idosos” dirigida pela comunidade de Santo Egídio em Roma a 12 de Novembro de 2012, o Papa Bento XVI refere que:

"Não pode haver verdadeiro crescimento humano e educação sem um contato fecundo com os idosos, porque sua própria existência é como um livro aberto no qual as jovens gerações podem encontrar preciosas orientações para o caminho da vida." "Queridos amigos, na nossa idade fazemos a própria experiência da necessidade de ajuda dos outros." "Gostaria de convidá-los a ver também nisso um dom do Senhor, porque é uma graça ser apoiado e acompanhado, sentir o afeto dos outros! Isto é importante em cada fase da vida: ninguém pode viver sozinho e sem ajuda; o ser humano é relacional. E nesta casa vejo, com prazer, que quantos ajudam e quantos são ajudados formam uma única família, que tem como seiva vital o amor".⁷⁶

Família é, então, a relação da solidariedade e da partilha que se revêem nesta atitude de uma abertura aos outros no amor e na caridade, o qual deve ser gratuito e solidário em

⁷⁵ Bernhard HAERING, *Livres e Fiéis em Cristo. Teologia moral para sacerdotes e leigos*, II, Edições Paulinas, São Paulo, 1982, 421.

⁷⁶ Discurso do Papa Bento XVI aquando da sua visita à casa “viva os idosos” a 12 de Novembro de 2012. <http://www.acidigital.com/noticias/bento-xvi-os-idosos-sao-riqueza-para-a-sociedade-e-escola-de-vida-para-os-jovens-96001/>. [consultado a 21-04-2015].

qualquer momento da vida. “O sentido do cuidado e/ou do cuidar integra, antes de mais, o sentido do próprio existir humano. Cuidamos “naturalmente” de nós e dos outros, pelos simples facto de existirmos-com-o(s)-outro(s)-no-mundo.”⁷⁷ E porque existimos com os outros no mundo e porque na base das relações está o amor, somos chamados, enquanto criaturas criadas por Deus no amor, a partilhar o que de bom temos, fazendo chegar aos outros a afetividade e proximidade de que necessitam. “Estaria incompleta a criação do homem, se ele ficasse reduzido ao indivíduo, sem capacidade para realizar-se em comunidade. O próprio Deus é Pai, Filho e Espírito Santo, é comunhão de Pessoas em relação.”⁷⁸ Também nós somos seres em relação.

2. A família, a educação e os idosos na *Evangelii Gaudium* e a colaboração/educação para uma ética do cuidado que contraria a indiferença

Concretamente a este segundo ponto, que vem na linha do ponto anterior, exponho uma apresentação da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, na busca de um maior aprofundamento sobre a questão da relacionalidade e da afetividade como ponto fundamental para o desenvolvimento de uma ética do cuidado que contraria a indiferença que se vive no momento atual. Para além disto, procuro fazer uma referência a uma cultura do cuidado que deve ter o seu início numa educação familiar que se fundamenta numa valorização e aprofundamento dos “vínculos familiares” que podem permitir um incremento das relações com os outros, desenvolvendo assim uma cultura da reciprocidade.

Mais ainda, é a partir de uma cultura da reciprocidade e da partilha, que pode surgir uma sociedade mais humana, ou melhor, mais humanizada, que olhe para o ser humano como o ponto primordial a partir do qual tudo se deve desenvolver.

2.1. A Exortação Apostólica Evangelii Gaudium

Nesta não exaustiva análise que tenciono realizar da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*⁷⁹ do Papa Francisco, pretendo referir os pontos relativos à família, educação, os idosos e cuidado com os mais velhos, como venho já fazendo desde o início deste relatório.

⁷⁷ Antónia Cristina PERDIGÃO, “A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: Os pressupostos filosóficos”, *Análise Psicológica* (2003), 4 (XXI), 485.

⁷⁸ Manuel MADUREIRA DIAS, “Avisão cristã da família”, in *Communio*, III, 6 (1986) 517.

⁷⁹ PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, dado em Roma a 24 de Novembro de 2013.

Há imagem do que já abordei no primeiro capítulo, no que respeita à questão da sociedade atual, também o Papa Francisco inicia a sua Exortação Apostólica alertando para o “risco do mundo atual com a sua avassaladora oferta de consumo” e para a “tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada”, escusado será dizer que tudo isto faz sobressair a “falta de espaço para os outros”, acabando assim por “deixar de se gozar a doce alegria do amor” (EG 2).

Numa primeira parte da sua Exortação o Papa Francisco, apela a uma renovação missionária, renovação esta que tenha como ponto de partida uma “Igreja em Saída”, que vá ao encontro das pessoas, envolvendo-as e acompanhando-as de forma a que elas mesmas frutifiquem e levem a todos a boa e alegre mensagem do Evangelho. A sua vontade é a Igreja chegue a “todas as periferias humanas”, sendo esta uma Igreja aberta a todos e a todas sem exceção e sem discriminação pretende assim, o Papa, uma pastoral de conversão (cf. EG 20-47).

Numa segunda parte o Papa reflete sobre a crise atual, crise esta que leva a uma “crise do compromisso comunitário”, onde se verificam as desigualdades sociais e uma idolatria louca pelo dinheiro e pela economia e aqui o Papa diz não a uma economia de exclusão, que coloca de parte os pobres e mais desfavorecidos (cf. EG 50-60). É preciso então, levar a alegria do Evangelho a todos os povos, propondo uma mudança de mentalidade que coloque de parte a idolatria do dinheiro e que se preocupe com aqueles que sofrem com a crise.

No que à família diz respeito mais concretamente, o pontífice menciona que a mesma está a passar por uma profunda crise, particularmente no que concerne à “fragilidade dos vínculos”, o que é grave porque se trata da “célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos filhos” (EG 66). Sendo o matrimónio um compromisso de amor onde se partilha o afeto e a comunhão, o mesmo torna-se ameaçado pelo “individualismo pós-moderno e globalizado que favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade de vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares.” Para esta problemática do individualismo e da falta de afetividade o Papa propõe que os cristãos insistam na proposta de “reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos a “carregar as cargas uns dos outros”” (EG 67). Será de todo reforçar que a família não é um assunto que se deve colocar de lado, muito pelo contrário “estudos

recentes demonstram que as relações familiares são uma prioridade e uma preocupação para a maioria das pessoas.”⁸⁰

O que se propõe é um aprofundamento das relações, particularmente neste tempo em que existem variadíssimos instrumentos de comunicação humana. O “desafio é descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturarmo-nos, encontrarmo-nos, darmos o braço, apoiarmo-nos, participarmos nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade”, levando tudo isto a “oportunidades de encontro e solidariedade entre todos” (EG 87).

Sendo a família a célula básica da sociedade, torna-se imprescindível que a mesma, comunicando, partilhe as suas fraquezas os seus problemas e as suas alegrias, no sentido de se poder criar um ambiente de abertura familiar que permita a proliferação da afetividade e comunhão e não o contrário, o fechamento em si próprio e a despreocupação com os outros.

Concretamente aos idosos, o Papa refere a necessidade de ouvir tanto os jovens como os idosos, uma vez que, “tanto uns como outros são a esperança dos povos” daí a necessidade de se ouvirem ambos e de haver uma partilha de experiências. “Os idosos fornecem a memória e a sabedoria da experiência, que convida a não repetir tontamente os mesmos erros do passado” (EG 108). Fazendo um paralelo com o discurso que o Papa Francisco fez no Vaticano aquando do encontro internacional de idosos e avós a 28 de Setembro de 2014 o mesmo reiterou que um “povo que não cuida dos avós “é um povo sem futuro” porque “perde a memória”.⁸¹ Mais uma vez surge o alerta da necessidade de se ouvirem os mais velhos e de lhes dar o espaço necessário dentro da comunidade e, sobretudo no seio familiar, porque a experiência dos mais velhos é uma ajuda fulcral na construção das relações.

Para além das questões ligadas à economia, à relação das ciências com a teologia e uma pastoral voltada para o encontro com as pessoas, o Papa refere na sua Exortação Apostólica a preocupação com os mais pobres, mas também e essencialmente o cuidado que devemos prestar aos mais frágeis. O Papa refere que os cristãos são “chamados a cuidar dos mais frágeis da terra” (EG 209). Segundo Francisco “é indispensável prestar atenção e debruçarmo-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos

⁸⁰ Maria Teresa RIBEIRO, “Família e psicologia: intervenções educativas, preventivas e terapêuticas”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed Princípia, Cascais, Maio 2010, 445.

⁸¹ DISCURSO DO PAPA FRANCISCO no encontro Internacional de idosos e avós no Vaticano a 28 de Setembro de 2014, http://portugues.clonline.org/default.asp?id=792&id_n=20438, [consultado a 22 de Abril de 2015].

chamados a reconhecer Cristo sofrendor: os sem-abrigo, toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados” (EG 210).

Neste sentido, torna-se cada vez mais indispensável falar-se de uma ética do cuidado, ética esta que se volte para o cuidado com os mais vulneráveis, criando assim, na sociedade associações e instituições que colaborem na educação e no desenvolvimento de métodos que tornem possível o incremento de valores do cuidado para com os mais frágeis, porque, cada “pessoa é digna de dedicação” (EG 274).

Concluindo esta análise da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, é de referir ainda que na parte final o Papa refere a necessidade do diálogo como uma caminho para a paz e chama ainda a atenção para a indispensabilidade do diálogo inter-religioso, e para a necessidade de se manter viva a chama da evangelização.

Trazendo alegremente esta boa notícia que é o Evangelho, o Papa Francisco reflete sobre a necessidade de um novo impulso missionário, que leve a todos, sem exceção a alegria do Evangelho, alegria esta que deve ser espelhada por todos neste nosso mundo, que cada vez mais se torna individualista e consumista. Torna-se necessário dar voz aos mais pequenos, aos mais frágeis, fazendo com que eles tomem parte deste mundo e que, sobretudo possam fazer parte deste mundo enquanto pessoas que são. Mais do que qualquer outra coisa torna-se essencial dar espaço à proximidade, à afetividade e ao diálogo como caminho para a comunhão entre as pessoas. Mais do que tudo é preciso que não haja medo de se chegar ao outro e de o acompanhar pelo tempo que precisar.

2.2. A abertura para uma ética do cuidado que contraria a indiferença

“Tempo de renovação para a Igreja, para as comunidades e para cada um dos fiéis, a Quaresma é sobretudo um “tempo favorável” de graça. Deus nada nos pede, que antes não no-lo tenha dado: “nós amamos, porque Ele nos amou primeiro” (1 Jo 4, 19). Ele não nos olha com indiferença; pelo contrário tem a peito cada um de nós, conhece-nos pelo nome, cuida de nós e vai à nossa procura, quando O deixamos. Interessa-se por cada um de nós; o seu amor impede-Lhe de ficar indiferente perante aquilo que nos acontece. Coisa diversa se passa connosco!”⁸²

⁸²<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/1/27/messaggioquaresima.html>, [consultado a 19-04-2015].

Considerando a mensagem do Papa Francisco para a Quaresma de 2015, demonstra-se a necessidade de uma renovação, não só da Igreja e das comunidades mas, também, de todos no que toca à indiferença com que vemos os outros. Segundo o Papa, o mundo atual acolheu uma “atitude egoísta e de indiferença” ao que o Papa chama de “Globalização da indiferença”.

Contra esta indiferença o Papa propõe que olhemos os que sofrem, dando-lhes um pouco de amor e atenção, uma vez que o amor desfaz a dureza de coração e “assim, se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria” (1 Cor 12,26). Neste sentido, o que o Papa pretende é que “os lugares onde a Igreja se manifesta, particularmente as nossas paróquias e comunidades, se tornem ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença.”⁸³

Esta indiferença que hoje se vive pode ser vencida se cada um for capaz de “levar ajuda, com gestos de caridade, tanto a quem vive próximo de nós como a quem está longe”, é esta colaboração e apoio aos outros que pode fazer do ser humano um ser capaz de relação e de comunhão, “pois fazemos parte daquela comunhão onde a indiferença é vencida pelo amor.” Como cristãos devemos estar em permanente atenção aos cuidados para com os outros e isto estende-se também, à relação que hoje em dia se vive com os mais velhos, que permanentemente ou são esquecidos, ou até mesmo marginalizados não só pelas instituições como pela própria sociedade em geral. É preciso, assim, abrir o coração aos outros não se deixando fechar em si próprios e no seu bem-estar, que não pode ser interrompido. Só na abertura aos outros “teremos um coração forte e misericordioso, vigilante e generoso, que não se deixa fechar em si mesmo nem cai na vertigem da globalização da indiferença.”⁸⁴

Contrariando esta “Globalização da indiferença” de que fala o Papa Francisco, a Comissão Nacional Justiça e Paz propõe uma “Ética do Cuidado”⁸⁵, ética esta que se estenda a todas as situações deste nosso mundo atual e que se tornem evidentes no cuidado às famílias, à proteção dos mais frágeis e mais vulneráveis, incluindo aqui os excluídos, marginalizados e minorias.

Ao produzir este texto refletindo sobre a mensagem da Quaresma que o Papa propôs, a Comissão Nacional Justiça e Paz, tendo em conta os desequilíbrios sociais a que a nossa

⁸³ PAPA FRANCISCO, Mensagem para a Quaresma, 2015, nº 2.

⁸⁴ *Ibidem*, nº 3.

⁸⁵ COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Da globalização da indiferença a uma ética do cuidado*, 2015.

sociedade portuguesa atravessa, mostra que as crises dos mercados estão a afetar a família, os mais vulneráveis e que as pessoas se tornam indiferentes a estas problemáticas sociais como refere o próprio documento “cada um (ou cada comunidade), de um modo individualista, trata de si próprio e ignora o que se passa à sua volta, esquecendo que as soluções ou são globais... ou não há soluções.”⁸⁶

É necessário então, que se realizem mudanças a todos os níveis, começando por cada um de nós, para que o alcance seja ainda maior.

“Reconhecemos a necessidade de mudanças nas instituições que nos governam a nível nacional e internacional no sentido de se orientarem para uma proteção dos mais frágeis e vulneráveis ou mesmo excluídos, das minorias e dos grupos marginalizados, tomando os seres humanos e sua circunstância como centro das nossas preocupações e empenhamentos.”⁸⁷

É fundamental que o ser humano seja tornado o centro das nossas preocupações, tanto individuais como coletivas. Não podemos continuar fechados em nós mesmos e nas nossas indiferenças para com os outros, porque os outros fazem parte da nossa vida e da nossa existência. É necessário criar uma comunidade que se importe com a afetividade e com a criação de laços como o refere o saudoso Papa João Paulo II e que já acima referimos no primeiro capítulo. É necessário criar comunidades de afetividade, em que na sua base esteja a preocupação e o cuidado com os outros.

Assim sendo, torna-se essencial olhar para o mundo com um olhar mais humano, criando uma cultura e uma educação para a afetividade e para os valores essenciais da solidariedade e o respeito para com os outros. É indispensável colocarmo-nos algumas questões fundamentais:

“Quem é a minha família? O que consideramos uma família alargada?” (...)
“Visitamos os presos e os doentes sem família? Vamos à procura dos sem-abrigo? Apoiamos e acolhemos em nossas casas as famílias no limiar da pobreza? Como ajudamos os que se encontram no limiar do desemprego? Que apoio damos às crianças e jovens que se defrontam com o insucesso escolar? Como nos solidarizamos com as vítimas de violência doméstica, dos abusos sexuais e da pedofilia? Como escutamos a solidão de tantos? Como cuidamos ou ajudamos a morrer os mais velhos? Libertámo-nos deles para os colocar em

⁸⁶ *Ibidem*, nº 2.

⁸⁷ *Ibidem*, nº 3.

verdadeiros “depósitos” que não são senão antecâmaras de tristeza, solidão e morte? Tornamo-nos indiferentes àqueles que nos deram a vida, a educação e nos transmitiram valores e cultura/s?”⁸⁸

São estas as questões que nos devemos colocar a nós próprios e aos que nos circundam, no sentido de conseguirmos refletir sobre os problemas reais que estão à nossa volta e, sobretudo, ao nosso lado e para os quais muitas vezes nem sequer olhamos ou lhe damos importância. Faz-nos falta a nós próprios e à nossa volta uma cultura da relacionalidade e da reciprocidade, e, neste sentido, é preciso uma “nova ética”, ética esta que olhe para o outro como um irmão. É, então, inevitável uma “Ética do Cuidado enquanto movimento do nosso coração para fora que, simultaneamente, fortalece por dentro o coração de cada um e de cada um de nós: uma ética do cuidado com tudo e com todos, contrapondo-se à globalização da indiferença.”⁸⁹

2.3. Educar para o amor e para o cuidado com os outros

“Considera-se a família o principal contexto de desenvolvimento humano e o melhor educador do ajustamento psicossocial da pessoa, constituindo um bem universal a proteger e a promover.”⁹⁰

Sendo a família um local propício ao desenvolvimento das relações e da reciprocidade, torna-se fundamental dar espaço ao convívio familiar que possa fomentar um desenvolvimento de valores como os da solidariedade e partilha do amor.

Como já se foi referindo ao longo deste trabalho concebe-se a família como a primeira “célula da sociedade” a qual se “projeta numa aliança com todos os que nela nascem, crescem e envelhecem, e que dá origem a uma rede extensa e complexa de relações e laços. Essas relações de convívio e esses laços de parentesco sedimentam o conjunto das funções essenciais do acolhimento e da socialização, da entreajuda e da solidariedade.”⁹¹ Na família “as coisas aprendem-se de maneira bastante diferente do que

⁸⁸ COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, “Da globalização da indiferença a uma ética do cuidado”, 2015, nº 6.

⁸⁹ *Ibidem*, nº 9.

⁹⁰ Maria Teresa RIBEIRO, “Família e psicologia: intervenções educativas, preventivas e terapêuticas”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed Princípia, Cascais, Maio 2010, 445.

⁹¹ *Ibidem*, 449.

se passa mais tarde, na aprendizagem escolar: porque o clima familiar está recheado de afetividade.”⁹²

“Falar do papel da família na educação para o amor e da experiência de pais/educadores de uma família que, no nosso tempo, é considerada numerosa, é um desafio a uma reflexão prolongada no tempo e consolidada pelas dúvidas e interrogações do presente.”⁹³

Propõe-se assim, uma educação para o amor e para as relações e a afetividade que tenha o seu início, obviamente, no seio familiar, “porque é nela que as pessoas crescem e se desenvolvem no diálogo, na interajuda, no amor, é ela que fomenta e, podemos até dizer, potencia o ganho da estrutura, suporte para viver a vida, mesmo nos momentos difíceis.”⁹⁴ Para além da família, torna-se essencial o desenvolvimento de propostas que envolvam os valores como os do amor, afetividade e solidariedade nas escolas e nas instituições que, da educação se ocupam e que colaboram com os pais nesta tarefa.

“Educar é um ato de amor. Só o amor é capaz de gerar humildade diante do saber, autoridade que se funda no serviço, respeito pela individualidade de cada um, reconhecimento e autoconfiança, capacidade para dar e receber, apetência para acolher propostas e seguir valores, energia para vencer obstáculos.”⁹⁵

Tomando em consideração esta frase, verifica-se que a educação deve ter como base o amor, evidenciando claro que “os pais são os educadores por excelência e não devem abdicar desta missão, delegando-a em outras instituições. Os filhos são fruto e expressão do amor. A responsabilidade educativa radica nesse amor inicial e é expressão do seu florescimento.”⁹⁶ Logo, sendo da responsabilidade dos pais a educação, os mesmos devem estar sempre disponíveis para os seus filhos acolhendo-os e apoiando-os em todas as situações, ouvindo-os e comunicando com eles deixando que os mesmos exponham os seus problemas. Sabemos que não é fácil para os pais dar tudo, ou toda a educação que os filhos necessitam, daí que hajam instituições, como a escola por exemplo, que colaboram com os pais nesta tarefa educativa. Para isso é importante, também, que os pais estejam disponíveis e colaborarem ativamente com as diferentes instituições que colaboram para o desenvolvimento da educação das crianças e dos jovens. Mas esta colaboração com a

⁹² Fernando SAVATER, *O valor de educar*, Dom Quixote, 2006², 64.

⁹³ Isabel e Eduardo VILAÇA, “Educar é amar, na família”, in *Pastoral Catequética*, 4 (2006) 55.

⁹⁴ *Ibidem*, 55.

⁹⁵ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, “Educar é um acto de amor”, in *Pastoral Catequética*, 4 (2006) 12.

⁹⁶ *Ibidem*, 13.

família não depende única e exclusivamente das instituições escolares, é também da responsabilidade de toda a comunidade envolvente colaborar com as famílias nesta tarefa educativa que passa pela propagação de valores que tenham na sua base o amor e reciprocidade.⁹⁷

Por seu lado, e orientando-nos agora para as instituições, é crucial que haja um “clima afetivo da escola”.⁹⁸ Assim, propõe-se aqui a criação de relações entre todos os membros da comunidade escolar. Ao falar de escola fala-se de pessoas, muitas até, são pessoas “que ao longo do tempo vão criando laços de relação interpessoal, que se vivem cada vez mais fortes. Trabalhar na Escola é construir a Escola e, como só é possível construir aquilo que se ama, é necessário, antes de mais, amar a Escola, ou seja, amar as pessoas que existem na comunidade.”⁹⁹

Apontando para uma educação da relacionalidade e da afetividade, a mesma pode orientar-se para uma ética do cuidado que tenha como perspetiva a proximidade com os outros em que “a relação filial e a caridade” podem ser o “segredo de uma ética para todos”, tendo como objetivo uma consciência moral que tenha como base a capacidade de reciprocidade.¹⁰⁰

Isto é o que nos pede o Papa Francisco, que tenhamos a capacidade de abrir a porta aos outros, de os acompanhar e acolher em qualquer momento da vida.

“Nós, cristãos, juntamente com todas as pessoas de boa vontade, somos chamados a construir, com paciência, uma sociedade diversa, mais acolhedora, mais humana, mais inclusiva, que não tenha necessidade de descartar quem é frágil no corpo e na mente; mais, uma sociedade que mede o próprio «passo» precisamente por estas pessoas.”¹⁰¹

Este cuidado, deve ser um cuidado que é apreendido desde o seio familiar até à educação escolar, onde a mesma deve dar espaço e desenvolver nas crianças e nos jovens esta capacidade de se relacionar com os outros acolhendo-os e solidarizando-se com eles, tendo em conta as suas condições.

⁹⁷ Cf. *Ibidem*, 13.

⁹⁸ Aida Guerra da SILVA, “O clima afetivo da escola”, in *Pastoral Catequética*, 4 (2006) 65.

⁹⁹ *Ibidem*, 65.

¹⁰⁰ Cf. Jorge CUNHA, *Ética Teológica fundamental*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2009, 55-65.

¹⁰¹ DISCURSO DO PAPA FRANCISCO no encontro Internacional de idosos e avós no Vaticano a 28 de Setembro de 2014, http://portugues.clonline.org/default.asp?id=792&id_n=20438, [consultado a 22 de Abril de 2015].

Concluindo, torna-se essencial, nesta nossa sociedade a criação de meios que conduzam a uma ética do cuidado, cujo objetivo fundamental será desenvolver nos mais jovens a capacidade de acolher e acompanhar os mais vulneráveis. Torna-se essencial criar espaços de afeto entre os mais jovens e os mais velhos, mostrando que, dentro das suas possibilidades os mais velhos têm ainda muito para dar e para partilhar.

Por outro lado, é preciso também que os mais velhos se sintam integrados, não só no seio familiar, como também na sociedade, por isso, deve ser da responsabilidade dos estados e das instituições criar formas de apoio aos mais idosos, no sentido de que estes possam participar mais ativamente, tendo sempre em conta as suas capacidades tanto económicas como físicas.

Embora estes problemas de abandono e do não cuidado com os mais velhos ou com os mais frágeis se “manifeste em qualquer época, o “nosso tempo” parece, mais do que nunca, carente deste sentido do cuidar.”¹⁰²

Assim torna-se fundamental a implementação de uma responsabilidade quanto às pessoas, respeitando incondicionalmente os outros na sua liberdade, dignidade e diferença.¹⁰³

¹⁰² Antónia Cristina PERDIGÃO, “A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: Os pressupostos filosóficos”, in *Análise Psicológica*, XXI, 4 (2003) 486.

¹⁰³ Cf. *Ibidem*, 487.

CAPITULO III – A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA NA ESCOLA. PEDAGOGIA E DIDÁTICA PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR”

Neste terceiro e último capítulo, o mesmo vai tratar-se num primeiro ponto de uma reflexão sobre a escola e a educação no nosso país, tentando uma contextualização da disciplina de EMRC na educação no contexto português, e propondo um perfil de professor a partir de algumas perspetivas. A ideia essencial é perceber a EMRC como um veículo no desenvolvimento dos valores que se tornam fundamentais às relações de uns com os outros.

Num segundo ponto estabelece-se uma ponderação sobre a pedagogia e didática da leção da unidade letiva – Família, comunidade de amor –, fazendo uma caracterização do agrupamento e da turma de leção e uma apresentação a partir do programa de EMRC.

1. A disciplina de EMRC como veículo ao desenvolvimento dos valores na educação

Atualmente fala-se, reflete-se e discute-se muito até sobre os valores e sobre uma educação para os valores. Assim, neste ponto proponho uma reflexão sobre a educação para os valores, na qual a disciplina de EMRC pode ser um veículo muito importante que conduza a este desenvolvimento de uma cultura para os valores.

1.1. A Escola e a Educação

Hoje em dia há uma crescente preocupação com a Educação e com a Escola em Portugal, sendo elas as grandes preparadoras para o futuro do país. Nos dias que correm não se valoriza apenas a conquista ou alcance dos conhecimentos e das capacidades necessárias para se enfrentar o dia-a-dia, mas começa a dar-se importância e evidencia ao desenvolvimento dos valores e das atitudes. Então a Escola tem de ser muito mais humanizadora e tem de desenvolver muito mais os valores, tão necessários a esta nossa sociedade contemporânea.

Segundo a Conferência Episcopal Portuguesa:

“A escola não pode ser apenas um conjunto de atividades; é uma visão da vida, persistente e longamente perseguida e afirmada. Uma antropologia assumida

com coerência nas suas exigências e nas suas competências implica a defesa e a valorização da verdade, como fundamento da cultura.

Verdade e cultura entendidas não apenas como manifestação e expressão discursivas, mas comprometidas na adequação e justeza do agir e na retidão e justiça das relações. A justiça, a harmonia e a paz, em qualquer sociedade, só poderão edificar-se sobre a verdade, na integralidade da sua natureza ontológica”¹⁰⁴.

Mais do que tudo a educação deve procurar a verdade a “retidão e a justiça das relações”, tão necessário e importante neste nosso mundo contemporâneo, e a verdade do Homem, pois este é o fundamento de todas as relações. Claro está, deve dar-se primazia ao valor da vida, que é o fundamento de todos os valores humanos e consequentemente da família.

Assim sendo, considerando a escola como que uma segunda casa, a mesma tem o dever e obrigação de dar às crianças, aos adolescentes e jovens, todos os meios para uma cultura que valorize a vida e a relação com os outros, em particular uma boa relação no seio familiar. É preciso que a escola desenvolva nos alunos um espírito de humanização, em que todos se tornem corresponsáveis pela vida humana, desenvolvendo valores como os da solidariedade, justiça e tolerância entre todos. Desde cedo, a partir do exemplo da família e da escola, as crianças devem ser orientadas num espírito de vivência recíproca, reconhecendo os valores humanos que são indispensáveis para as relações e para o sadio e favorável encontro com os outros.

Promover o diálogo e a cooperação de uns com os outros deve ser uma obrigação e dever da escola, que deve procurar sempre o permanente diálogo com todos os elementos que integram a instituição escola: professores, auxiliares educativos, alunos e, fundamentalmente, a família, pois a educação é e deve ser um projeto coletivo e como tal deve ser tarefa de toda a comunidade.

Para além disto, a escola tem o dever de dar as crianças e aos jovens uma educação integral, que lhes permita desenvolver várias capacidades e, essencialmente, um bom espírito crítico. Falamos aqui não só do desenvolvimento de competências científicas, mas também espirituais.

“A educação autêntica é a educação integral da pessoa, devendo por isso ser rejeitada pelas sociedades toda a educação que tome o ser humano como objeto, que promova a sua alienação, o egoísmo e a competição desenfreada, afastando-

¹⁰⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, Moscavide, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2008, 4-5.

se do ideário e das práticas de exercício da solidariedade e da fraternidade entre todos os seres humanos.”¹⁰⁵

Mais do que socializar, mais do que dar competências aos alunos, é preciso desenvolver neles a capacidade de relação com os outros, a capacidade de desenvolver neles valores que vão contra a mentalidade individualista. Para tal é necessário que para uma boa formação e uma boa educação haja uma “cooperação de todos os membros da comunidade educativa e a sua coesão em função dos objetivos”¹⁰⁶, sem a colaboração de todos na comunidade educativa não é possível a obtenção dos resultados pretendidos.

Enfim, é da máxima pertinência dar relevância e importância à escola, sobretudo ao nível da sociedade, isto porque a escola é uma das grandes transmissoras do património cultural, e também social, porque “acolhe todos sem qualquer distinção”¹⁰⁷ e é neste sentido que a escola deve ter uma preparação para acolher todos os alunos, podendo dar-lhes o apoio e educação de que necessitam.

“A seguir à família, a escola deve ser o lugar da assunção das primeiras responsabilidades, em que a criança descobre que não está só, que existem solidariedades, que ela pode e deve assumir compromissos para ajudar a melhorar o curso do mundo.”¹⁰⁸

Concluindo aqui esta sucinta reflexão sobre a escola e a educação, deve referir-se ainda que primeiramente a educação é da responsabilidade da família, sabe-se por bem que a família necessita de colaboração nesta tarefa da educação. Daí o valor da escola na colaboração da educação conjuntamente com a família, uma vez que, a escola não pode fazer as vezes da família.

1.2. A disciplina de EMRC na educação em Portugal

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem, hoje em dia, uma grande importância no sistema educativo português, uma vez que, pela sua natureza, colabora para uma educação integral das crianças, dos adolescentes e dos jovens da nossa sociedade,

¹⁰⁵ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, Moscavide, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2008, 11.

¹⁰⁶ *Ibidem*, 13.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, Moscavide, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2008, 15.

procurando desenvolver neles um espírito crítico e aberto a todos os horizontes. Nesta nossa sociedade altamente individualista, egoísta e relativista a disciplina de EMRC torna-se essencial e “propõe uma busca comprometida de sentido para a existência, para a cultura e para o próprio saber.”¹⁰⁹

Desta forma, no nosso país, o desenvolvimento desta disciplina da educação moral nas escolas tem como regulamento a *Lei de Bases do sistema educativo*¹¹⁰, em que é da competência do sistema educativo “assegurar a formação cívica e moral dos jovens”¹¹¹.

Passando a uma pequena análise da disciplina de EMRC em Portugal, a disciplina encontra muitos contornos legislativos, tendo em conta as Concordatas que foram sendo assinadas entre Portugal e a Santa Sé. Na concordata de 1940¹¹² foi legalmente assegurado às famílias que escolhessem o padrão de educação dos seus filhos sob uma base cristã, optando dentro do ensino público, por uma educação para os valores e neste sentido, o governo português comprometeu-se a respeitar a opção dos pais ou dos encarregados de educação.

Mais tarde, com a nova concordata assinada a 18 de Maio de 2004¹¹³, esta substitui o modelo de relações entre a Igreja Católica e o Estado português da concordata de 1940, dando uma maior visibilidade, importância e legitimação à disciplina de EMRC na escola pública. Assim a Concordata assinada entre o Estado Português e a Santa Sé em 2004, estabelece no Artigo 19º o dever do Estado assegurar que a EMRC seja lecionada nas escolas públicas do ensino não superior.¹¹⁴

¹⁰⁹ António Francisco dos SANTOS, “O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional” in *Pastoral Catequética*, 21/22 (2011/2014) 16.

¹¹⁰ Cf. ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei n.º46/86, de 14 de Outubro de 1986 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série – n.º237 – 14 de Outubro de 1986.

¹¹¹ ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei n.º46/86, de 14 de Outubro de 1986, in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série – n.º237 – 14 de Outubro de 1986, artigo 3º, alínea c.

¹¹² Concordata de 1940 foi assinada a 07 de Maio de 1940 pela Santa Sé e pela República Portuguesa, durante o papado de Pio XII e o governo de António de Oliveira Salazar [consultado no Wikipédia a 10-04-2015].

¹¹³ Resolução da Assembleia da República n.º 74/2004, de 16 de novembro (Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé), in Diário da República, I Série-A, n.º 269, 2004, 6741-6750.

¹¹⁴ **Artigo 19º Concordata de 18 de Maio de 2004** - 1. A República Portuguesa, no âmbito da liberdade religiosa e do dever de o Estado cooperar com os pais na educação dos filhos, garante as condições necessárias para assegurar, nos termos do direito português, o ensino da religião e moral católicas nos estabelecimentos de ensino público não superior, sem qualquer forma de discriminação. 2. A frequência do ensino da religião e moral católicas nos estabelecimentos de ensino público não superior depende de declaração do interessado, quando para tanto tenha capacidade legal, dos pais ou do seu representante legal. 3. Em nenhum caso o ensino da religião e moral católicas pode ser ministrado por quem não seja considerado idóneo pela autoridade eclesiástica competente, a qual certifica a referida idoneidade nos termos previstos pelo direito português e pelo direito canónico. 4. Os professores de religião e moral católicas são nomeados ou contratados, transferidos e excluídos do exercício da docência da disciplina pelo Estado de acordo com a autoridade eclesiástica competente. 5. É da competência exclusiva da autoridade eclesiástica a definição do

Considerando também a nova legislação sobre a disciplina de EMRC¹¹⁵, que segue o que previamente foi assinado na Concordata, tendo em conta a liberdade religiosa e a educação cristã, esta nova legislação garante o ensino da EMRC nas escolas, considerando os princípios da Declaração Humana dos Direitos do Homem¹¹⁶, que promovem o respeito pelas confissões religiosas de cada um, e a liberdade de escolha dos pais na educação dos seus filhos.

Assim, a EMRC que integra o sistema educativo é um grande contributo que “responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.”¹¹⁷

Considerando-se a EMRC como uma disciplina que colabora na formação integral das crianças, adolescentes e jovens e citando D. Tomaz Silva Nunes:

“não há educação integral sem a consideração da dimensão religiosa, porque ela é constitutiva da pessoa humana; a componente religiosa é um fator insubstituível para o crescimento humano em liberdade e responsabilidade; o Evangelho ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida; o Evangelho inspira valores de fé e de humanidade que tecem a história e a cultura da Europa; a compreensão da realidade social, que a escola deve promover requer, para ser verdadeira, o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências sociais.”¹¹⁸

Considerando todas estas posições é de referir a grande importância que tem esta disciplina de EMRC, primeiro na educação e segundo na sociedade, pois é através dela, em conjunto com as outras disciplinas, que se pretende dar às crianças, adolescentes e jovens todos os meios possíveis que os levem a alcançar, a conhecer e a desenvolver todos os valores da solidariedade e da reciprocidade que a sociedade de hoje tanto precisa.

conteúdo do ensino da religião e moral católicas, em conformidade com as orientações gerais do sistema de ensino português.

¹¹⁵ Cf. Decreto-Lei nº 70/2013, de 23 de Maio.

¹¹⁶ Cf. Artigo 26º Declaração Universal dos Direitos do Homem.

¹¹⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*. CEP, 2006, nº 6.

¹¹⁸ Tomaz Silva NUNES, “Sobre as finalidades de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 77.

1.3. O Perfil do Professor de EMRC

“Estamos aqui para falar de nós. Estamos aqui à busca do nosso perfil humano e profissional. Estamos aqui porque naquilo que somos e fazemos sentimos que o no ser *professor* não está apenas o nosso saber, nem o nosso agir, nem apenas o nosso acreditar. Está todo o nosso «ser», que não se fragmenta nem divide.”¹¹⁹

Mais do que um mero professor de uma disciplina, o professor de EMRC é aquele que pela sua forma de vida, consegue orientar os seus alunos num caminho que procura a beleza da vida a partir dos valores, entregando-se totalmente à causa do ensino.

O Decreto-Lei nº 240/2001¹²⁰ apresenta uma definição do desempenho tanto dos educadores de infância como dos professores dos ensinos básico em várias dimensões: dimensão profissional e ética; dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; dimensão da participação na escola e de relação com a comunidade; dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida.¹²¹

No que compete à parte profissional a função específica do professor é a de ensinar, recorrendo para isso à investigação, sendo que a sua atividade deve ser exercida na escola, identificando e respeitando as diferenças dos alunos e capaz de se relacionar e comunicar com os alunos. O professor deve, também, ser capaz de se relacionar, para além dos alunos, com toda a comunidade escolar.

“Sendo um mestre e um educador o professor de EMRC sabe que o seu trabalho tem a dimensão de uma vocação que é chamamento de Deus a um compromisso e a uma plenitude de vida. Há que cuidar e potenciar como o melhor talento que se recebeu. É uma vocação que possui muito de generosidade e doação, pois a sua tarefa é sobretudo dar.”¹²²

O professor de EMRC é aquele que se abre a todas as relações dentro da escola, acolhendo todos na diferença e criando nos alunos laços de afetividade que devem resultar numa reciprocidade de valores. É aquele que está ao serviço de uma formação integral dos alunos, apresentando a Boa Nova de Deus a partir de Jesus. Para além disto “deve estar atento às experiências e problemáticas dos alunos, às dinâmicas e projetos educativos da

¹¹⁹ António Francisco dos SANTOS, “O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional”, in *Pastoral Catequética*, 21/22 (2011/2012) 10.

¹²⁰ Cf. Decreto- Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto.

¹²¹ Cf. António Francisco dos SANTOS, “O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional”, in *Pastoral Catequética*, 21/22 (2011/2012) 13.

¹²² Fernando MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, in *Pastoral Catequética*, 26 (2013) 67.

escola, às propostas e aos modelos de vida que a sociedade projeta. Pressupõe, escuta e pesquisa, tempo de silêncio e tempo de estudo.”¹²³

Em tudo o que o professor de EMRC faz, deve estar toda a sua vida, todo o seu ser todo o seu empenho e deve ser “criteriosamente escolhido, tendo em conta as considerações legais de qualificação científica e pedagógica, o jeito e o gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente, a disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino”¹²⁴.

Ser então professor de EMRC é o ser artista que elenca um plano de relação com os seus alunos, dentro de determinado meio, respeitando sempre as suas diferenças e tentando melhorar sempre o nível de educação que cada aluno pode atingir.

Assim, pede-se aos professores de EMRC o seguinte:

- “-Identificação com a disciplina de EMRC, conhecimento hermenêutico do programa, capacidade de planificar conteúdos em função do essencial e dos alunos;
- Dedicção a cada aluno, identificando neles o rosto de Cristo e vivendo com eles e por eles os desafios do Reino e os valores do Evangelho;
- Inserção ativa e entusiasta na comunidade educativa e a comunidade cristã. Isto exige uma identificação com o magistério da Igreja e implica uma maturidade cristã que se revela na vida e se afirma na escola. Às vezes, para muitos alunos e professores, o professor de EMRC é o único rosto da Igreja na escola e até na vida;
- Empenhamento na comunidade eclesial e colaboração com o Secretariado Diocesano. É essencial este duplo vínculo, à Paróquia e ao Secretariado, a que deve acrescer a capacidade de trabalhar em conjunto com outros professores de EMRC de escolas mais próximas;
- Disponibilidade para ser, no quadro da escola e no ambiente dos pais, instrumento de diálogo entre a Igreja e o mundo, entre a razão e a fé;
- Atitude de serenidade, de esperança e de alegria – mesmo em tempos difíceis e com circunstâncias adversas.”¹²⁵

¹²³ Cf. *Ibidem*, 68.

¹²⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “EMRC – um valioso contributo para a formação da personalidade”, in *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 10.

¹²⁵ Cf. António Francisco dos SANTOS, “O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional”, in *Pastoral Catequética*, 21/22 (2011/2012) 13-14.

Em conclusão desta abreviada análise sobre o perfil do professor de EMRC, que penso estar bem sintetizada na citação anterior, o professor de EMRC é aquele que está na comunidade aberto a todas as expectativas e a todos os desafios.

2. Pedagogia e didática para o ensino da unidade letiva “A Família, comunidade de Amor”

Sendo o ensino/pedagogia da disciplina de Educação Moral e Religiosa católica uma responsabilidade extremamente grande, a mesma exige uma boa preparação dos candidatos a professores de EMRC. Para a obtenção da profissionalização nesta área torna-se indispensável uma boa preparação teológica, cultural, pedagógica e didática, com o intuito de uma boa preparação e bom desempenho dos professores.

Surge então a necessidade de realização de um estágio, mais propriamente de uma Prática de Ensino Supervisionada (PES), que exige a ação do estagiário na escola, realizando a sua experiência de lecionação numa escola pública tendo como orientadoras uma docente da faculdade e uma docente da escola que controlam e supervisionam todo este processo pedagógico e didático dos estagiários.

No caso do nosso grupo/núcleo de estágio, o mesmo decorreu no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, em Braga, fazendo parte deste grupo seis estagiários/mestrandos, todos já com prática e experiência de lecionação.

Estando a disciplina de EMRC a sofrer um processo de renovação (ou reajustamento), torna-se essencial a PES, no sentido de uma melhor orientação dos estagiários no que respeita à reconfiguração da educação sistematizada à volta do desenvolvimento de competências à educação orientada por “metas de aprendizagem”.

No meu caso optei por lecionar a unidade letiva “Família, comunidade de Amor” no sexto ano, tendo já por base esta nova linguagem das metas de aprendizagem que o novo programa nos propõe. Apesar de esta unidade estar programada para o 5º ano de escolaridade, tomei a responsabilidade de a lecionar no 6º ano, uma vez que, as planificações gerais da Escola a colocam ainda no 6º ano. Assim sendo, foram definidas 5 aulas a planificar para sessões de 45 minutos, por todos os estagiários, em conjunto com a professora cooperante que orientou todo o nosso trabalho. Sendo “a educação uma tarefa fundamental da sociedade, dela depende decisivamente, o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, dos adolescentes e dos jovens, e a qualidade do progresso da

sociedade.”¹²⁶ Daí a nossa responsabilidade enquanto professores de Educação Moral e Religiosa Católica no que toca à adesão a esta disciplina que em muito casos encontra muitas resistências.

2.1. Caracterização da Escola

A sede do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches situa-se na Travessa do Taxa, em Braga. “O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches é constituído por uma escola básica com 2º e 3º ciclos, fundada em 1973, à qual se agregaram em 2001, as Escolas Básicas com 1º ciclo de S. Victor e de D. Pedro V, esta última entretanto encerrada e, mais recentemente, em 2007, o Jardim de Infância, JI das Fontes, e quatro da Quinta da Veiga, a EB1/JI das Enguardas. Todas as escolas se situam na zona urbana de Braga nas freguesias de S. Victor e de S. Vicente.”¹²⁷ Sendo estas duas freguesias de grande densidade populacional.

Este agrupamento foi definido como Escola TEIP, isto é, Território Educativo de Intervenção Prioritária em 2009, devido à fragilidade social e económica deste território, “tendo como núcleo prioritário as crianças e os jovens deste território e as suas famílias, na relação do acompanhamento dos processos de estudo e da participação nas dinâmicas escolares.”¹²⁸ Isto porque nesta densidade populacional vivem pessoas de diversos estatutos sociais, económicos e até culturais, assim como famílias de emigrantes que são de diferentes origens e no qual muitos deles a língua materna não é o Português. “O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches tem uma diversidade linguística, cultural e étnica muito significativa, não apenas pela presença de alunos estrangeiros e de etnia cigana mas também porque cada um dos alunos traz para dentro da Escola e dos seus processos de aprendizagem, as experiências e os hábitos das suas famílias e dos seus bairros e grupos culturais.”¹²⁹

Duas linhas estratégicas foram apresentadas pelo Projeto Educativo: “Uma Escola para a Cidadania” e “Uma Escola de Qualidade”, no sentido de melhor preparar os alunos nas suas aprendizagens.

¹²⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica – Um Valioso Contributo para a formação da personalidade”, in *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 7.

¹²⁷ AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, versão: A-20-01-14, Braga, Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, 2014, 4.

¹²⁸ *Ibidem*.

¹²⁹ *Ibidem*, 5

O nosso estágio foi concretizado na Escola Básica de 2º e 3º ciclos Dr. Francisco Sanches, à exceção da colega Sónia Cunha, que lecionou numa turma de 1º ciclo na Escola Básica de São Victor, mas que como já acima referi faz parte deste Agrupamento de Escolas de Dr. Francisco Sanches. A Escola Básica de 2º e 3º ciclos encontra-se em fase de requalificação, e parte das aulas decorre ainda num edifício antigo, no entanto a maioria já decorre na nova Escola, onde já realizamos a nossa Prática de Ensino Supervisionada (PES).

Tendo em conta esta continuada melhoria das instalações, a Escola propõe como metas para os próximos anos: melhores resultados escolares tanto internos como externos, diminuir a taxa de abandono escolar, diminuir as taxas de retenções e potenciar a relação da comunidade-escola.¹³⁰

Concluindo esta pequena e rápida caracterização do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, e da escola onde realizamos estágio, a mesma tem 156 professores, 59 assistentes operacionais e administrativos e 1957 alunos, na totalidade das escolas do agrupamento.

2.2. Caracterização da turma

Segue-se agora a caracterização da turma com a qual trabalhei durante cinco aulas. O plano de turma que me foi cedido pela professora cooperante do Estágio Dr^a Maria José Dias, decorre do que está previsto no artigo 2º do Decreto-Lei nº 139/2012, de cinco de Julho, em que o mesmo refere “As estratégias de concretização e desenvolvimento do currículo são objetos de atividades, integrados no respetivo projeto educativo, adaptados às características das turmas, através de programas próprios a desenvolver pelos professores titulares de turma, em articulação com o conselho de docentes, ou pelo conselho de turma consoante os ciclos.”¹³¹

A Turma para a qual planifiquei e na qual lecionei a unidade letiva “Família, comunidade de amor” é a turma 5 do 6º ano, do Agrupamento de Escolas Drº Francisco Sanches, a qual é constituída na totalidade por trinta alunos, dos quais 16 são do género masculino e 14 do género feminino. A média etária dos alunos é de onze anos. Destes

¹³⁰Cf. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, versão: A-20-01-14, Braga, Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, 2014, 18.

¹³¹ Decreto-Lei nº 139/2012 de 5 de Julho.

trinta alunos estão inscritos vinte e seis alunos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Nesta turma não há alunos com Necessidades Educativas Especiais. A diretora de turma é a professora das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica a Dr.ª Mª Júlia Barreto Vieira, o delegado de turma o aluno Ruben Manuel Cunha Guimarães e a subdelegada a aluna Ana Luísa da Silva Machado.

Os problemas diagnosticados e que mais se evidenciam na turma são a expressão escrita, interpretação de textos e expressão oral, compreensão oral e aplicação dos conhecimentos, resolução de problemas, tratamento de informação, capacidade de pesquisa e falta de hábitos e métodos de trabalho. Assim é solicitada a valorização da participação correta e adequada em sala de aula, valorizando as atitudes e comportamentos responsáveis e regulando os comportamentos e atitudes na sala de aula através de uma grelha de registo das aulas.¹³²

A aula de Educação Moral e Religiosa Católica encontra-se no horário dos alunos às oito horas e vinte minutos de Quarta-feira. No geral a turma é simpática, bem-disposta e muito participativa, tendo-se envolvido em todas as dinâmicas e atividades das cinco aulas propostas. Os mesmos colocavam sempre questões pertinentes à aula, sem nunca se dissiparem. Na sua maioria, a turma era bem comportada, havendo apenas a necessidade de algumas intervenções a alunos menos concentrados e conversadores, mas nada que impedisse o bom funcionamento das aulas e das atividades propostas. Tendo em conta o horário da aula constataram-se ainda alguns atrasos e algumas faltas por parte dos alunos.

Sendo um grupo muito heterogéneo, na minha prática de ensino supervisionada, tentei sempre acolher os alunos, respeitando-os nas suas diferenças e apresentei-lhes como regra para o bom funcionamento das aulas o respeito pelos outros e a participação organizada tendo-lhes entregue no início da unidade letiva uma pequena caderneta de autoavaliação, a qual os mesmos teriam de completar no final de cada aula, evidenciando o seu comportamento, participação nas aulas e consequentemente a sua responsabilidade.

Fazendo a planificação da unidade letiva Três – Família, comunidade de amor – que se encontra agora no quinto ano de escolaridade, tendo em conta o novo programa de Educação Moral e Religiosa Católica ¹³³, procurei que a mesma fosse muito criativa e envolvente. Apesar de esta unidade se encontrar segundo o novo programa no quinto ano,

¹³² Cf. Anexo 15.

¹³³ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014.

as aulas foram lecionadas numa turma do sexto ano, tendo em consideração que as planificações gerais da Escola se encontram ainda pelo antigo programa da disciplina¹³⁴, em que a unidade “Família comunidade de amor” se encontra na unidade letiva três do sexto ano de escolaridade. Apesar de esta unidade ter sido lecionada ao sexto ano de escolaridade, ao planificar as aulas as mesmas tiveram como referência as novas metas e domínios de aprendizagem do Novo programa da disciplina.

2.3. A Unidade Letiva – Família, Comunidade de Amor – nos programas de EMRC

Com a nova reorganização curricular da disciplina de EMRC encontramos as seguintes propostas de lecionação para o 2º ciclo. No que respeita ao 5º ano de escolaridade:

- Unidade Letiva 1: Viver Juntos;
- Unidade Letiva 2: Advento e Natal;
- Unidade Letiva 3: A Família, Comunidade de Amor;
- Unidade Letiva 4: Construir a Fraternidade;

Concretamente no que diz respeito ao 6º ano de escolaridade, temos as seguintes unidades letivas:

- Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana;
- Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros;
- Unidade Letiva 3: A Partilha do Pão;

Estas propostas de quatro unidades letivas para o 5º ano de escolaridade e de três unidades letivas para o 6º ano de escolaridade contrastam com o anterior programa da disciplina de EMRC, que determinava a orientação letiva para cinco unidades letivas tanto para os 5º como para os 6ºanos de escolaridade, sendo elas:

No 5º ano:

- Unidade Letiva 1: Viver Juntos;
- Unidade Letiva 2: A Água, fonte de vida;
- Unidade Letiva 3: Jesus, Um Homem para os outros;

¹³⁴ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensinos básico e secundário*, 2007.

- Unidade Letiva 4: Promover a Concorrência;
- Unidade Letiva 5: A Fraternidade;

No 6º ano:

- Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana;
- Unidade Letiva 2: Advento e Natal;
- Unidade Letiva 3: A Família, Comunidade de Amor;
- Unidade Letiva 4: O Pão de Cada Dia;
- Unidade Letiva 5: O Respeito pelos Animais;

No que concerne concretamente à Unidade – Família, Comunidade de Amor –, que estando a mesma orientada para a sua lecionação no 5º ano, segundo o novo programa de EMRC, como já referi acima, decidi lecioná-la no 6º ano de escolaridade, uma vez que, a planificação anual do agrupamento contém ainda esta unidade no 6º ano e, porque, os manuais ainda contém esta unidade no 6º ano de escolaridade. No entanto, ao fazer as grelhas de planificação da unidade e dos planos de aula, os mesmos foram elaborados segundo as novas metas de aprendizagem, tendo em conta esta transição que está a ser elaborada com o programa de 2014, após diálogo com a professora cooperante da escola e com o núcleo de estágio.

As aulas para as quais planifiquei a unidade – Família, Comunidade de Amor – decorreram no segundo período, entre os dias 21 de Janeiro e 25 de Fevereiro de 2015. Até então, a professora titular da turma tinha lecionado as unidades letivas 1 “A Pessoa Humana” e 2 “Advento e Natal”.

Apesar de ser já professora e de ter já lecionado, este não deixou de ser um enorme desafio, particularmente nesta relação com uma escola nova e diferente, onde os alunos atravessam uma fase de adaptação ao novo edifício escolar e também porque, se trata de uma oportunidade para obtenção da profissionalização na área, o que nos deixou enquanto grupo um pouco ansiosos e, porque, foram necessárias adaptações a estas novas atividades, no que toca a conciliar o trabalho, a família, o mestrado e a Prática de Ensino Supervisionada. No entanto é uma experiência que fica para a vida.

2.4. A lecionação da unidade letiva “Família, Comunidade de Amor”

Ao planificar esta unidade tentei fazê-lo de forma simples, criativa e dinâmica, sem fugir muito àquilo que nos é apresentado no manual¹³⁵, evidenciando o importante papel da família no nosso quotidiano e na educação, assim como, o importante papel dos mais velhos no seio familiar. Contrastando com a realidade atual do individualismo e do relativismo, é preciso evangelizar neste contexto atual, uma vez que, “hoje estamos a viver uma fase de profunda transformação cultural, distorcida por um projeto que nega a identidade da família”¹³⁶, daí a importância deste trabalho sobre a família.

Tomando como referência o programa estabelecido pelo Secretariado Nacional de Educação Cristã, este constitui, de facto, “uma referência inicial para qualquer professor que deseje refletir sobre o que deve ser o seu trabalho.”¹³⁷ Ao partir para este trabalho, tive em consideração toda a vivência envolvente da Escola e, em particular da turma onde apresentei a unidade letiva, tendo-a conhecido antes de iniciar o trabalho, assim como em conversa com a professora titular.

Parti então para a planificação da unidade, procurando com ela fazer uma orientação do trabalho a realizar, de forma o mais flexível possível, tendo em conta a interação, no sentido de relacionar os elementos didáticos que sejam necessários durante as aulas, tendo a necessidade ou não, dependendo da atitude de aceitação da turmas às mais diversas metodologias e recursos.

Continuando para algumas definições de planificação ou planificar, planificação pode ser uma “tarefa de preparação de um trabalho através da criação de um plano”¹³⁸, numa outra perspetiva “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de ação.”¹³⁹, para este mesmo autor, Miguel Zabalza, “trata-se de prever possíveis cursos de ação de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projeto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um

¹³⁵ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo, Educação Moral e Religiosa Católica*. 6º ano do Ensino Básico, Lisboa, Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2009.

¹³⁶ Rino FISICHELLA, “Família Cristã e Mudança cultural”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed Princípa, Cascais, Maio 2010, 353.

¹³⁷ Miguel ZABALZA, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Edições Asa, 1992, 13.

¹³⁸ Dicionário online, <http://www.dicio.com.br/planificacao/> [consultado em 18-03-2015]

¹³⁹ Miguel ZABALZA, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Edições Asa, 1992, 47.

plano para as concretizar.”¹⁴⁰ Numa outra perspetiva o professor/docente planifica no sentido de definir os objetivos que pretende alcançar e traçar métodos de atuação no processo de instrução/aprendizagem.¹⁴¹ Neste sentido, procurei fazer as minhas planificações e planos de aula, tendo em vista, o desenvolvimento de um trabalho contínuo com os alunos que os estimulasse e encorajasse numa interação permanente dos alunos com a professora e vice-versa, não esquecendo a verificação da necessidade de tempo necessário para cada atividade e desenvolvimento dos conteúdos, partindo do princípio que os alunos reagem de forma diferente às atividades propostas, sendo necessárias possíveis alterações das planificações propostas. Não podemos esquecer que o professor deve reagir sempre, de forma intuitiva, ou não (mas muitas vezes de forma intuitiva), ao inesperado, dado que tudo pode acontecer e para isso temos de estar prevenidos.

Deste modo parti para a planificação, tendo em atenção as novas metas de aprendizagem, os objetivos a alcançar, os conteúdos a desenvolver, todos eles propostos pelo novo programa de EMRC¹⁴², procurando estratégias, métodos e materiais diversificados, de modo a captar a atenção e sensibilidade dos alunos para este tema da família, da educação e dos idosos, que tanto precisa de ser refletida.

“A educação, em cada momento, em contexto escolar ou social, é sempre uma relação, um encontro entre duas liberdades, duas liberdades que se olham face a face, olhos nos olhos. A experiência deste encontro é profundamente libertadora, mas não deixa de significar sempre exposição, vulnerabilidade e risco – a subjetividade é tocada ao seu nível mais íntimo - o que nos remete para uma ética do cuidado, para uma redobrada atenção face à manipulação do outro, sujeito de uma vida interior que reclama resposta.”¹⁴³

Assim sendo, e passando à descrição dos planos de aula, a unidade letiva “Família, comunidade de Amor”, foi planificada para cinco aulas, sendo que em todas as aulas existiu sempre o acolhimento aos alunos e o registo do sumário no início de cada aula. Dando sempre continuidade às aulas, após o registo do sumário questionava sempre os

¹⁴⁰ *Ibidem.*

¹⁴¹ Cf. José Augusto PACHECO, *Currículo: Teoria e prática*, Porto, Porto Editora, 104-127.

¹⁴² Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014.

¹⁴³ Joaquim AZEVEDO, “Família, educação e escola”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed Princípiã, Cascais, Maio 2010, 486.

alunos sobre os conteúdos lecionados nas aulas anteriores e passava um PowerPoint¹⁴⁴ com a síntese das aulas. Na primeira, exceccionalmente, fiz a apresentação da unidade aos alunos. Sempre respeitei a singularidade de cada aluno, dado que “Os alunos (todas as pessoas que aprendem, desde crianças até às pessoas de idade avançada) não são peças de uma qualquer máquina educacional, submetidas às regras de competição, objetos de mercado e sujeitos de consumo”¹⁴⁵, são seres humanos que merecem o nosso respeito e o nosso acolhimento seja qual for a sua particularidade, uma vez que “os atos educativos desenvolvem-se inevitavelmente, no seio de situações que obrigam a considerar, para além dos contextos envolventes próprios, os agentes educativos”¹⁴⁶, daí a necessidade de se respeitar e valorizar as diferenças de cada um.

Analisando os domínios e as metas de aprendizagem, para o 2º ciclo do ensino básico, constatou-se que para os três domínios (Religião e Experiência Religiosa, Cultura Cristã e visão Cristã da vida e Ética e Moral) três das metas de aprendizagem não são aqui consideradas, como se pode verificar a partir do documento orientador do novo Programa de EMRC e que a seguir apresento.¹⁴⁷

¹⁴⁴ *POWERPOINT* é um programa utilizado para criação/edição e exibição de apresentações gráficas, O PowerPoint é usado em apresentações, cujo objetivo é informar sobre um determinado tema, podendo usar: imagens, sons, textos e vídeos que podem ser animados de diferentes maneiras.

¹⁴⁵ Joaquim AZEVEDO, “Família, educação e escola”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed Princípia, Cascais, Maio 2010, 486.

¹⁴⁶ Adalberto Dias de CARVALHO, *A Educação como projeto Antropológico*, Edições Afrontamento, 1992, 21.

2º Ciclo do Ensino Básico

DOMÍNIOS	METAS
RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	A. Compreender o que são o fenómeno religioso e experiência religiosa. B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. C. <i>Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</i> D. <i>Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</i>
CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA	E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. G. Identificar os valores evangélicos. H. <i>Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.</i> I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade. J. Descobrir a simbólica cristã. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso. L. Estabelecer um diálogo entre cultura e fé.
ÉTICA E MORAL	M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro. O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

Como se pode comprovar as metas curriculares que se encontram em itálico, nomeadamente as letras C, D e H não foram contempladas para o 2º ciclo do Ensino Básico.¹⁴⁸

Assim para a unidade letiva “Família, Comunidade de Amor” que planifiquei estão propostos para os três domínios de aprendizagem as seguintes metas: a **L** “Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé”; a **M** “Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano” e a **P** “Identificar o fundamento religioso da moral cristã”.

¹⁴⁸ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, 2014, 51.

Para que estas metas tenham resultado o Secretariado Nacional de Educação Cristã (SNEC) definiu objetivos, sendo os mesmos: para a meta L Estabelecer um diálogo entre cultura e fé o objetivo é “Valorizar a participação de todos na vida quotidiana; para a meta M “Promover os valores do amor na vida familiar”; e para a meta P “Reconhecer as diferentes funções da família” e “Identificar o projeto de Deus para a família”, como abaixo podemos verificar.¹⁴⁹

METAS	OBJETIVOS
P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	1. Reconhecer as diferentes funções da família.
	2. Identificar o projeto de Deus para a família.
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	3. Promover os valores do amor na vida familiar.
L. Estabelecer um diálogo entre cultura e fé.	4. Valorizar a participação de todos na vida em família.

Ao fazer as respetivas planificações, teve-se em consideração estas metas e objetivos propostos para a unidade, fazendo as respetivas articulações com os conteúdos propostos, utilizando métodos e recursos apelativos à faixa etária dos alunos, procurando sempre uma aula ativa e participativa dos mesmos.

Como previsto, as aulas de EMRC dos alunos do 6º ano da turma 5 tiveram lugar na sala 1.6 da Escola Básica Francisco Sanches à quarta-feira pelas oito horas e vinte minutos.

¹⁴⁹ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, 2014, 58.

De início acolhia sempre os alunos dando-lhes os “bons dias” e perguntando se a semana tinha corrido bem. De imediato projetava o sumário no quadro e ia ditando no sentido de que os mesmos não perdessem tempo com outras coisas. Depois passava ao resumo/síntese das aulas anteriores, no sentido de dar sempre continuidade às aulas, tendo sempre um fio condutor.

Assim sendo, a primeira aula foi de extrema importância, não só pelo contato com os alunos, mas também pela tentativa de os cativar de imediato para esta unidade. Decidi como estratégias, primeiro entregar-lhes uma pequena caderneta, uma folha A4 dividida em quatro páginas, onde na primeira página, para além da referência ao agrupamento, tem uma alusão do Papa Francisco sobre a Família; na segunda página tem toda a unidade sintetizada por tópicos; na terceira página os alunos poderiam registar os sumários e as lições e na última página tinha uma tabela de autoavaliação que os mesmos teriam de preencher no final de cada aula, fazendo com que os mesmos se tornassem ativos e participantes na sua própria avaliação, regulando assim o seu desempenho e comportamento aula a aula.

De seguida introduzi ao tema da unidade em causa, a qual, os alunos poderiam seguir a partir da caderneta. Depois através de uma apresentação em *Powerpoint* introduzi à primeira aula que decorreu no dia 21 de Janeiro de 2015, captando a atenção dos alunos para o tema da família, desafiando-os a pensar no que quer dizer a palavra família e questionando-os sobre o que seria para eles a família. De imediato os alunos inundaram a sala com as suas ideias. Entretanto, para além do Manual do aluno¹⁵⁰ (informando-os sempre das respetivas páginas), utilizei, também, o manual multimédia. Numa primeira parte o mesmo fazia referência à família como estrutura fundamental da sociedade, o local onde somos acolhidos primeiramente, e fazia referência à origem da palavra família, a qual é de origem latina e que a palavra família significa “servidor”¹⁵¹, e às diferentes tipologias familiares. Seguidamente a partir de um PowerPoint fiz referência à estrutura familiar no tempo dos romanos, onde todos os que habitavam de baixo de um mesmo teto faziam parte do agregado familiar (inclusive os escravos e serviçais), até à ideia da família tendo como base os laços de consanguinidade. Aqui procurei destacar e reforçar a extrema importância dos laços familiares. Continuando a partir do PowerPoint fiz uma alusão, muito simples, às diferentes tipologias familiares (tipologias estas propostas pelo

¹⁵⁰ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo, Educação Moral e Religiosa Católica*. 6ºano do Ensino Básico, Lisboa, Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2009.

¹⁵¹ *Ibidem*, 106.

historiador Peter Laslett no séc. XX) e àquelas que utilizamos mais na linguagem atual, no caso: as famílias monoparentais, as famílias biparentais e as famílias numerosas. Toda esta apresentação foi feita sempre em diálogo vertical e horizontal com os alunos, questionando os mesmos para os conceitos apresentados no manual multimédia e sintetizando sempre os conteúdos, mostrando-lhes sempre que a família é o espaço onde se acolhe e se educa no sentido da liberdade, da responsabilidade e do respeito e que tem sempre por base os laços e a afetividade, mesmos nas diferentes tipologias e estruturas familiares. Nesta altura os alunos questionaram sobre a situação das crianças adotadas, pelo que fiz referência ao manual na página 108, referindo que os mesmos, apesar de adotados, têm exatamente os mesmos direitos e deveres que os filhos biológicos, destacando que são merecedores do mesmo acolhimento, afeto e amor por parte da família, assim como devem respeito aos familiares.

Numa segunda parte da aula, introduzi o tema da família como uma instituição na história também a partir do manual multimédia, mostrando aos alunos que as comunidades humanas, desde as origens da humanidade, se iam organizando em estruturas familiares e mostrando-lhes as diferentes tipologias familiares ao longo dos tempos, evidenciando que entre todos os membros da família havia e se esperava a solidariedade.

Chegamos, então, àquele que foi o Concílio de Trento¹⁵², e à definição de casamento como sacramento. Aqui coloquei no ar a questão do que seria um Concílio. Mais uma vez, com as diferentes respostas mas sempre na direção do sentido de uma reunião os alunos foram muito participativos e até intervenientes colocando questões muito pertinentes. A partir de um PowerPoint esclareci os alunos simplifadamente sobre Concílio de Trento e o significado do casamento como sacramento.

Numa terceira parte da aula, analisámos o caso concreto de Portugal, também a partir do PowerPoint e a partir de uma tabela cronológica da “Legislação sobre a família e o casamento em Portugal” que se encontra no manual do aluno na página 111. A partir desta tabela verificamos três pontos importantes: no século XIII com as leis de D. Afonso II e D. Afonso III que estabelece a obrigatoriedade de os casamentos serem contraídos em liberdade e não obrigados (aqui evidenciei a importância da liberdade dos noivos); e no

¹⁵² O **Concílio de Trento**, realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecuménico da Igreja Católica. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica,¹ no contexto da Reforma da Igreja Católica e da reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado também de Concílio da Contrarreforma. O Concílio foi realizado na cidade de Trento, na Província autónoma de Trento, na área do Tirol italiano. [consultado no Wikipédia a 19-04-2015].

séc. XX primeiro, com a primeira República em 1910 a Lei do Divórcio e, segundo, em 25 de Dezembro de 1910 em que surge a lei da Família.

Em seguida fiz uma sintetização da aula, realçando que apesar das diferentes formas ou tipos de família, a família é um lugar de acolhimento e de crescimento no amor, onde os mais velhos devem ser os responsáveis pela educação dos mais novos e onde se espera um ambiente de confiança e solidário.

Por fim, solicitei aos alunos que fizessem uma pequena pesquisa, em casa, sobre o Concílio de Trento dando-lhes como orientação quatro questões: O que foi o Concílio de Trento?; Onde teve lugar?; Quem o propôs?; e Para que serve um Concílio?, as respostas deveriam ser enviadas por correio eletrónico, tendo fornecido aos alunos o meu endereço de email. Esta tarefa tinha como finalidade fazer um aprofundamento sobre o Concílio de Trento e fazer com que os alunos de uma forma mais autónoma chegassem às respostas pretendidas. Os alunos responderam positivamente a este desafio, muitas foram as respostas enviadas, o que evidenciou por parte destes alunos uma entrega às atividades propostas e a uma participação ativa e muito pertinente nesta aula que decorreu como havia sido planeada. Alguns dos alunos que não tinham forma de enviar por Correio eletrónico (email) o trabalho solicitado, entregaram em papel na aula seguinte, o que demonstra a responsabilidade e interesse dos mesmos. Concluindo pedi-lhes que realizassem a sua autoavaliação a partir da caderneta que lhes forneci no início da aula.

No que concerne à segunda aula, que decorreu no dia 28 de Janeiro de 2015, a mesma tinha como orientação (planificação) as tipologias e vivências familiares no tempo de Jesus, no contexto social, político, económico e cultural da Palestina, de seguida, da família de Jesus mais concretamente e os valores vividos em família.

Neste sentido e como habitual, acolhi os alunos, após projetar o sumário no quadro, solicitei que os mesmos comesçassem a registar o sumário na caderneta fornecida na aula anterior e questionei-os sobre o que havíamos trabalhado na aula anterior, procurando fazer a ligação a esta aula. Seguidamente a partir do PowerPoint sintetizei os conteúdos da última aula, e introduzi ao novo tema.

Iniciei com uma apresentação do manual multimédia, que faz referência ao contexto geográfico da Palestina e também ao contexto económico, cultural, social e político da época de Jesus. Após a audição e análise da apresentação referenciei aos alunos que a Palestina vivia sob o domínio do Império Romano, desde o ano 63 a. C., muito devido à sua boa localização geográfica, próximo ao mediterrâneo, o que fazia com que economicamente houvesse muitas transações comerciais e partilhas culturais com os

diferentes povos. Concretamente à família, verificava-se que a família era a estrutura central da vida da Galileia, onde predominava uma tipologia familiar alargada. O homem era o chefe da família e o responsável religioso; à mulher competia os trabalhos domésticos e a educação dos filhos enquanto pequenos, pelo contrário os mais velhos iam aprendendo o ofício dos pais. O estilo de vida era um estilo simples, uma vez que o que prevalecia era a consciência do ser em relação ao ter. O sábado era o dia de descanso e do culto religioso. O casamento era realizado muito cedo, sendo uma negociação feita pelos pais. Nesta parte inicial pretendi focar os valores vividos pela família como: da partilha de tarefas entre os membros da comunidade familiar do respeito e da obediência entre eles.

Após esta contextualização da cultura e sociedade da Palestina, passei uma apresentação, também do manual multimédia, mas este já sobre a família de Jesus em concreto. Destacando-se a anunciação do anjo a Maria, dizendo-lhe que esperava o Messias e da obediência de Maria a Deus. Fez-se também uma referência ao crescimento e educação de Jesus num ambiente familiar de amor, respeito, obediência e partilha de tarefas e, sobretudo, no cumprimento dos preceitos religiosos, sendo uma família que tem por base a fidelidade e a confiança entre todos os seus membros. Voltei a reforçar aqui a necessidade do amor e dos laços entre os membros de uma família. Entretanto em diálogo com os alunos fui sintetizando os pontos anteriores, questionando-os se havia dúvidas, e destacando que o valor mais forte vivido pela família naquele tempo era o da união e da solidariedade entre todos os seus membros.

Consequentemente, a partir do manual do aluno na página 119 e a partir do *PowerPoint* fez-se a análise da passagem bíblica (Mt 1,18-25) onde José, aceita o filho de Maria como seu, dando-lhe o nome de Jesus e o significado do nome Jesus (em hebreu Yeshua). Uma vez que nem todos os alunos têm Bíblia e alguns não tinham ainda tido contato com uma, fui passando a minha Bíblia pelos alunos, para que os mesmos pudessem verificar e ter contato com a Bíblia, infelizmente de uma forma rápida, porque o tempo é escasso.

Ao terminar a apresentação da aula forneci aos alunos uma pequena ficha de trabalho para ser realizado a pares, que sintetizava todos os conteúdos lecionados nesta aula, destacando em particular os valores vividos pela família no contexto da Palestina no tempo de Jesus. Os mesmos realizaram a ficha de forma ativa e participativa tendo passado depois à correção da mesma com os discentes.

Por fim, concluiu-se esta aula passando um pequeno filme intitulado “Família Lugar Feliz”¹⁵³, fazendo uma síntese desta aula e ponte para a aula seguinte e partilhando o trabalho realizado, sempre diálogo vertical e horizontal com os alunos, reforçando que Deus quer para a família um projeto de felicidade, assente nos valores do amor, fidelidade, acolhimento, partilha e perdão.

Na terceira aula, que decorreu no dia 4 de fevereiro de 2015, como sempre às oito horas e vinte minutos de quarta-feira, rececionei e acolhi os alunos, solicitando-lhes, como habitual o registo do sumário na caderneta e consequentemente interpelando-os sobre a aula passada. Posteriormente passei à proposta do tema dessa mesma aula. Questionei os alunos sobre o que era para eles a “função socializadora da família” à qual os mesmos foram respondendo que tinha a ver com a educação das crianças. De seguida, passei uma apresentação do manual multimédia e de um PowerPoint destacando que a função socializadora da família refere-se à transmissão de vida, ao amor, ao afeto, à autoridade/educação e ao respeito. A partir do manual do aluno mencionou-se que para a “doutrina social da Igreja, a família é a estrutura fundamental da sociedade, a primeira sociedade natural, que tem como missão a transmissão de vida e a educação dos filhos. É a primeira responsável pela integração dos seus membros na sociedade”¹⁵⁴, após esta menção mostrei aos alunos o meu “Compêndio da Doutrina Social da Igreja”, para que os mesmos pudessem ter contato com o documento e saber de onde vem esta afirmação.

Depois, a partir do PowerPoint verificamos o tema das condições de bem-estar familiar, tendo focado dois documentos, os quais foram fornecidos aos alunos em papel e PowerPoint. Um excerto da Carta dos Direitos da Família¹⁵⁵, destacando aqui o matrimónio, sacramento em que a família se alicerça, a transmissão de vida, o amor e a transmissão de valores. Passando depois à análise da Constituição da República portuguesa¹⁵⁶, de forma sintetizada, reforçando-se aqui que sendo a família o “elemento fundamental da sociedade, tem direito à proteção da sociedade e do Estado” (Artigo 67), tem direito à “Independência social e económica”.

No seguimento, fizemos a análise de um pequeno excerto da Bíblia, da passagem de Éfeso 6,1-4, onde se chama a atenção para a relação dos pais com os filhos e vice-versa, na

¹⁵³ https://www.youtube.com/watch?v=p_dtaUxY2h4, “Família Feliz”, youtube [consultado em 28 de Janeiro de 2015].

¹⁵⁴ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo, Educação Moral e Religiosa Católica*. 6º ano do Ensino Básico, Lisboa, Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2009, 123.

¹⁵⁵ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Carta dos Direitos da Família*, Preâmbulo (excertos), 1983.

¹⁵⁶ CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA, Artigo 67º, sobre a família.

qual alerta aos filhos que obedeçam e respeitem os pais, e aos pais para que eduquem os seus filhos, estando patentes neste pequeno excerto os valores do acolhimento, do respeito na diferença, da tolerância e da reconciliação. Esta análise dos valores na vida familiar, foi continuada partir de um pequeno trecho da Exortação Apostólica do Papa João Paulo II, que se encontra no manual do aluno na página 130, e no qual o Papa chama a atenção para a importância da comunhão e da participação de todos na vida familiar, assim como da família como lugar de humanização e de gratuidade, onde todos se devem dar de forma gratuita.

Neste sentido, passamos para a participação e corresponsabilidade na vida em família, ou seja para as tarefas familiares, as quais devem ser da responsabilidade de todos os seus membros, reforçando que as tarefas domésticas devem ser partilhadas por todos, evidenciando aqui os valores da cooperação e da participação de todos nas tarefas familiares que denotam a solidariedade e partilha, acentuando que a ajuda facilita a vida de todos, tornando-a mais agradável.

Posto isto, passou-se à problemática de quando a família falha. No que concerne em particular aos filhos, questionei os alunos sobre o que acontece a uma criança quando é abandonada. Os mesmos começaram a dizer que vão para um orfanato. Nesta parte da aula, fizemos uma pequena análise das crianças que são abandonadas ou, porque, por algum problema que pode estar relacionado com drogas, alcoolismo e violência as crianças podem ser institucionalizadas ou, mais tarde podem ir para famílias de apoio ou adotadas, evidenciando sempre que primeiro está o superior interesse da criança. A partir do PowerPoint e do manual do aluno na página 137 mostrei-lhes que há instituições de apoio às famílias como por exemplo: “A Ajuda de Mãe”; a “Associação Vida Universitária”, a “Associação Portuguesa de Famílias numerosas”; o “Centro de Orientação Familiar”, vincando que as mesmas existem no sentido de dar apoio e orientar as famílias para um bom ambiente de crescimento familiar.

Concluiu-se esta aula sintetizando os conteúdos apresentados, colocando-lhes questões no sentido de perceber se os mesmos captaram o exposto ao longo da aula, e entregando-lhes uma folha com uma árvore genealógica, a qual deveriam completar em casa, ou com fotografias de família, ou desenhos ou, até mesmo, com colagens, a qual seria para trazer na última aula da unidade, no sentido de se fazer a construção de um cartaz em grupo, concluindo-se, assim o trabalho realizado e apresentado ao longo das cinco aulas desta unidade “Família, comunidade de amor”. Por último, solicitei aos alunos que fizessem a sua autoavaliação desta aula disponível na caderneta.

Dando continuidade à aula anterior, no que toca à partilha de tarefas e cooperação de todos no ambiente familiar, nesta quarta aula, que decorreu no dia 11 de fevereiro de 2015, pretendi dar um destaque maior à questão dos mais velhos e dos avós na vida familiar e na sociedade, utilizando os recursos habituais aos quais os alunos aderiram bem, introduzindo aqui outros recursos, por forma a captar, ainda mais, a atenção dos discentes para o problema dos mais velhos na sociedade atual.

Assim, como habitual após acolhimento e registo do sumário e da solicitação dos conteúdos das aulas anteriores, dei continuação à apresentação presente no manual multimédia, a qual iniciamos na aula anterior. Esta segunda parte da apresentação centrava-se essencialmente sobre a questão dos mais velhos na vida familiar. Desta apresentação ficou explícito que os idosos são os grandes portadores de sabedoria, cultura, valores e que o património é comunicado de geração em geração essencialmente através dos avós.

De modo consequente, a partir de um PowerPoint e do manual do aluno analisámos alguns textos e excertos. Começamos pela mensagem do Papa João Paulo II que tem como título “ *A vida do ser humano é um dom precioso que se deve amar e defender em todas as suas fases.*”¹⁵⁷, mostrando que o Papa mostra preocupação com os mais velhos, uma vez que, muitas vezes são considerados pelos mais novos como “inúteis”, quando estes mostram problemas físicos e mentais devido à idade. O Papa chama a atenção para a necessidade do acolhimento amoroso, e a necessidade de se valorizar a vida dos mais velhos e da incrementação de “apoios económicos e iniciativas legislativas que lhes permitam não ser excluídos da vida social.” A partir desta mensagem de João Paulo II comecei por destacar a necessidade de se acolher os idosos em qualquer condição que se encontre, e da obrigação de os acompanhar com amor e respeito.

Seguidamente mostrei aos alunos a partir do *PowerPoint* a legislação para a terceira idade da *Constituição da República Portuguesa* em que “As pessoas idosas têm direito à segurança económica e a condições de habitação e convívio familiar e comunitário que respeitem a sua autonomia pessoal e evitem e superem o isolamento ou a marginalização social” e “A política de terceira idade engloba medidas de carácter económico, social e cultural tendentes a proporcionar às pessoas idosas oportunidades de realização pessoal, através de uma participação ativa na vida da comunidade.”¹⁵⁸ Ao destacar este artigo

¹⁵⁷ PAPA JOÃO PAULO II, “ *A vida do ser humano é um dom precioso que se deve amar e defender em todas as suas fases*”, Mensagem para a Quaresma, 27 de janeiro de 2005.

¹⁵⁸ CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA, Artigo 72º, Terceira Idade.

pretendi que os alunos tivessem acesso àquilo que é a legislação do nosso país no que se refere aos mais idosos, mostrando-lhes que perante a lei os mesmos têm direitos, em particular à participação ativa dos mesmos na sociedade.

Continuando, fiz também referência a um pequeno trecho da Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (*Deus é Amor*), do Papa Bento XVI. “Para além do aspeto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior de um gesto de amor, de atenção, que eu não lhe faço chegar somente através das organizações que disso se ocupam, aceitando-o talvez por necessidade política. Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o amor que ele precisa.”¹⁵⁹, reforcei aqui, que às vezes os mais velhos precisam só de um gesto de amor, porque muitas vezes os mesmos sentem-se isolados, esquecidos e abandonados, basta apenas um pequeno gesto de amor para que se sintam participantes da vida, não só deles como também da nossa. Informei, ainda, sobre o que é uma encíclica, e fiz passar na aula a encíclica¹⁶⁰ *Deus Caritas Est*, para que os discentes pudessem ter contato com esta carta do Papa Bento XVI.

Logo após esta exposição e análise dos pequenos textos passei um pequeno filme sobre “Educação, promoção e intervenção da saúde do Idoso”¹⁶¹, e de seguida questionei os alunos sobre o que puderam perceber do filme. Pretendi mostrar com este pequeno filme que os mais velhos podem ser pessoas ativas na sociedade, dentro das suas capacidades, e que nós devemos promover e convencer os mais velhos a cuidarem-se e a orientá-los, deixando que os mesmos participem nas decisões, não só da família, como também da sociedade. Verificou-se, também, que infelizmente, muitas vezes os mais velhos são abandonados, ou porque não querem saber deles, ou porque, em muitos casos, não têm família. Aqui, a partir do PowerPoint mostrei aos alunos a mensagem do Papa Francisco para o Dia dos Avós “Nós cristãos, juntamente com todos os homens de boa vontade, somos chamados a construir com paciência uma sociedade diferente, mais acolhedora, mais humana, mais inclusiva, que não tem necessidade de descartar quem é fraco no corpo e na mente”. O Papa lembrou os idosos que vivem em lares, deixando votos de que estas instituições sejam “pulmões” e “santuários” de humanidade, nos quais “quem é velho e fraco seja cuidado e guardado como um irmão ou uma irmã”. “O encontro entre os jovens e os idosos é um encontro cheio de alegria, cheio de fé e cheio de esperança. Não há futuro

¹⁵⁹ BENTO XVI, *Deus Caritas Est*, dado em Roma a 25 de Dezembro de 2005, nº 18.

¹⁶⁰ A carta encíclica, ou apenas vulgarmente encíclica (*Litterae Encyclicae*¹) é uma circular papal, um documento pontifício, dirigido aos bispos de todo o mundo e, por meio deles, a todos os fiéis.

¹⁶¹ <https://www.youtube.com/watch?v=sejFtRJ1a4w>, “Educação, promoção e intervenção da saúde do Idoso”, Filme disponível no youtube, [consultado em 11-02-2015].

para um povo sem este encontro entre as gerações”.¹⁶² Com esta mensagem, destaquei a importância de construirmos pontes com os mais velhos, acolhendo-os e ajudando-os, porque enquanto fomos pequenos foram eles que nos ajudaram a nós. Mostrei-lhes ainda que, infelizmente, muitos dos idosos são abandonados ou em hospitais ou em lares, e que é da obrigação tanto dos hospitais como dos lares cuidarem dos mais velhos de forma humana e carinhosa. Reforcei ainda que o local ideal para os mais velhos estarem é na família e com a família, sendo este o ponto crucial ao qual pretendia chegar, evidenciando que tendo os mais velhos mais tempo disponível, têm mais tempo para acompanhar e dar amor e afeto aos mais novos. Por outro lado, quando eles precisam de nós temos nós a obrigação de os acompanhar, dar amor e afeto.

Por último, entreguei aos alunos uma ficha para trabalho individual, na primeira parte da ficha tinha a letra de uma música, mas com espaços incompletos, os quais teriam de ser preenchidos à medida que iam ouvindo a música. A música que utilizei foi a música “Velho” de Mafalda Veiga¹⁶³. Nesta música estava patente a solidão porque passam muitos dos velhos quando passam por eles e não lhes ligam, ignorando-os até. Após a audição da música os alunos continuaram a realização da ficha, respondendo às questões, as quais consolidavam o apreendido na aula. Concluindo fizemos a correção da ficha, e uma síntese de toda a aula, focando a necessidade de se acolher e respeitar os mais velhos quando os mesmos já não têm as mesmas capacidades e de lhes dar atenção e ouvi-los quando precisam. Solicitei aos alunos que não se esquecessem da árvore genealógica que tinha sido entregue na aula anterior, a qual seria para trabalho da última aula, e solicitei que fizessem a sua autoavaliação.

A última aula, que foi o culminar das quatro aulas anteriores, decorreu no dia 25 de Fevereiro de 2015. Como já havia informado os alunos, esta aula seria a sintetização de toda a unidade lecionada e a realização de um trabalho de grupo, para o qual era necessário as árvores genealógicas dos discentes e que haviam sido entregues na terceira aula.

Assim, num primeiro momento, como já era frequente, após o acolhimento solicitei aos alunos que registassem o sumário na caderneta. Após o registo, pedi-lhes que me fizessem uma síntese das quatro aulas anteriores e ia colocando-lhes questões sobre os

¹⁶² PAPA FRANCISCO, Encontro Mundial de Avós em 28 de Setembro de 2014. <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-papa-alerta-para-abandono-de-idosos-e-fala-em-eutanasia-escondida/> [consultado em 11-02-2015].

¹⁶³ Música “Velho” de Mafalda Veiga, cantora e compositora portuguesa, disponível no youtube, <http://www.youtube.com/watch?v=qtEYzFuEYB8>, [consultado em 11-02-2015]. E disponível no manual do aluno na p. 135.

conteúdos desenvolvidos. Seguidamente, a partir de um PowerPoint, sintetizei todos os conteúdos das últimas aulas. Passei novamente a música “Velho”, que havia passado na última aula, a qual os alunos foram acompanhando cantando, mostrando o seu gosto e interesse pela mesma. Depois partimos para a construção do cartaz. Alguns alunos que ainda não tinham terminado a sua árvore genealógica foram fazendo, enquanto outros em conjunto comigo foram construindo o cartaz. O mesmo tem como título “A Família comunidade de..... muitos valores!” Fizemos uma flor, na qual estava no centro da flor “Família comunidade de....” e as pétalas correspondiam aos valores, valores estes que foram desenvolvidos e apreendidos ao longo das aulas anteriores, sendo os utilizados neste trabalho do cartaz: Amor, Afeto, Autoridade, Carinho, Comunhão, Cuidado, Cooperação, Educação, Partilha, Perdão, Proteção, Respeito, Tolerância e Vida. Após a conclusão da flor, fomos colocando em volta da mesma as árvores genealógicas dos alunos, mostrando a diversidade de famílias que constituem a nossa sociedade.¹⁶⁴

De seguida, colocamos o cartaz em exposição e fizemos uma pequena partilha do trabalho realizado ao longo das cinco aulas.

Concluindo agradei aos alunos o facto de me terem dado a oportunidade de partilhar com eles esta unidade, agradei-lhes a participação ativa e dinâmica deles ao longo das aulas e despedi-me entregando-lhes uma pequena lembrança, um marcador de livros com a oração da Família do Papa João Paulo II.

“A educação, entendida como processo contínuo, permanente e global, consiste no desenvolvimento da capacidade de produzir ou contruir o conhecimento, no confronto direto com as realidades, ordenando-se para a formação de personalidades unas e não fragmentadas. Quer ser também, multidimensional: atende aos domínios do cognitivo, do afetivo e do volitivo; atende à teoria e à prática, ao vital e ao lógico, ao estético e ao ético, ao universal e ao particular, ao imanente e ao transcendente.”¹⁶⁵

Sendo do superior interesse da criança, do adolescente e do jovem este processo contínuo e global da formação, importa referir aqui, a importância da transdisciplinaridade, ou seja, do trabalho de partilha e de envolvimento com as diferentes áreas curriculares, ou entre as diferentes disciplinas. Assim sendo, a EMRC deve estabelecer e propor pontes e diálogos com outros saberes, no sentido de se promover este saber global ou integral dos alunos. Neste sentido, dada a especificidade do trabalho realizado no âmbito desta Prática

¹⁶⁴ Cf. anexo 13.

¹⁶⁵ Fernando MOITA, “A missão do Professor de EMRC no contexto da escola atual”, in *Pastoral Catequética*, 26 (2013) 57.

de Ensino Supervisionada, não foi possível estabelecer pontes de diálogo interdisciplinar com outras disciplinas, devido ao reduzido tempo disponível que tivemos no desenrolar das cinco aulas. Contudo, é possível articular curricularmente alguns dos conteúdos desta unidade didática com outras disciplinas, respetivamente com **Ciências da Natureza** (na abordagem ao conteúdo “Transmissão de Vida) e com **Inglês** (na abordagem à enumeração e relação da família restrita e alargada).

2.5. Planos de aula e planificação da unidade “Família, Comunidade de amor”

Uma vez estabelecida a apresentação desenvolvida dos planos de aula, passo agora a apresentar esquematicamente as tabelas de planificação das aulas, que foram elaboradas, no sentido de orientarem o trabalho de lecionação.

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Família, comunidade de amor

Aula n.º 16 (1ª aula de 5 aulas)

Ano: 6.º | Turma: 5

Data: 21-01-2014

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
Acolhimento e Sumário			- Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário	- Computador e videoprojector - Caderno diário - Caderneta do aluno.	5 min.	
SUMÁRIO: A Família. O que é uma Família e a família como instituição da história.						
Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. (Domínio- Ética e Moral)	Promover os valores do amor na vida familiar.	A família é: - Origem da vida humana e espaço onde se educa e cresce no amor; - Espaço de crescimento pessoal, através do afeto, da presença do modelo Masculino/feminino, de um clima de confiança, de intimidade, de respeito e de liberdade; de responsabilidade; - Acolhimento e reconhecimento da	Interação permanente, sempre em diálogo vertical e horizontal com os alunos. Entrega de uma caderneta aos alunos para autoavaliação das aulas. Introdução à Unidade “A Família, comunidade de amor.” Questionar os alunos sobre o que é para eles uma família. . Observação de uma apresentação do manual multimédia sobre o tema o que é uma família? . Análise da origem da palavra família a partir do Manual pág. 106 . Observação de uma apresentação	Computador Videoprojector Programa: PowerPoint. Manual do 6º ano de EMRC “Nós e o Mundo” Manual Multimédia PowerPoint	5 min. 5 min. 3 min. 5 min.	Autoavaliação individual. Caderneta. Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento pelas tarefas propostas;

		pessoa.	<p>do manual multimédia sobre a família como instituição histórica.</p> <p>. Análise da evolução da família no tempo;</p> <p>. Verificação do Concílio de Trento a partir do manual pág. 110.</p> <p>.Verificação de uma tabela cronológica sobre a legislação sobre a família e o casamento em Portugal a partir do manual pág. 111</p> <p>. Partilha do trabalho realizado</p> <p>Proposta de trabalho de casa: pesquisa sobre o Concílio de Trento, para ser entregue por via eletrónica.</p>		<p>8 min.</p> <p>5 min.</p> <p>5 min.</p> <p>4 min.</p>	<p>Trabalho de pesquisa a enviar por email (correio eletrónico) sobre o Concílio de Trento</p>
--	--	---------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Família, comunidade de amor

Aula n.º 17 (2ª aula de 5 aulas)

Ano: 6.º | Turma: 5

Data: 28-01-2015

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
Acolhimento e Sumário			- Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário	- Computador e videoprojector - Caderno diário	3 min.	
SUMÁRIO: A Família de Jesus e o contexto social, económico e político do Seu tempo.						
Identificar o fundamento religioso da moral cristã. (Domínio - Ética e Moral)	Reconhecer as diferentes funções da família, no tempo de Jesus.	O projeto de Deus para a família na mensagem bíblica: - A família de Nazaré, testemunho de relação de amor entre os seus membros na fidelidade e confiança em Deus.	Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior, sempre em diálogo vertical e horizontal. Aula expositiva, em diálogo e interação permanente com os alunos com recurso ao manual multimédia, ao manual do 6º ano, a PowerPoint, imagens, textos da Bíblia disponibilizados aos alunos em PowerPoint e em papel, ficha de trabalho de pares e filme. Observação de uma apresentação do manual multimédia sobre a Palestina o local onde Jesus nasceu e viveu. .Caracterização da vida social, económica e política do tempo de Jesus, a partir do manual e PowerPoint.	Computador vídeo-projetor; Manual do 6º ano de EMRC “Nós e o Mundo”	3 min. 8 min.	Autoavaliação individual. Participação ativa e organizada;
	Identificar o projeto de Deus para a	- Viver os valores da verdade, da bondade, do perdão; da partilha;	A família de Jesus . Observação de uma apresentação do manual	Manual Multimédia PowerPoint	8 min.	Respeito pelos outros;
						10 min.

	família.	obediência; - Dar prioridade à consciência do ser em relação à consciência do ter.	<p>multimédia sobre o tema a família de Jesus.</p> <p>. Abordagem da passagem bíblica Mt 1,18-25 (o acolhimento de José a Maria e a Jesus)</p> <p>.Significado do nome Jesus a partir do Manual pág. 119</p> <p>. Realização de uma ficha de trabalho em grupo (pares) com a colaboração do professor.</p> <p>Visualização de uma pequeno filme sobre “A Família lugar feliz” https://www.youtube.com/watch?v=p_dtaUxY2h4</p> <p>. Partilha do trabalho realizado</p> <p>Deus quer o projeto da família seja a felicidade.</p>	<p>Texto da Bíblia disponibilizado em papel aos alunos.</p> <p>Bíblia</p> <p>Imagens</p> <p>Ficha de trabalho</p>	<p>6 min.</p> <p>7 min.</p>	<p>Realização da ficha de trabalho em grupo;</p> <p>Cumprimento pelas tarefas propostas;</p>
--	----------	-------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Família, comunidade de amor

Aula n.º 18 (3ª aula de 5 aulas)

Ano: 6.º | Turma: 5

Data: 04-02-2015

Tempo previsto de aula: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
Acolhimento e Sumário			- Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário	- Computador e videoprojector - Caderno diário	3 min.	
SUMÁRIO: A Função socializadora da Família. A Família como espaço de comunhão, partilha e solidariedade.						
Identificar o fundamento religioso da moral cristã. (Domínio - Ética e Moral)	Reconhecer as diferentes funções da família. Identificar o projeto de Deus para a família.	- Força socializadora, através da vivência baseada num sistema de relações sociais fundadas em valores; - Lugar educativo contra as injustiças sociais; Funções da família: <ul style="list-style-type: none"> • Humanizadora; • Socializadora e educativa; • De afetividade; • De proteção; • De interajuda. - Comunhão de pessoas que vivem no amor; - Cada elemento é sujeito ativo e participante na formação dos outros	Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior. . Observação de uma apresentação do manual multimédia sobre a função socializadora da Família e os valores que a família transmite: - A transmissão da vida; - A autoridade; - O respeito; - Os valores; - Análise de um pequeno texto sobre família na Doutrina social da Igreja a partir do manual pág. 123, e de PowerPoint - As condições de bem-estar familiar e os direitos da família, análise do texto “carta dos direitos da família do Pontifício	PowerPoint Manual do 6º ano de EMRC “Nós e o Mundo” Manual Multimédia Computador vídeo-projetor; Texto da Bíblia e da Constituição da República Portuguesa disponibilizado em	3 min. 7 min. 3 min 5 min.	Autoavaliação individual. Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Cumprimento pelas tarefas propostas;
Estabelecer um diálogo	Valorizar a participação de todos na vida em					

entre a cultura e a fé. (Domínio - Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida)	família.	<p>e de si próprio;</p> <p>-Relação vivida através do acolhimento cordial, do encontro com os outros,</p> <p>Da gratidão, do diálogo, da disponibilidade desinteressada, do serviço generoso e da solidariedade;</p> <p>- A reconciliação: compreensão, tolerância, perdão;</p> <p>- O respeito e promoção da singularidade pessoal: na saúde e na doença; na pobreza e na riqueza.</p> <p>- Participação e corresponsabilidade na vida em família:</p> <p>- A participação de cada um rege-se por valores não autoritários de apelo à Corresponsabilidade.</p> <p>- Todos os membros são chamados a resolver os problemas, de acordo com as suas capacidades;</p> <p>- A vivência da solidariedade, do dom de si mesmo, da justiça e do amor;</p> <p>- A formação de pessoas conscientes, com atitude crítica e dialogante.</p>	<p>Conselho para a família e análise da Constituição da República portuguesa artigo 67º a partir de PowerPoint e Manual páginas 125/126</p> <p>- Valores da vida familiar análise do texto bíblico Ef 6,1-4</p> <p>- A família lugar de comunhão, análise de um pequeno excerto da <i>Familiaris Consortio</i>, exortação apostólica de João Paulo II.</p> <p>- As tarefas familiares; a partir do manual pág. 132 e observação de PowerPoint.</p> <p>- Quando a família falha, o que fazer?</p> <p>- A adoção</p> <p>- As instituições de acolhimento Análise a partir do manual pág. 137 e PowerPoint.</p> <p>No final entrega de uma folha para realização de uma árvore genealógica, para trabalho de casa, para posterior afixação de um cartaz sobre a família.</p>	<p>papel aos alunos.</p> <p>Bíblia</p> <p>Proposta de Trabalho de casa – entrega de uma folha para realização de uma árvore genealógica</p>	<p>5 min.</p> <p>10 min.</p> <p>5 min.</p>	Trabalho de casa
-----------------------------------------------------------------------------------------	----------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------	------------------

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Família, comunidade de amor

Aula n.º 19 (4ª aula de 5 aulas)

Ano: 6.º | Turma: 5

Data: 11-02-2015

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
Acolhimento e Sumário			- Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário	- Computador e videoprojector - Caderno diário	5 min.	
SUMÁRIO: O Lugar dos mais velhos na Família e na sociedade.						
Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. (Domínio - Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida)	Valorizar a participação de todos na vida em família.	- O lugar dos mais velhos no ambiente familiar. - O valor e a sabedoria dos mais velhos. - O Cuidado com os mais velhos;	Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior. . Observação de uma apresentação do manual multimédia sobre a função socializadora da Família, segunda parte sobre os avós e idosos. Em diálogo e interação permanente com os alunos passamos à análise dos seguintes documentos, disponibilizados em PowerPoint e no Manual: -Análise da Mensagem do Papa João Paulo II “A vida do ser humano é um dom precioso que se deve amar e defender em todas as suas fases”, (a partir do Manual pág. 134 e PowerPoint.)	Computador vídeo-projetor Manual do 6º ano de EMRC “Nós e o Mundo” Manual Multimédia PowerPoint	5 min. 8 min. 8 min.	Autoavaliação individual; Participação ativa e organizada; Respeito pelos outros; Atenção; Ficha de trabalho; Cumprimento pelas tarefas

		<p>Com a visualização do filme, mostrar a realidade atual dos mais velhos e alertar os alunos para a necessidade de criar e desenvolver relações/laços com os mais velhos tendo em conta as suas limitações.</p> <p>Com a música, mostrar aos alunos que muitas vezes os mais velhos são esquecidos e ignorados e sentem a discriminação da sociedade;</p>	<p>- A Constituição da República Portuguesa sobre a Terceira Idade artigo 72º.</p> <p>-Análise de um excerto da encíclica Deus Caritas Est de Bento XVI disponibilizado aos alunos em PowerPoint.</p> <p>- Visualização de um pequeno filme sobre a valorização dos mais velhos, intitulado “Educação, promoção e intervenção da saúde do Idoso”.</p> <p>- Mensagem do Papa Francisco em encontro mundial de avós disponibilizada aos alunos em PowerPoint.</p> <p>- Audição da música “Velho” de Mafalda Veiga.</p> <p>- Realização e correção de uma ficha de trabalho individual que sintetiza a aula.</p> <p>- Partilha do trabalho realizado e aviso aos alunos para trazerem os materiais para a última aula.</p>	<p>Colunas</p> <p>Visualização de um filme https://www.youtube.com/watch?v=sejFtRJ1a4w</p> <p>PowerPoint</p> <p>Audição e visualização de Música http://www.youtube.com/watch?v=qtEYzFuEYB8</p> <p>Ficha de trabalho individual.</p>	<p>4 min.</p> <p>3 min.</p> <p>12 min.</p>	propostas;
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------	------------

Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Família, comunidade de amor
Aula n.º 20 (5ª aula de 5 aulas)

Ano: 6.º | Turma: 5
Data: 25-02-2015
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação Formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Sintetização e Conclusão da Unidade “Família Comunidade de Amor”. Realização e Construção de um cartaz para exposição em grupo.			- Acolhimento aos alunos - Registo do Sumário	- Computador e videoprojector - Caderno diário	3 min.	
	Consolidar os conhecimentos adquiridos ao longo das cinco aulas lecionadas.	Sintetização e conclusão da unidade “Família, Comunidade de amor”. Realização e construção de um cartaz “Família comunidade de...” A flor dos valores da família. Colaboração dos alunos na realização do trabalho de grupo.	Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados nas aulas anteriores e apresentação de um PowerPoint, com a síntese das aulas. Audição da música “O Velho” de Mafalda Veiga, recordando a última aula; Conclusão da Unidade “A Família, Comunidade de Amor”, com um pequeno trecho da Exortação apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> do Papa Francisco. Realização de um trabalho de grupo construindo um cartaz, sobre “A Família comunidade de... muitos valores!”, utilizando as árvores genealógicas dos alunos, as quais haviam sido entregues na terceira aula. . Partilha do trabalho realizado. . Entrega de um marcador de livros com a oração da família do Papa João Paulo II.	Computador Videoprojector Programa: PowerPoint. Música “O Velho” Cartolina Cola Tesoura Árvores genealógicas dos alunos -Marcador de livros	13 min. 4 min. 15 min. 10 min.	Autoavaliação individual. Participação ativa e organizada. Respeito pelos outros. Atenção. Cumprimento pelas tarefas propostas. Trabalho de grupo.

2.6. A avaliação

Uma das fases importantes no processo de desenvolvimento das aprendizagens é a avaliação. A avaliação pode ser entendida muitas das vezes como uma repressão para alguns e para outros como uma peça-chave e fundamental no sistema de instrução.¹⁶⁶

“A função de «avaliar» tem hoje um lugar preponderante em qualquer operação de planeamento sistemático e nos mais diversos domínios. Compreende-se facilmente porquê. Num plano modesto ou de grande dimensão, a curto ou a longo prazo, visam-se sempre metas ou objetivos que importa atingir.”¹⁶⁷

Em todo o processo de aprendizagem a avaliação acompanha a vida escolar de cada aluno e também dos professores, no sentido de verificar se os objetivos ou metas são atingidas pelos mesmos, ou se se torna necessário fazer uma remodelação ao que já se havia planificado, no sentido de se melhorar as hipóteses de aprendizagem dos alunos, com o intuito de os mesmos captarem determinado objetivo proposto. Tendo em vista toda a problemática envolvente a este tema da avaliação, devido às muitas preocupações que o termo em si traz e sendo uma das áreas em que mais se reflete é visível o “complexo edifício em permanente construção valorativa através da recolha formal e informal de dados, com vista a uma tomada de decisão.”¹⁶⁸ Ou seja, trata-se de um reflexo de busca de informações sobre o aluno no sentido de alcançar uma resposta que mostre que houve a captação do objetivo pretendido ou não, informação esta que é realizada no quotidiano dos alunos, aula a aula, visando sempre a possibilidade de reformular alguma coisa necessária para o melhor aproveitamento dos alunos, a que se propõe, neste caso, uma avaliação contínua do aluno. Colmatando esta pequena introdução à avaliação, referencio aqui o Decreto-Lei nº 139/2012:

“1- A avaliação constitui um processo regulador do ensino, orientador do percurso escolar e certificador dos conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelos alunos.

2 - A avaliação tem por objetivo a melhoria do ensino através da verificação dos conhecimentos adquiridos e das capacidades desenvolvidas nos alunos e da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para os níveis de ensino básico e secundário.

3 – A verificação prevista no número anterior deve ser utilizada por professores e alunos para, em conjunto, melhorar o ensino e suprir as dificuldades de aprendizagem.

¹⁶⁶ Cf. Miguel ZABALZA, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Edições Asa, 1992, 221.

¹⁶⁷ Lucie Carrilho RIBEIRO, *Educação hoje. Avaliação da Aprendizagem*, Texto Editora, Lisboa 1989, 5.

¹⁶⁸ José Augusto PACHECO, “Avaliação da Aprendizagem”, in Leandro da Silva ALMEIDA e José TAVARES (org.), *Conhecer, aprender e avaliar*, Porto, Porto Editora, 1998, 113.

4 – A avaliação tem ainda por objetivo conhecer o estado do ensino, retificar procedimentos e reajustar o ensino das diversas disciplinas aos objetivos curriculares fixados.”¹⁶⁹

Considerando o acima exposto, verifica-se que, legislativamente a avaliação é um passo de extrema importância no processo de aprendizagem dos alunos, que visam a certificação das aprendizagens que os alunos adquirem e porque, também visam melhorar e aperfeiçoar a qualidade do ensino.

Tendo em vista esta necessidade de avaliar, passo agora à análise da avaliação e autoavaliação das cinco aulas preparadas sob o tema “Família, Comunidade de Amor”.

Assim, e começando pela primeira aula, após o acolhimento e apresentação, elucidei os alunos quanto às regras de sala de aula e dos critérios de avaliação¹⁷⁰ fornecendo-lhes uma pequena caderneta¹⁷¹ onde deveriam fazer a sua autoavaliação ao longo das cinco aulas e final das cinco aulas. Tendo esta primeira aula como função a introdução à temática e como objetivo a atingir a promoção dos valores do amor na vida familiar, procurei referir a família como um espaço de crescimento e de educação no amor e na afetividade onde há confiança e partilha. Procurei sempre utilizar um diálogo vertical e horizontal, assim como solicitei a intervenção dos alunos tanto com questões como na leitura de textos apresentados¹⁷².

Os alunos foram bastante participativos e sempre interventivos ao longo da aula, fazendo com que a mesma fosse fluida e sem tempos mortos. Sempre que participavam os alunos faziam-no de forma organizada, respeitando sempre tanto os colegas como a professora. Todas as questões que colocaram foram de muita pertinência, o que mostrou um bom fio condutor desta aula. O plano de aula foi cumprido, e como havia já planificado, solicitei aos alunos que fizessem como trabalho de casa uma pesquisa sobre o Concílio de Trento, para que os mesmos pudessem consolidar alguns conhecimentos que foram apresentados em aula e também para que os mesmos pudessem fazer uma aprendizagem por pesquisa de forma autónoma, e no qual o resultado da pesquisa deveria ser entregue por correio eletrónico. Mais uma vez os alunos se mostraram bastante participativos nesta atividade. Alguns dos alunos que tiveram dificuldade em entregar o resultado do trabalho por correio eletrónico entregaram em papel na aula seguinte.

Analisada esta primeira aula faço uma avaliação positiva, muito por causa da participação ativa e pertinente dos alunos, e pelo seu interesse demonstrado ao longo de toda a exposição desta primeira aula e também pelo seu desempenho no trabalho de pesquisa

¹⁶⁹ Cf. Artigo 23º, Decreto-lei nº 139/2012, de 5 de julho.

¹⁷⁰ Cf. anexo 14.

¹⁷¹ Cf. anexo 1.

¹⁷² Cf. anexo 2.

realizado, o que demonstrou a preocupação dos alunos na realização das tarefas. Menos positivo verificou-se a falta de empenho de três alunos, que pouco se envolveram, apesar de várias vezes lhes pedir a intervenção na aula e que não realizaram o trabalho solicitado.

Relativamente à segunda aula, tendo a mesma como objetivos reconhecer as diferentes funções da família, no tempo de Jesus e identificar o projeto de Deus para a família, fiz uma apresentação do que era a vida familiar na Palestina no tempo de Jesus e, uma apresentação da família de Jesus¹⁷³. Tendo em conta esta temática, um pouco mais histórica, procurei dinamizar esta aula com diversos recursos, por forma a que todos os alunos, sem exceção, pudessem estar de uma forma ativa e participativa. Depois de fazer na primeira parte da aula uma caracterização do contexto social, político, económico e cultural da Palestina do tempo de Jesus, mostrando que na família todos partilhavam as tarefas, coloquei questões aos alunos a partir do *PowerPoint* apresentado. As questões que ia colocando fazia-o de forma errada, isto é, depois de mostrar determinada imagem dizia-lhes que a mesma se referia a outra coisa qualquer que não o que havia sido apresentado e exposto. Os alunos sempre foram precisos nas afirmações contrárias ao que lhes questionava, o que demonstrou uma grande atenção por parte deles ao que foi exibido. Os três alunos que na primeira aula foram menos participativos mostraram nesta segunda aula mais interesse e mais participação, em particular quando colocava as questões de forma errada ou contrária ao exposto anteriormente.

Na segunda parte da aula, que fazia a caracterização da família de Jesus, procurei referir que Deus quer para a família um ambiente de amor, confiança e afeto, assim como foi a família de Jesus, e que Jesus colaborava nas tarefas domésticas sendo sempre obediente aos seus pais. Fiz também referência ao acolhimento de José a Maria e a Jesus, depois de saber que Maria estava grávida. Aqui como recurso forneci aos alunos (em papel e *PowerPoint*) uma passagem da Bíblia¹⁷⁴ e fiz passar a minha Bíblia pelos alunos para que os mesmos pudessem saber de onde foi retirada aquela passagem. Por fim, por forma a consolidar as metas e os objetivos desenvolvidos forneci aos alunos uma pequena ficha de trabalho¹⁷⁵ para ser realizada em pares e depois de os mesmos a realizarem fizemos a respetiva correção em grupo. Na correção solicitei mais a participação dos alunos que estiveram menos interventivos nesta aula, procurando com que os mesmos pudessem ser um pouco mais ativos e interventivos.

¹⁷³ Cf. anexo 3.

¹⁷⁴ Cf. anexo 4.

¹⁷⁵ Cf. anexo 5.

Nesta segunda aula, as estratégias corresponderam às minhas expetativas, no sentido de dar mais ânimo e atividade à aula. Procurei com estas estratégias envolver particularmente os alunos mais envergonhados e menos participativos. No geral a turma aderiu muito bem, tendo sido participativa e ativa e colocando questões extremamente pertinentes, dado que houve um aluno que me questionou se “Jesus era Judeu ou Católico”, o que demonstrou a atenção e curiosidade perante o tema exposto. No final passei uma pequena animação retirada do *youtube* intitulada “família lugar feliz” com a qual pretendi mostrar que Deus quer para a família a felicidade.

Penso que esta aula foi positiva e dinâmica, as estratégias planificadas, principalmente a utilização das questões de forma errada, corresponderam às expetativas iniciais da participação de todos os alunos, sem exceção, sobretudo de uma forma ordenada e interessada. A turma envolveu-se com dedicação e interesse na realização da pequena ficha de trabalho que sintetizava a aula exposta e na sua correção. A aula decorreu como planificada não havendo desvios nem atrasos da mesma.

Na terceira aula, uma vez que a mesma seria antes das férias de Carnaval, fiz uma sintetização inicial das aulas anteriores e uma ponte para esta aula que tinha como objetivo, novamente a identificação do projeto de Deus para a família, o reconhecimento das diferentes funções da família e a valorização da participação de todos na vida familiar, dando assim continuidade à aula anterior. Através de diversas estratégias, pretendi levar os alunos a refletir na necessidade da partilha das tarefas domésticas no sentido de mostrar que a família deve ser humanizadora e solidária. Analisámos vários documentos, documentos estes entregues em papel¹⁷⁶ (e disponível em *PowerPoint*), tanto da Igreja Católica como da cultura em geral, em particular da *Constituição da República Portuguesa*, documentos estes que mostram os direitos e deveres da família na sociedade. De novo, nesta aula um pouco mais expositiva, mas sempre em diálogo com os discentes os mesmos mostraram-se participativos, e foram sempre colocando questões à medida que ia apresentando os pequenos trechos dos diferentes documentos apresentados, assim como as diferentes imagens. Na última parte da aula fez-se um pequeno alerta, no caso das famílias que falham, nomeadamente quando abandonam e maltratam os filhos. Aqui os alunos mostraram-se mais envolvidos, dando inclusive exemplos de amigos que foram abandonados ou que viviam em instituições, evidenciando a sua preocupação nestes casos. Alguns deram ainda exemplos de associações que ajudavam as famílias nestas situações. Procurei mostrar-lhes através do *PowerPoint* algumas associações

¹⁷⁶ Cf. anexo 7.

que procuram sempre apoiar e orientar as famílias, para que as crianças possam crescer num bom ambiente familiar.

No final da aula fizemos uma síntese de tudo o que havíamos realizado até então, fazendo uma ponte para a aula seguinte.

No sentido de dar uma continuidade às aulas e ter um bom fio condutor, entreguei aos alunos uma folha com uma árvore genealógica¹⁷⁷, para que os mesmos pudessem fazer a sua árvore genealógica em tempo de férias, a qual deveria ser para trazer na última aula, aula esta que foi planificada para ser um trabalho de grupo que tem como objetivo ser a sintetização de todo o trabalho realizado ao longo das cinco aulas.

Penso que as estratégias utilizadas nesta aula fizeram com que os alunos se sentissem envolvidos nesta temática da partilha das tarefas e da solidariedade que se deve desenvolver no seio familiar, assim como na problemática do abandono e da adoção. Ao entregar os materiais em papel pretendi que os mesmos pudessem no seu lugar ter contato direto com os textos captando assim mais a sua atenção e para que não houvesse dispersões sempre que tivessem de olhar para as projeções no quadro, estratégia à qual os alunos aderiram bem.

Novamente a planificação foi cumprida, muito por causa da boa participação e, essencialmente, do interesse demonstrado pelos alunos.

Na quarta aula que decorreu depois das férias do Carnaval, iniciei fazendo um apanhado das aulas anteriores, dando seguimento ao tema da unidade. O objetivo a atingir era a valorização e participação de todos na vida familiar à imagem do que já havíamos referido na aula passada, mas agora voltado para a questão dos idosos e dos avós, ou seja, o lugar dos mais velhos no ambiente familiar e na sociedade.

Assim comecei por colocar a problematização aos alunos a partir do manual multimédia e do *PowerPoint*¹⁷⁸ preparado com pequenos textos retirados de documentos dos Papas e da *Constituição da República Portuguesa*, sobre os idosos e os avós. Questionei-os sobre que valor teriam para eles os mais velhos e a partir daqui começamos a analisar os vários textos dos Papas João Paulo II e Bento XVI e da *Constituição da República portuguesa*, sempre em diálogo vertical e horizontal. Tentando captar ainda mais a atenção deles para este problema passei um pequeno filme retirado do youtube, mostrando que os idosos podem ser pessoas ativas dentro da sociedade. Para além disto analisámos mais uma mensagem do Papa

¹⁷⁷ Cf. anexo 8.

¹⁷⁸ Cf. anexo 9.

Francisco, e como forma de sintetização do exposto forneci aos alunos uma ficha ¹⁷⁹, para ser realizada individualmente. Nesta pequena ficha, primeiramente os alunos deveriam preencher os espaços em branco da letra a partir da audição da música “O Velho”, no sentido de captar melhor a atenção deles para esta atividade e, continuando a ficha os mesmos teriam de responder a algumas questões que sintetizavam todo o trabalho realizado desta mesma aula, para no fim se proceder à respetiva correção.

Penso que nesta aula, para além de conseguir ter captado melhor a atenção dos alunos para esta problemática dos idosos na sociedade e na família, muito devido aos recursos utilizados, mostrou que os mesmos revelaram um interesse maior, tendo participado muito mais nesta aula, dando inclusive exemplos dos seus avós e daquilo que foram aprendendo com as pessoas mais velhas.

Mais uma vez, a planificação desta aula foi cumprida, havendo ainda tempo no final para partilharmos experiências vividas com os avós. Alguns mostraram-se bastante comovidos, pelo facto de já não terem os seus avós com eles porque faleceram, ainda assim mostraram-se participativos referenciando várias experiências que haviam vivido com eles.

Na quinta e última aula, a qual havia planificado para um trabalho de grupo com a realização das árvores genealógicas entregues aos alunos na terceira aula, comecei, a partir de um *PowerPoint*¹⁸⁰ por fazer uma sintetização das aulas anteriores, e passei novamente a Música “O Velho”, no sentido de relembrar a última aula e porque os alunos me pediram para passar novamente. Os mesmos gostaram tanto da música que a iam acompanhando cantando. Por fim passamos à construção do cartaz, que pretendia mostrar a flor dos valores familiares. Infelizmente alguns dos alunos esqueceram-se das suas árvores ou não a fizeram. Ainda assim e como sempre prevenida, levei algumas árvores e enquanto ia construindo o cartaz com alguns alunos, aqueles que não trouxeram iam fazendo a sua árvore desenhando ou com recortes de revista. Depois de construirmos a flor que no centro tinha “Família, comunidade de....” e nas pétalas tinha os valores, começamos a colocar à volta as árvores genealógicas dos alunos. Após a conclusão do cartaz expusemos o cartaz na sala da Escola¹⁸¹.

Concluindo aqui a unidade letiva “Família, Comunidade de Amor” e as cinco aulas, agradei aos alunos a sua participação e colaboração ao longo das cinco aulas, solicitei que fizessem a sua autoavaliação final e entreguei-lhes como recordação um marcador de livros com a oração da família do Papa João Paulo II.

¹⁷⁹ Cf. anexo 10.

¹⁸⁰ Cf. anexo 11.

¹⁸¹ Cf. anexos 12 e 13.

Fazendo uma avaliação geral das cinco aulas, graças à total colaboração e participação dos alunos foi possível dar cumprimento aos planos de aula realizados, sem ter de fazer grandes alterações. Os alunos aderiram muito bem a todos os recursos utilizados e às propostas de trabalho solicitados ao longo de todas as aulas. Gostei muito da dinâmica de trabalho e naquelas alturas em que parecia que as aulas estavam um pouco monótonas, procurava questionar os alunos e pedir-lhes exemplos, por forma a que os mesmos se tornassem mais ativos e participativos.

Sendo a avaliação uma contínua observação das aprendizagens dos alunos e da obtenção de resultados positivos no que concerne à concretização dos objetivos propostos, penso que estas cinco aulas tiveram sempre uma continuidade lógica, onde se deu espaço a uma avaliação contínua através de fichas de trabalho, propostas de trabalho de casa, de trabalho de grupo e individual, participação ativa e organizada dos alunos e autoavaliação¹⁸², o mesmo foi conseguido, tendo dado sempre espaço aos alunos também para as suas dúvidas.

Como aspetos menos positivos, verificou-se a inércia e pouca participação de um número reduzido de alunos, que para além da fraca participação, também não realizaram as tarefas que foram solicitadas como o trabalho de casa. Ainda assim, nos trabalhos que foram pedidos para se realizarem em aula os alunos mostraram-se mais participativos. Concretamente ao comportamento dos alunos, houve um ou outro mais conversador, mas poucos foram aqueles que tentaram uma desestabilização da aula.

Como fator decisivo da atitude desta turma nas aulas foi essencial a primeira aula e consequentemente o acolhimento feito aos alunos. Após fazer referência aos diferentes critérios de avaliação¹⁸³ e de lhes ter entregado a caderneta¹⁸⁴ para autoavaliação das cinco aulas, penso que os alunos se tornaram mais responsáveis face à sua aprendizagem e comportamento.

No sentido de fazer uma avaliação mais criteriosa e cuidada dos alunos e para não incorrer em qualquer espécie de injustiça e, porque, é dever do professor fazer uma boa e eficaz avaliação dos seus alunos utilizei uma grelha diária¹⁸⁵ de observação das aulas, onde fui destacando os aspetos de desempenho que são solicitados pelos critérios de avaliação do Agrupamento, já acima referenciados.

¹⁸² Cf. anexo 1.

¹⁸³ Cf. anexo 14.

¹⁸⁴ Cf. anexo 1.

¹⁸⁵ Cf. anexo 15.

CONCLUSÃO

Chegando ao fim deste caminho de aprofundamento da temática da família, da educação e dos idosos é de referir que muito ficou por dizer. Havia muito mais para dizer e ficam ainda muitas questões para aprofundamento.

Este trabalho é o resultado de uma investigação teológica e não só, de uma temática que tem ainda muito por expor e por refletir. A família é uma nascente de variadíssimas questões que há que desenvolver ainda. No entanto fica aqui uma pequena proposta que assenta no desenvolvimento e fortalecimento da afetividade e da partilha na família, como forma de enfrentar situações de individualismo e fechamento do ser humano em si mesmo.

É uma proposta de uma educação para o amor, que se fundamenta nas relações e no desenvolvimento de uma reciprocidade que caminha para a solidariedade e para os valores da comunhão, que se sustentam no diálogo e na comunicação. Porque “Amar é ir ao encontro do outro.”¹⁸⁶ É num clima de afetividade que se deve sustentar a educação e, consequentemente, nas instituições educativas, promovendo-se a relacionalidade de todos os membros das comunidades educativas.

Esta proposta de educação para o amor, reciprocidade e afetividade é o caminho para uma educação para o cuidado, para o despontar de uma ética do cuidado que se estenda e propague por todo o mundo.

Assim sendo, o resultado deste trabalho é para mim uma forma de crescimento, não só intelectual, mas acima de tudo para o aprofundamento de um sentimento de proximidade e partilha com os outros, em particular com os alunos que me acompanharam ao longo deste ano escolar e que me continuarão a acompanhar. Porque não só sou eu que os acompanham, são eles que me acompanham a mim e me fazem partilhar experiências e valores.

Ao longo deste trabalho fui percebendo, enquanto professora de EMRC, que é essencial estarmos disponíveis, não só para os alunos, como para toda a realidade escolar que envolve os alunos, em particular a família, porque infelizmente, muitos dos alunos não têm a afetividade familiar que deveria ser evidente. Como tal compete ao professor de EMRC demonstrar a proximidade e solidariedade que eles precisam.

“O testemunho do amor cristão pode trazer à escola o poder de agir de acordo com a dignidade humana, isto é para com todas as pessoas, porque criadas à imagem e semelhança do Amor Criador. Não basta dizer-se cristão – é preciso agir cristãmente.”¹⁸⁷

¹⁸⁶ Aida Guerra da SILVA, “O clima afetivo da escola”, in *Pastoral Catequética*, 4 (2006), 69.

¹⁸⁷ *Ibidem*, 68.

Concretamente à questão dos avós e dos idosos foi muito boa a forma como os alunos rececionaram a mensagem que lhes quis transmitir sobre o cuidado com os mais velhos. Poder partilhar com eles várias perspetivas sobre esta questão, penso que foi fundamental para desenvolver neles valores como os da afetividade, partilha e solidariedade com os mais velhos. Com alguns aprendi, também, que a saudade é ainda uma forma de crescimento, uma vez que, ficam as marcas e a herança do que com os mais velhos fomos aprendendo apesar de já não estarem entre nós.

Este é um caminho que ainda não está concluído, é preciso muito mais do que alertar só as crianças e os jovens para a questão dos idosos que são maltratados, esquecidos e abandonados. Neste trabalho ficam algumas ideias que possam ajudar os mais idosos na conquista de um estatuto não só na família como também e, fundamentalmente, na sociedade.

Em forma de conclusão, este trabalho contribuiu e muito para o meu crescimento pessoal enquanto professora e enquanto filha. Infelizmente já não posso dizer enquanto neta. No entanto existem ainda muitos outros mais velhos que do nosso cuidado precisam. Contribuiu para o meu crescimento enquanto professora, porque com este tema da família me foi dando mais bases na possibilidade de desenvolvimento dos conteúdos programáticos. Mais do que isso fez-se perceber que a questão da família é uma questão essencial na sociedade e que precisa continuamente de ser aprofundada.

Sei que muito fica ainda por aprofundar, mas fica aqui esta reflexão, que pretende ser um exíguo contributo para aquilo que pode ser uma família assente no amor, afetividade e partilha; uma educação que possa ser mais humanizante fazendo crescer as crianças e os jovens na solidariedade e na reciprocidade; e uma velhice que possa ter mais proximidade, acompanhamento e respeito.

“Ainda pode o cuidado ser considerado um afeto, uma emoção que decorre de empatia e aproximação com o outro. Sem menosprezar nenhuma das aceções mencionadas, mas abarcando-as e, em certo sentido, ultrapassando-as, tem-se a compreensão do cuidado enquanto proposta ética.”¹⁸⁸

¹⁸⁸ Elma Zoboli, “Ética do cuidado: uma reflexão sobre o cuidado da pessoa idosa na perspetiva do encontro interpessoal”, in *Saúde Coletiva*, vol. 4, 17 (2007) 2.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, 2008⁵.

1. Documentos do Magistério da Igreja

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, 1999².

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, Documentos Conciliares, Gráfica de Coimbra, 1998.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, Documentos Conciliares, Gráfica de Coimbra, 1998.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Declaração *Gravissimum Educationis*, Documentos Conciliares, Gráfica de Coimbra, 1998.

CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Cascais, Editora Principia, 2005.

PADRES SINODAIS, *Relatio Synody*, Os desafios pastorais da família no contexto da Evangelização, Paulinas Editora, janeiro de 2015.

PAPA BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (Roma, 25 de Dezembro de 2005), Editorial Apostolado de Oração, Braga, 2013².

PAPA BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (Roma, 29 de Junho de 2009), Paulinas, Agosto de 2009².

PAPA FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (Roma, 29 de Junho de 2013), Editorial Apostolado de Oração, Braga, julho de 2013.

PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* (Roma, 24 de Novembro de 2013), Paulinas, Águeda, 2013.

PAPA JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* (Roma, 22 de Novembro de 1981), Editorial Apostolado de Oração, Braga, 2006⁷.

PAPA JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Evangelium Vitae* (Roma, 25 de Março de 1995), Editorial Apostolado de Oração, Braga, 1995.

2. Documentos da Conferência Episcopal Portuguesa

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo*, Educação Moral e Religiosa Católica. 6ºano do Ensino Básico, Lisboa, Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2009.

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, “Educar é um acto de amor”, in *Pastoral Catequética*, nº 4 (2006), 11-13.

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Ensinos básico e secundário*, Lisboa, Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2007.

COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Da globalização da indiferença a uma ética do cuidado*, 2015.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, Moscavide, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2008.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, CEP, 2006.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “EMRC – um valioso contributo para a formação da personalidade”, in *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 7-16.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Moscavide, 2014.

3. Legislação

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, in *Diário da República*, I Série, n.º 129, 2012, 3476-3491.

Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto, in *Diário da República*, I Série-A, n.º 201, 2001, 5569-5572.

Decreto-Lei n.º 70/2013, de 23 de maio, in *Diário da República*, I Série, n.º 99, 2013, 3031-3033.

Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, in *Diário da República*, I Série, n.º 237, 1986, 3067-3081.

Resolução da Assembleia da República n.º 74/2004, de 16 de novembro (Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé), in *Diário da República*, I Série-A, n.º 269, 2004, 6741-6750.

4. Bibliografia geral

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, versão: A-20-01-14, Braga, Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, 2014.

AZEVEDO, Joaquim, “Família, educação e escola”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed Princípiã, Cascais, Maio 2010, 485-501.

CUNHA, Jorge, *Ética Teológica fundamental*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2009.

DIAS DE CARVALHO, Adalberto, *A Contemporaneidade como Utopia*, Edições Afrontamento, ano 2000.

DIAS DE CARVALHO, Adalberto, *A Educação como projeto Antropológico*, Edições Afrontamento, 1992.

DIAS, Maria Olívia, “A Família numa sociedade em mudança problemas e influências recíprocas”, in *Gestão e Desenvolvimento*, 9 (2000), 81-102.

DOMINGUES, Bernardo, “A Moral cristã para o nosso mundo, Tarefa urgente”, in *Humanística e Teologia*, 22 (2001), 408-412.

FISICHELLA, Rino, “Família Cristã e Mudança cultural”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed Princípiã, Cascais, Maio 2010, p. 353-361.

HAERING, Bernhard, *Livres e Fiéis em Cristo. Teologia moral para sacerdotes e leigos*, II, Edições Paulinas, São Paulo, 1982.

KASPER, Walter, *O Evangelho da Família*, Paulinas Editora, junho de 2014.

LASIDA, Elena, *O sentido do outro*, Paulina Editora, Águeda, 2013.

LEANDRO, Maria Engrácia, “Transformações da família na história o Ocidente”, in *Theologica*, 41 (2006), 51-74.

LIPOVETSKY, Gilles, *A Era do Vazio, ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, Edições 70, 2013.

MADUREIRA DIAS, Manuel. “A Visão Cristã da Família”, in *Communio*, III, 6 (1986) 511-527.

MOITA, Fernando, “A missão do Professor de EMRC no contexto da escola atual”, in *Pastoral Catequética*, 26 (2013) 53-74.

- NUNES, Tomaz Silva, “Sobre as finalidades de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 75-80.
- OSSWALD, Walter, “Uma política para a Terceira Idade”, in *Humanística e Teologia*, 23 (2002), 403-411.
- PACHECO, José Augusto, “Avaliação da Aprendizagem”, in Leandro da Silva ALMEIDA e José TAVARES (org.), *Conhecer, aprender e avaliar*, Porto, Porto Editora, 1998.
- PACHECO, José Augusto, *Currículo: Teoria e prática*, Porto, Porto Editora.
- PERDIGÃO, Antónia Cristina, “A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: Os pressupostos filosóficos”, *Análise Psicológica* (2003), 4 (XXI), 485-497.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Carta dos Direitos da Família*, Preâmbulo (excertos), 1983.
- RIBEIRO, Lucie Carrilho, *Educação hoje. Avaliação da Aprendizagem*, Texto Editora, Lisboa 1989.
- RIBEIRO, Maria Teresa, “Família e psicologia: intervenções educativas, preventivas e terapêuticas”, in CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família: Termos ambíguos e controversos sobre família, vida e aspetos éticos*, ed Príncipe, Cascais, maio 2010, 445-461.
- SANTOS, António Francisco dos, “O professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional” in *Pastoral Catequética*, 21/22 (2011/2014) 9-19.
- SAVATER, Fernando, *O valor de educar*, Dom Quixote, 2006².
- SILVA, Aida Guerra da, “O clima afetivo da escola”, in *Pastoral Catequética*, 4 (2006), 65-69.
- SILVA, Augusto, “Permanência e mudança da família na sociedade”, in *Communio*, III, 6 (1986) 485-494.
- VARANDA, Isabel, “Questões sociais do nosso tempo”, in *Theologica*, 40 (2006), 71-88.
- VILAÇA, Isabel e Eduardo, “Educar é amar, na família”, in *Pastoral Catequética*, 4 (2006) 55-57.
- ZABALZA, Miguel, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Edições Asa, 1992.

5. Netgrafia

III ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização*, Documento preparatório, Vaticano 2013. Texto disponível online em http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20131105_iii-assemblea-sinodo-vescovi_po.html, [consultado em 10/05/2014].

CARTA DOS DIREITOS DA FAMÍLIA,
<http://diocesedecoimbra.pt/sdpfamiliar/documentocartadosdireitosdafamilia.htm>
[consultado em 15-02-2015].

CARTA DO PAPA FRANCISCO ÀS FAMÍLIAS, Vaticano 2 de Fevereiro, Festa da Apresentação do Senhor – de 2014, http://www.diocese-porto.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=2516:carta-do-papa-francisco-as-familias&catid=153:textos-e-apresentacoes&Itemid=242, [consultado 15-02-2015].

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA,
<http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>,
Artigo 26º, sobre a família e artigo 67º sobre a Terceira Idade, [consultado a 10-04-2015].

DISCURSO DO PAPA BENTO XVI aquando da sua visita à casa “viva os idosos” a 12 de Novembro de 2012. <http://www.acidigital.com/noticias/bento-xvi-os-idosos-sao-riqueza-para-a-sociedade-e-escola-de-vida-para-os-jovens-96001/>. [consultado a 21-04-2015].

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO no encontro Internacional de idosos e avós no Vaticano a 28 de Setembro de 2014,
http://portugues.clonline.org/default.asp?id=792&id_n=20438, [consultado a 22 de Abril de 2015].

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A QUARESMA 2015, Vaticano Festa de São Francisco de Assis, 4 de Outubro de 2014,
<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/1/27/messaggioquaresima.html>, [consultado a 19-04-2015].

MARTINS, Rosa Maria, “*Envelhecimento e políticas sociais*”,
http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/408/1/Envelhecimento_e_pol%C3%ADticas_sociais.pdf. p. 126-140. [consultado em 07-03-2015].

ZOBOLI, Elma, “Ética do cuidado: uma reflexão sobre o cuidado da pessoa idosa na perspetiva do encontro interpessoal”, in *Saúde Coletiva*, vol. 4, núm. 17 (2007),
<http://www.redalyc.org/pdf/842/84201706.pdf>, [consultado a 24-04-2015].

ANEXOS

Os Anexos que se seguem referem-se a alguns dos recursos utilizados durante as cinco aulas de leção da Unidade Letiva – Família, Comunidade de Amor – ao 6º ano de escolaridade da turma 5 da Escola Dr. Francisco Sanches.

OS recursos apresentados incluem uma globalidade de meios que integram o dossier de estágio.

Quadro de autoavaliação dos alunos ao longo das cinco aulas e final das cinco aulas:

Critérios	Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4	Aula 5	Avaliação final
Pontualidade						
Assiduidade						
Material						
Interesse						
Participação organizada						
Respeito pelos outros						
Comportamento						

Avaliação qualitativa: **NS** = Não Satisfaz; **SP** = Satisfaz Pouco;
S = Satisfaz; **B** = Bom; **MB** = Muito Bom;

Área Curricular: Educação Moral e Religiosa Católica
Ano Letivo 2014/2015

4

Anexo 1

(Caderneta de registo de sumários e autoavaliação)



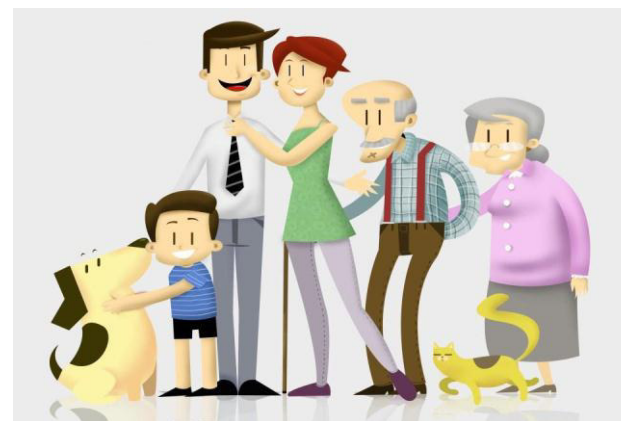
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
 DR. FRANCISCO SANCHES



Construir uma Escola de Qualidade
 Ser uma Escola para a Cidadania

“Hoje, a família é desprezada, é
 maltratada, e o que se nos pede é
 reconhecer o belo,
 o autêntico e o bom que é formar uma família,
 ser família hoje; o indispensável que isto é
 para
 a vida do mundo, para o futuro da
 humanidade”

Papa Francisco, dia 20 de Fevereiro de 2013, dirigindo-se aos bispos



Nome: _____

Ano: _____ Turma: _____ nº _____

1

Unidade Letiva 3 “A Família, Comunidade de Amor”

O que é uma Família?

- A Palavra Família;
- Tipos de organização familiar;
- A Família instituição na História;
- A Instituição Familiar em Portugal;

A Família de Jesus.

- A Família de Jesus de Nazaré;
- O contexto social, económico e político do tempo de Jesus;
- A Vida Familiar;

A Função socializadora da Família

- As condições de bem estar familiar;
- As Tarefas Familiares;
- Os Valores na Família;
- Quando a Família Falha;
- O Lugar dos mais velhos;
- O Lugar dos mais velhos na vida Familiar;
- Os avós e a transmissão de valores;

REGISTO DOS SUMÁRIOS

Lição nº _____ Data: _____

Sumário: _____

Lição nº _____ Data: _____

Sumário: _____

Lição nº _____ Data: _____

Sumário: _____

Lição nº _____ Data: _____

Sumário: _____

Lição nº _____ Data: _____

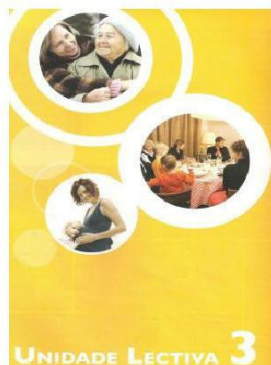
Sumário: _____

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Lição nº 16 21-01-2015

Sumário: A Família. O que é uma Família e a família como instituição da história.

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR



MANUAL DE EMRC 6º ANO

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Unidade 3 - “A Família, Comunidade de Amor”

O que é uma Família?!

- A Palavra Família;
- Tipos de organização Familiar;
- A Família Instituição Histórica;
- A Instituição Familiar em Portugal;



A Família

“A família que cumpre a sua missão é um espaço de reencontro, no qual nos fortalecemos para enfrentar diariamente as surpresas da vida.”
(Manual
EMRC 6º ano pág. 106)

➤ A palavra família deriva de *famulus* que significa “servidor”.

“Família é uma palavra de origem latina”

- Para o Povo Romano, família compreendia todos os indivíduos que viviam na mesma casa;

- Mais tarde a “família” ganhou outro sentido, passando-se a referir a toda a comunidade formada pelos descendentes de um mesmo antepassado;

Mais tarde é que foi associado o critério de laços de sangue, que identificava a família com o conjunto de todos os descendentes consanguíneos.

A Família

Tipologias de Família

- **Agregado Isolado** (Viúvo ou viúva sem filhos; solteiro)
- **Agregado familiar simples** (família nuclear ou conjugal
– casais com ou sem filhos)
- **Agregado familiar alargado ou extenso**
(famílias onde se incluem membros com vários graus de parentesco)
- **Agregado familiar múltiplo**
(pode reunir dois ou mais casais de irmãos)

Esta tipologia de família é proposta pelo historiador Inglês Peter Laslett do séc. XX

No que concerne a tipologia de famílias com base no nº de membros do agregado familiar, podemos referir as famílias **monoparentais** (formado por um progenitor ex: Mãe e filho); as **biparentais** (formado pelos dois progenitores ex: pai e mãe); as **famílias numerosas** (formado por mais que três filhos;)

A Família uma Instituição na história

- Na Gália Romana, a família conjugal ou nuclear era regra;
- Com o fim do Império Romano e o início das invasões germânicas, a família extensa tornou-se norma na Europa (Ocidental);
- Entre os séc. IX e XII, a família conjugal voltou a ser maioritária nas classes populares e na burguesia;
- Na Idade Média, assentava na residência ou nas afinidades biológicas;

Concílio de Trento
(decorreu entre 1545 1563 em Trento)

A Família uma Instituição na História – em Portugal


Em Portugal, os descobrimentos portugueses trouxeram grandes mudanças sociais. Como?! (Pág. 111 do Manual)

Desaparecimentos

Abandonos;

Mortes;

Aumento do número de órfãos e viúvas;

Ver tabela cronológica da legislação da família e do casamento em Portugal  no manual Pág. 111.

Proposta de Trabalho de pesquisa

Pesquisar a partir do Google:

O que foi o Concílio de Trento?

Onde teve lugar?

Quem propôs?

Para que serve um concílio?

Enviar trabalho para: rutemiriamsilva@gmail.com

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Lição nº 17 28-01-2015

Sumário: A Família de Jesus e o contexto social, económico e político do Seu tempo.

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Unidade 3 - “A Família, Comunidade de Amor”

- O que é uma Família?!
- A Palavra Família;
- Tipos de organização Familiar;
- A Família uma Instituição Histórica;
- A Instituição Familiar em Portugal;

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Unidade 3 - “A Família, Comunidade de Amor”

A Família de Jesus:

Contexto social, económico e político do tempo de Jesus;
A vida familiar;
A Família de Jesus de Nazaré;



Contexto social e político do tempo de Jesus

- Jesus Vivia na Palestina, mais propriamente em Nazaré (Galileia);

Caracterização Social e política:

- Politicamente viviam sobre o domínio do Império Romano;
- Os habitantes da Galileia eram sobretudo Judeus;
- A maior parte dos galileus vivia em aldeias;
-

Vida Familiar:

- O homem era o chefe da família, responsável Religioso da casa;
- À mulher competia fazer os trabalhos da casa (fazer pão, preparar as refeições; limpar...)
- Os filhos pequenos ficavam com as mães e mais Tarde aprendiam o ofício com os pais.

Tipologia Familiar:

Predominava a família alargada coexistindo com o agregado familiar múltiplo.



Passagem Bíblica: Mt 1, 18-25

José dá o nome a Jesus

- ¹⁸ Quanto a Jesus Cristo, a sua origem foi assim: Maria, sua Mãe tinha o casamento tratado com José ; mas antes de se casarem, achou-se grávida pelo poder do Espírito Santo. José, seu noivo, homem justo, não a queria acusar publicamente. Por isso pensou deixá-la sem dizer nada.
- ²⁰ Andava ele a pensar nisto, quando lhe apareceu num sonho um anjo de Deus que lhe disse: “José, descendente de David, não tenhas medo de casar com Maria, pois o que nela se gerou foi pelo poder do Espírito Santo. Ela vai dar à luz um filho e tu vais pôr-lhe o nome de Jesus (Salvador), pois ele salvará o seu povo dos pecados.”
- ²² Tudo isto aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito pelo profeta “A Virgem ficará grávida e dará à luz um filho que se há-de chamar Emanuel.”
- ²⁴ Quando José acordou, fez como o anjo lhe tinha mandado: recebeu Maria por sua esposa e, sem ter relações conjugais com ela, Maria deu à luz o Menino, a quem José pôs o nome de Jesus.

O Nome de Jesus

O nome “Jesus” é a forma grega do nome hebreu= Yeshua = Salvador

De acordo com a tradição judaica, as crianças recebiam apenas um nome, o seu nome próprio, sendo este seguido de referência ao pai. Por isso os evangelhos indicam algumas vezes Jesus como *Jesus, filho de José*. (Manual pág. 119)

Valores apreendidos por Jesus em família:

Amor
Respeito
Obdiência
Partilha de tarefas



A Família de Jesus:

Mãe → Maria

Pai → José

Viviam em Nazaré

José era Carpinteiro;

Maria tinha as funções da mulher (doméstica);



A Família lugar feliz

Visualização: https://www.youtube.com/watch?v=p_dtaUxY2h4

Evangelho de Mateus, Capítulo um, versículos do 18 ao 25 (Mt 1 18-25)

José dá o nome a Jesus

¹⁸ Quanto a Jesus Cristo, a sua origem foi assim: Maria, sua Mãe tinha o casamento tratado com José; mas antes de se casarem, achou-se grávida pelo poder do Espírito Santo. José, seu noivo, homem justo, não a queria acusar publicamente. Por isso pensou deixá-la sem dizer nada.

²⁰ Andava ele a pensar nisto, quando lhe apareceu num sonho um anjo de Deus que lhe disse: “José, descendente de David, não tenhas medo de casar com Maria, pois o que nela se gerou foi pelo poder do Espírito Santo. Ela vai dar à luz um filho e tu vais pôr-lhe o nome de Jesus (Salvador), pois ele salvará o seu povo dos pecados.”

²² Tudo isto aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito pelo profeta “A Virgem ficará grávida e dará à luz um filho que se há-de chamar Emanuel.”

²⁴ Quando José acordou, fez como o anjo lhe tinha mandado: recebeu Maria por sua esposa e, sem ter relações conjugais com ela, Maria deu à luz o Menino, a quem José pôs o nome de Jesus.

Ficha de trabalho de grupo (Pares)

1. Em que País nasceu Jesus? Assinala a resposta correta:

a) Portugal:____ b) Inglaterra:____ c) Argentina:____ Galileia (Nazaré):____

2. As famílias eram a estrutura central da vida social da Galileia. Assinala em cada conjunto,

A alínea que corresponde à resposta correta. **As famílias da Galileia eram por norma:**

- a) Pequenas e os seus membros e nunca se encontravam em casa;____
- b) Pequenas porque havia muita pobreza e era muito difícil alimentar uma família numerosa:____
- c) Numerosas e todos os membros trabalhavam em função do interesse comum e da comunidade familiar;____

3. Assinala com **V** (Verdadeiro) ou **F** (Falso):

A vida familiar judaica regia-se pelos seguintes princípios e práticas:

- a) O homem era o responsável da casa:____
- b) A mulher trabalhava fora de casa:____
- c) O homem tinha a responsabilidade de trabalhar para sustentar a casa:____
- d) Os filhos eram retirados do seu ambiente familiar e entregues a escolas onde aprendiam uma profissão:____

4. Assinala a alínea correta: **Os jovens Judeus constituíam família através de:**

- a) Uma união de fato:____
- b) Um casamento que era precedido de um noivado:____
- c) Um acordo verbal negociado entre os noivos:____
- d) Durante o tempo de noivado, as noivas viviam com os noivos:____

5. **Quando o anjo apareceu a Maria a dizer-lhe que estava grávida, o que fez ela?**

a) Maria recusou a missão:____ b) Maria aceitou a missão:____

6. Assinala as respostas que achares corretas: **Quando o anjo apareceu a José e o informou que Maria estava Grávida, o que fez José?**

- a) Fugiu e não casou com Maria:____
- b) Aceitou cuidar de Maria e do Bebê:____
- c) Deu ao Bebê o nome de José da Galileia:____

7. **Quais os valores que Jesus aprendeu em Família?** Assinala com V (Verdadeiro) ou F (Falso):

- a) A trabalhar para função de si mesmo:____
- b) A respeitar os pais e os outros:____
- c) A menosprezar todos os que o rodeavam:____
- d) Era desobediente aos pais:____
- e) Partilhava as tarefas domésticas:____
- f) Vivia no amor familiar:____
- g) Não queria trabalhar:____

Nome dos alunos:_____ Ano____ Turma____

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Lição nº 18 04-02-2015

Sumário: A Função socializadora da Família. A Família como espaço de comunhão, partilha e solidariedade.

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Aula anterior

- **A Família de Jesus:**
 - **A Família de Jesus de Nazaré (Maria, José e Jesus);**
 - **Contexto social, económico e político do tempo de Jesus (Viviam sob o domínio do Império Romano na palestina, os habitantes da galileia eram sobretudo judeus e a maior parte vivia em aldeias;)**
 - **A vida familiar (todos participavam nas tarefas: o homem era o chefe da família, a mulher fazia os trabalhos domésticos, os filhos pequenos ficavam com as mães em casa e os mais velhos aprendiam a profissão ou arte do pai, a tipologia de família que predominava era a família alargada);**

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Unidade 3 - “A Família, Comunidade de Amor”

A Função socializadora da família: amor, autoridade, a educação, o respeito e valores:
As condições de Bem-estar familiar: os direitos da família;
As tarefas familiares: a cooperação e participação

Os valores na Família: a comunhão e a solidariedade;

**Quando a família falha:
a institucionalização;**



Função socializadora da Família

Função Socializadora:

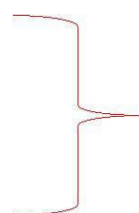
Transmissão de vida

Afeto/Amor

Respeito

Educação

Autoridade



TRANSMISSÃO DE VALORES



- Para a **Doutrina Social da Igreja**, a família é a estrutura fundamental da sociedade, a primeira sociedade natural, que tem como missão a transmissão da vida e a educação dos filhos. É a primeira responsável pela integração dos seus membros na sociedade. (Manual pág. 123)

Os direitos da Família

Segundo o Pontifício Conselho para a Família, *Carta dos Direitos da Família*, do ano de 1983



A família está alicerçada sobre o matrimónio;

Transmissão de vida;

A Família constitui uma comunidade de amor e solidariedade;

Transmissão de valores;

A sociedade deve proteger a família;

“Pela união dos esposos realiza-se o duplo fim do matrimónio: o bem dos próprios esposos e a transmissão de vida.” **CIC nº 2362**

As condições de Bem-estar familiar

**Constituição da República
Portuguesa Artigo 67º
(Família)**

1 A família, como elemento fundamental da sociedade, tem direito à proteção da sociedade e do Estado;

2 Incumbe, designadamente, ao Estado para proteção da família:

a) Promover a independência social e económica dos agregados familiares;

b) Promover e garantir o acesso a creches e lares;

d) Garantir, no respeito da liberdade individual, o direito ao planeamento familiar;

f) Regular os impostos e os benefícios sociais, de harmonia com os encargos familiares;

g) Definir, ouvidas as associações representativas das famílias, e executar uma política de família com carácter global e integrado.

Os valores na família

Pais e Filhos (Ef 6, 1-4) – Manual pág. 129

- 1- Filhos, obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo.
- 2- "Honra teu pai e tua mãe" - este é o primeiro mandamento com promessa -
- 3- "para que tudo te corra bem e tenhas longa vida sobre a terra".
- 4- Pais, não irrite seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor

Valores que este pequeno trecho transmite:



-acolhimento -
respeito na
diferença -
Tolerância -
reconciliação

Os valores na família

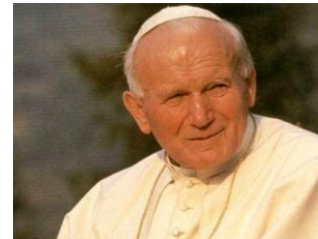
A família: Lugar de comunhão

“A experiência de comunhão e de participação que deve caracterizar a vida cotidiana da família é o seu primeiro e fundamental contributo à sociedade.

De fato, as relações entre os membros da comunidade

familiar são inspiradas e guiadas pela lei da “gratuidade” a qual se torna acolhimento cordial, encontro, diálogo, disponibilidade desinteressada, serviço generoso, solidariedade profunda.

A família constitui o lugar natural de humanização e de personalização da sociedade. Colabora na construção do mundo, guardando e transmitindo sobretudo virtudes e valores.”



Familiaris Consortio, exortação apostólica do Papa João Paulo II

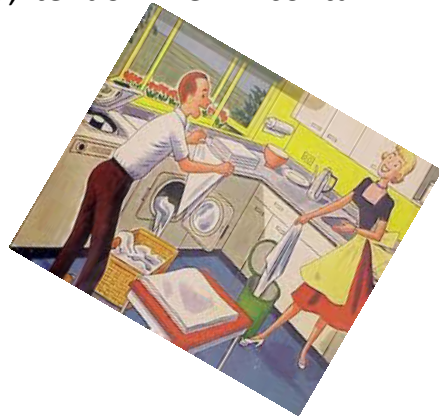
Tarefas Familiares

A organização da vida diária implica muitas tarefas e responsabilidades, daí que, se suponha, o trabalho deva ser partilhado por todos os membros da família, tendo em conta as capacidades de cada um.



Neste sentido procura-se:

Cooperação de todos;
Participação de todos;



A entajuda facilita a vida de todos, tornando-a mais agradável!!!!

Quando a Família Falha

Quando a Família falha, ou não cumpre o seu papel, a sociedade civil e o estado intervêm para garantir o bem-estar, o respeito dos direitos e das condições de vida de todos os seus membros mais vulneráveis, sobretudo as crianças e os idosos.

Consequências:

- Institucionalização;
 - Adoção;
- O INTERESSE DA CRIANÇA É PRIORITÁRIO**

A institucionalização ocorre em organismos públicos e privados e em famílias de acolhimento, atualmente disponíveis para crianças e idosos.

Associações de Apoio à Família

Existem associações de apoio à família e que se ocupam da sua dignificação:

- ✓ “Ajuda de Mãe”;
- ✓ “Associação Vida Universitária”
- ✓ “Associação portuguesa de famílias numerosas”
- ✓ “Centro de orientação familiar”



Nome do aluno: _____ Ano _____ Turma _____

A carta de São Paulo aos Efésios, Capítulo 6, versículos do 1 ao 4. Esta carta foi escrita quando o Apóstolo Paulo estava preso na sua primeira vez em Roma por volta do ano 62 d. C.

1 Filhos, em nome da vossa fé no Senhor, obedecem aos vossos pais, pois assim é que deve ser. 2 O primeiro dos mandamentos que leva consigo uma promessa é: *“Respeita o teu pai e a tua mãe.”* 3 E a promessa é esta: *Assim serás feliz e gozarás de uma longa vida sobre a terra.”*

4 Pais, não irrite os vossos filhos. Mas eduquem-nos com disciplina e equilíbrio, em nome do Senhor.

A 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas, coroando a longa resistência do povo português e interpretando os seus sentimentos profundos, derrubou o regime fascista. A Assembleia Constituinte, reunida na sessão plenária de 2 de Abril de 1976, aprovou e decretou a Constituição da República Portuguesa.

Constituição da República Portuguesa

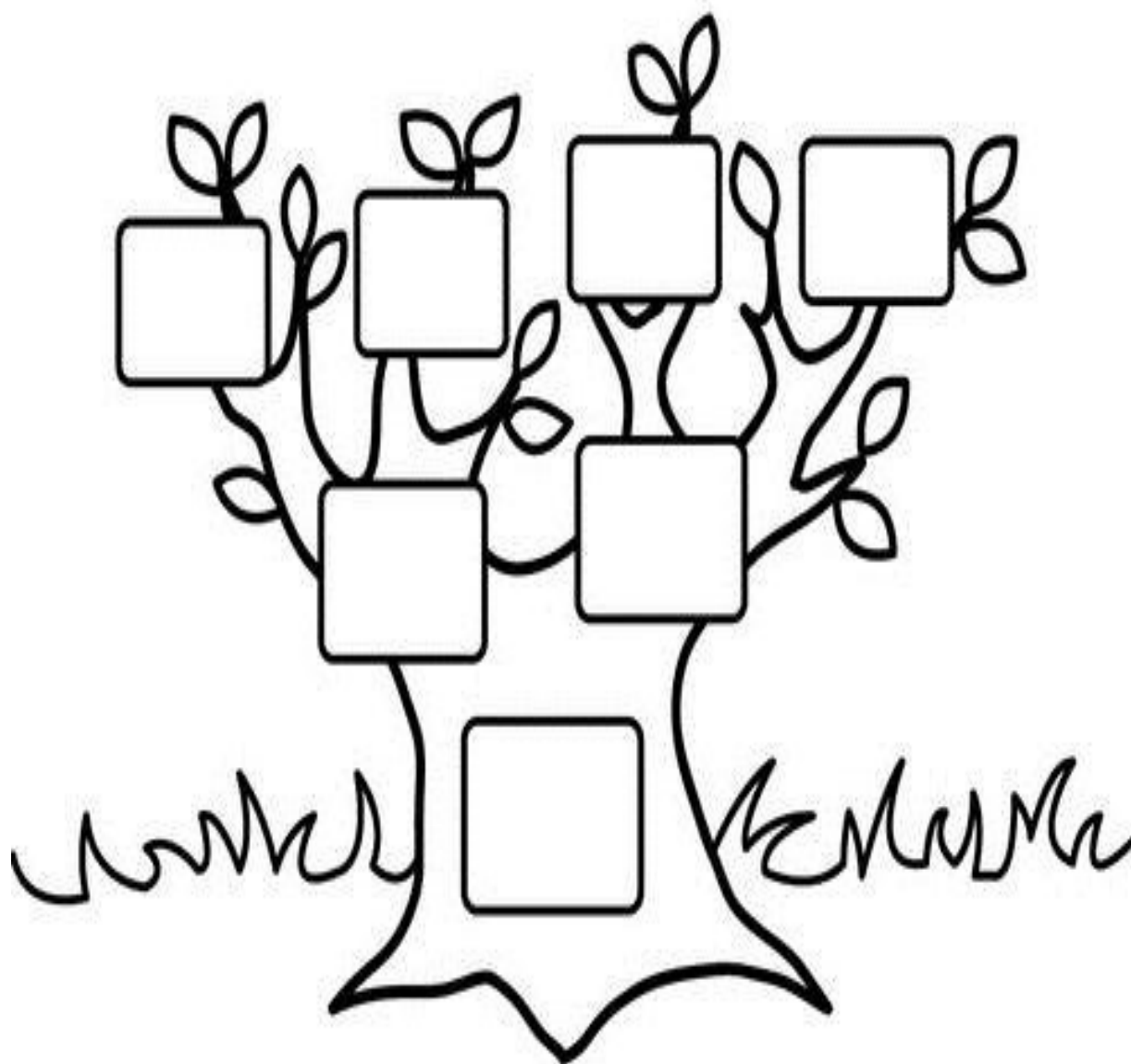
Artigo 67º (Família)

1 A família, como elemento fundamental da sociedade, tem direito à proteção da sociedade e do Estado e à efetivação de todas as condições que permitam a realização pessoal dos seus membros.

2 Incumbe, designadamente, ao Estado para proteção da família:

- a)** Promover a independência social e económica dos agregados familiares;
- b)** Promover a criação e garantir o acesso a uma rede nacional de creches e de outros equipamentos sociais de apoio à família, bem como uma política de terceira idade;
- c)** Cooperar com os pais na educação dos filhos;
- d)** Garantir, no respeito da liberdade individual, o direito ao planeamento familiar, promovendo a informação e o acesso aos métodos e aos meios que o assegurem, e organizar as estruturas jurídicas e técnicas que permitam o exercício de uma maternidade e paternidade conscientes;
- e)** Regulamentar a procriação assistida, em termos que salvaguardem a dignidade da pessoa humana;
- f)** Regular os impostos e os benefícios sociais, de harmonia com os encargos familiares;
- g)** Definir, ouvidas as associações representativas das famílias, e executar uma política de família com carácter global e integrado.

Árvore Genealógica de:



Ano: _____ Turma: _____

Formato de árvore utilizado para realização da árvore genealógica dos alunos que foi utilizada no trabalho de grupo final

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Lição nº 19 11-02-2015

Sumário: O Lugar dos mais velhos na Família e na sociedade.

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Unidade 3 - “A Família, Comunidade de Amor”

Síntese da aula anterior

A Função socializadora da família: amor, autoridade, a educação, o respeito e valores;

As condições de Bem-estar familiar: os direitos da família (matrimónio, transmissão de vida, o amor e os valores);

As tarefas familiares: a cooperação e participação. (a colaboração nos trabalhos domésticos por parte de todos os membros da família);

Os valores na Família:

Quando a família falha: a institucionalização (as associações de acolhimento e proteção “ A AJUDA DE MÃE”;

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

☐ Unidade 3 - “A Família, Comunidade de Amor”

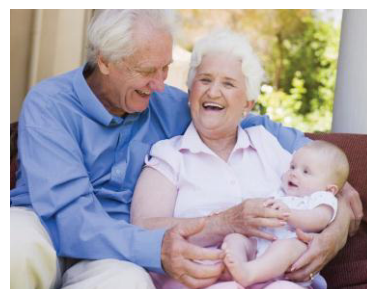
☐ O Lugar dos mais velhos:

Os mais velhos na vida familiar:

Os avós e a transmissão de valores;

O cuidado com os mais velhos: mensagens dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco;

Os direitos dos mais velhos: Constituição da República portuguesa;



O Lugar dos mais velhos na vida familiar



Os idosos são os grandes portadores de:

- I. Sabedoria
- II. Cultura
- III. Valores

O património é comunicado de geração em geração essencialmente através dos idosos.

Por ter mais tempo disponível, o idoso desempenha um importante papel na transmissão de afetos que dão aos netos.

O idoso, nas culturas africanas, continua a ocupar um grande destaque na sociedade. Nestas culturas, ancião é sinónimo de experiência e sabedoria, sendo por esse motivo muito respeitado.

Mensagem do Papa João Paulo II a 27-01-2009

“A vida do ser humano é um dom precioso que se deve amar e defender em todas as suas fases.”

O Papa ataca duramente “uma certa mentalidade corrente, que considera quase inúteis estes nossos irmãos e irmãs (idosos), quando são limitados nas suas capacidades pelas dificuldades da idade ou pela doença”.

O Papa pede que os católicos de todo o mundo se dediquem a refletir sobre este tema, “ para aprofundar a consciência do papel que os idosos são chamados a desempenhar na sociedade e na Igreja, e dispor assim o coração para o acolhimento amoroso que lhes deve ser reservado”.

(...) “ Assim devem ser incrementados os apoios económicos e as iniciativas legislativas que lhes permitam não serem excluídos da vida social.”



Legislação da terceira Idade

Constituição da República Portuguesa

Artigo 72º (Terceira Idade)

- 1. As pessoas idosas têm direito à segurança económica e a condições de habitação e convívio familiar e comunitário que respeitem a sua autonomia pessoal e evitem e superem o isolamento ou a marginalização social.
- 2. A política de terceira idade engloba medidas de carácter económico, social e cultural tendentes a proporcionar às pessoas idosas oportunidades de realização pessoal, através de uma participação ativa na vida da comunidade.

Artigo 67º (Sobre a família)

- Nº 2 - b) Promover a criação e garantir o acesso a uma rede nacional de creches e de outros equipamentos sociais de apoio à família, **bem como uma política de terceira idade;**

Carta Encíclica *Deus Caritas Est* de Bento XVI



“Para além do aspeto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior de um **gesto de amor, de atenção**, que eu não lhe faço chegar somente

através das organizações que disso se ocupam, aceitando-o talvez por necessidade política.

Eu vejo com os olhos de Cristo e **posso dar ao outro muito mais** do que as coisas externamente necessárias: **posso dar-lhe o amor que ele precisa.”**

Visualização de um pequeno filme sobre os mais velhos

<https://www.youtube.com/watch?v=sejFtRJ1a4w>



Mensagem do Papa Francisco no encontro mundial de avós

“Nós cristãos, juntamente com todos os homens de boa vontade, somos chamados a construir com paciência uma sociedade diferente, mais acolhedora, mais humana, mais inclusiva, que não tem necessidade de descartar quem é fraco no corpo e na mente”.

O Papa lembrou os idosos que vivem em lares, deixando votos de que estas instituições sejam

“pulmões” e “santuários” de humanidade, nos quais “quem é velho e fraco seja cuidado e guardado como um irmão ou uma irmã”.

“O encontro entre os jovens e os idosos é um encontro cheio de alegria, cheio de fé e cheio de esperança. Não há futuro para um povo sem este encontro entre as gerações”.



Encontro mundial de avós 28-09-2014

Música “Velho” de Mafalda Veiga

Parado e atento à raiva do silêncio
De um relógio partido e gasto pelo tempo
Estava um velho sentado no banco de um
Jardim a recordar fragmentos do passado

Na telefonia tocava uma velha canção
E um jovem cantor falava da solidão que
Sabes tu do canto de estar só assim
Só e abandonado como o velho do jardim?

O olhar triste e cansado procurando alguém
E a gente passa ao seu lado a olhá-lo com
Desdém sabes eu acho que todos fogem de ti
Pra não ver a imagem da solidão que irão viver
Quando forem como tu
Um velho sentado num jardim

Passam os dias e sentes que és um
perdedor já não consegues saber
o que tem ou não valor
O teu caminho parece estar mesmo a
chegar ao fim pra dares lugar a outro
no teu banco do jardim
O olhar triste e cansado procurando alguém
E a gente passa ao seu lado a olhá-lo
com desdém sabes eu acho que todos
fogem de ti pra não ver
A imagem da solidão que irão viver
Quando forem como tu
Um resto de tudo
o que existiu
quando forem
como tu
Um velho sentado num jardim.



<http://www.youtube.com/watch?v=qtEYzFuEYB8>

FICHA DE TRABALHO INDIVIDUAL

Nome do aluno: _____ Ano _____ Turma _____

Música: “Velho” de Mafalda Veiga

Parado e atento à raiva do _____
de um relógio partido e gasto pelo tempo
estava um _____ sentado no banco de um jardim
a recordar fragmentos do passado

Na telefonia tocava uma velha canção
e um jovem cantor falava da _____
Que sabes tu do canto de estar só assim
só e _____ como o velho do jardim?

O olhar _____ e cansado procurando alguém
e a gente passa ao seu lado a olhá-lo com _____
sabes eu acho que todos _____ de ti pra não ver
a imagem da solidão que irão viver
quando forem como tu
um velho sentado num _____.

Passam os dias e sentes que és um _____
já não consegues saber o que tem ou não valor
o teu caminho parece estar mesmo a chegar ao fim
pra dares _____ a outro no teu banco do jardim

O olhar triste e _____ procurando alguém
e a gente passa ao seu lado a olhá-lo com desdém
sabes eu acho que todos _____ de ti pra não ver
a imagem da _____ que irão viver
quando forem como tu
um _____ o que existiu
quando forem como tu
um _____ sentado num jardim.

Questionário Individual

1. Após a audição da canção “Velho”, assinala em cada conjunto a alínea que corresponde à resposta correta:
 - 1.1 A personagem a que se refere a canção é um velho:
 - a) Que está sozinho, sentado num banco de jardim; _____
 - b) Que está ao pé da família em sua casa; _____
 - c) Que está a passear no jardim com os netos; _____
 - 1.2 A pessoa a que se refere a canção sente-se:
 - a) Sozinha, cansada e contente; _____
 - b) Abandonada, triste, mas cheia de esperança no futuro; _____
 - c) Triste, cansada e abandonada; _____

1.3 As pessoas que passam pelo velho:

- a) Não olham para ele;_____
- b) Falam com ele;_____
- c) Olham-no com desprezo;_____

1.4 A atitude das pessoas que passam pelo velho está relacionada com:

- a) O fato de não quererem confrontar-se com a sua velhice futura;_____
- b) O fato de quererem ser solidários com ele;_____
- c) O fato de não quererem perder tempo com uma pessoa inútil;_____

2. Na sua Mensagem, do Dia Mundial dos Avós, o Papa Francisco refere: assinala com V (verdadeiro) ou F (falso) a resposta correta:

2.1 Os cristãos sendo homens de boa vontade devem:

- a) Abandonar os velhos em lares;_____
- b) São chamados a construir uma sociedade diferente, mais acolhedora;_____
- c) A descartar o que é fraco de corpo e mente;_____

2.2 O Papa, no que diz respeito aos idosos, diz:

- a) Que os mais velhos não têm direitos a cuidados;_____
- b) O encontro entre jovens e idosos é um encontro cheio de alegria;_____
- c) Que as instituições devem tratar mal os idosos;_____

3. A partir pequeno filme que visualizaste intitulado “Educação, Promoção e Prevenção da saúde do Idosos”, assinala com x as respostas corretas:

- a) alerta para a ajuda que os mais velhos precisam;_____
- b) para ignorar os mais velhos;_____
- c) para não dar carinho aos mais velhos;_____
- d) para partilhar o sorriso e a alegria;_____
- e) para não ajudar na doença;_____
- f) para a necessidade de respeitar e dar amor aos mais velhos;_____
- g) para não partilhar a felicidade;_____
- h) para os amparar quando se desequilibram;_____
- i) para não sermos solidários com os mais velhos;_____

4. Cícero (filósofo e político romano do séc. I a. C.) dá especial importância ao papel desempenhado pelos idosos na educação das crianças e dos jovens. Regista algumas experiências, valores e conhecimentos que adquiriste por intermédio dos teus familiares mais velhos ou de outros idosos que marcaram a tua vida.

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Lição nº 20 25 -02-2015

**Sumário: Sintetização e Conclusão da Unidade “Família, Comunidade de Amor”.
Realização e Construção de um cartaz para exposição em grupo.**

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Unidade 3 - “A Família, Comunidade de Amor”

O que é uma Família?! (aula 1- síntese)

A Palavra Família: tem origem latina;

Tipos de organização Familiar: agregado isolado; agregado não conjugal; agregado familiar simples, agregado familiar ou extenso, agregado familiar múltiplo;

A Família Instituição Histórica: as famílias regulavam-se pelos costumes, depois veio o sacramento do matrimónio, a adoção e a perfilhação;

A Instituição Familiar em Portugal, séc. XVI o

Concílio de Trento define o carácter sacramental do matrimónio, no séc. XX estabelece-se a lei do divórcio em Portugal;



A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

• A Família de Jesus: (aula 2 - Síntese)



- A Família de Jesus de Nazaré (Maria, José e Jesus);
- Valores aprendidos por Jesus: Obediência, partilha, respeito;
- Contexto social, económico e político do tempo de Jesus (Viviam sob o domínio do Império Romano na palestina, os habitantes da galileia eram sobretudo judeus e a maior parte vivia em aldeias;)

- A vida familiar (todos participavam nas tarefas: o homem era o chefe da família, a mulher fazia os trabalhos domésticos, os filhos pequenos ficavam com as mães em casa e os mais velhos aprendiam a profissão ou arte do pai, a tipologia de família que predominava era a família alargada);

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Unidade 3 - “A Família, Comunidade de Amor”

- A Função socializadora da família: amor, autoridade, a educação, o respeito e valores (Aula 3 – Síntese):

As condições de Bem-estar familiar: os direitos da família (matrimónio, transmissão de vida, o amor e os valores);

As tarefas familiares: a cooperação e participação. (a colaboração nos trabalhos domésticos por parte de todos os membros da família);

Os valores na Família: a comunhão e a solidariedade (a tolerância, o respeito a comunhão a paz);

Quando a família falha: a institucionalização (as associações de acolhimento e proteção “A AJUDA DE MÃE”;

Música “O Velho” de Mafalda Veiga

Parado e atento à raiva do silêncio
de um relógio partido e gasto pelo
Tempo estava um velho sentado no
Banco de um jardim
a recordar fragmentos do passado

Na telefonia tocava uma velha canção
e um jovem cantor falava da solidão
que sabes tu do canto de estar só assim
só e abandonado como o velho do jardim.
O olhar triste e cansado procurando
Alguém e a gente passa ao seu lado a
Olhá-lo com desdém sabes eu acho que
Todos fogem de ti pra não ver
a imagem da solidão que irão viver
quando forem como tu
um velho sentado num jardim.

Passam os dias e sentes que és um perdedor
já não consegues saber o que tem ou não
valor o teu caminho parece estar mesmo
a chegar ao fim pra dares lugar a outro no teu
banco do jardim

O olhar triste e cansado procurando
alguém e a gente passa ao seu lado a
olhá-lo com desdém sabes eu acho
que todos fogem de ti pra não ver
a imagem da solidão que irão viver
quando forem como tu
um resto de tudo o que existiu
quando forem como tu
um velho sentado num jardim

<http://www.youtube.com/watch?v=qtEYzFuEYB8>

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

• O Lugar dos mais velhos (Aula 4 – Síntese):

Os mais velhos na vida familiar (os mais velhos, os avós, podem cuidar dos mais novos):



Os avós e a transmissão de valores (os mais velhos transmitem sabedoria);

O cuidado com os mais velhos: mensagens dos Papas João Paulo II condena as posições que dizem que os idosos são inúteis), Bento XVI (fala do cuidado dos outros com amor) e Francisco (alerta para o cuidado com os mais velhos e para o não abandono);

Os direitos dos mais velhos:

Constituição da República portuguesa: direito à segurança económica, habitação e bom ambiente familiar; direito à participação na vida ativa da sociedade;

Papa Francisco

“A família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos.”

“... nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos



a «carregar as cargas uns dos outros»”. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* nº 66

A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR

Conclusão:

A FAMÍLIA É UMA COMUNIDADE DE AMOR, onde deve reinar o amor, a concórdia, a solidariedade, a comunhão, o respeito, partilha.....



Trabalho de grupo em realização



Resultado final do trabalho de grupo



Avaliação do desempenho dos alunos na disciplina de EMRC, Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Domínio	Critérios / Parâmetros	Perfil de desempenho/indicadores de nível	Ponderações	Instrumentos de avaliação
Conhecimentos a adquirir	Correção/adequação <ul style="list-style-type: none">• Na definição• Na descrição	Reproduz informação.	40%	<ul style="list-style-type: none">• Fichas de trabalho• Fichas de avaliação
		Interpreta factos/dados / imagens.		
		Relaciona conceitos.		
		Reconhece / Identifica princípios, teorias, conceitos e credos religiosos.		
		Apresenta um discurso oral e escrito claro e rigoroso.		
		Seleciona fontes de informação.		
Capacidades a desenvolver	Correção/adequação <ul style="list-style-type: none">• Na utilização	Recolhe informação.	40%	<ul style="list-style-type: none">• Fichas de autoavaliação• Trabalhos de pesquisa• Apresentações orais• Apresentações escritas em suporte informático
		Utiliza linguagem específica da disciplina.		
		Elabora/interpreta textos, esquemas e tabelas.		
		Responde a questões.		
		Resolve /Pondera situações e dilemas do quotidiano.		
		Realiza trabalhos de pesquisa.		
		Utiliza dispositivos de apoio à aprendizagem e expressão do conhecimento (dicionários, enciclopédias, recursos informáticos ...)		
Compromisso com a aprendizagem	<ul style="list-style-type: none">• Na participação	Desenvolve as atividades propostas.	20%	Grelhas de observação
		Realiza os trabalhos que lhe são solicitados.		
		Realiza os trabalhos de grupo.		
		Respeita a participação dos colegas.		
	<ul style="list-style-type: none">• No cumprimento de regras	Cumprer os prazos das tarefas que lhe são propostas.		
		Responde às solicitações do professor e/ou dos colegas.		
		Cumprer as regras definidas para a sala de aula		
	<ul style="list-style-type: none">• Na organização dos materiais escolares	Traz sempre o material para as aulas.		
		Tem o caderno diário organizado corretamente.		
	<ul style="list-style-type: none">• Na assiduidade	Não falta sem justificação relevante.		
<ul style="list-style-type: none">• Pontualidade	Não tem atrasos sem justificação relevante.			

Exemplo de grelha de registo diário do desempenho dos alunos

Unidade letiva 3 “Família, comunidade de Amor”

Turma 5 do 6º ano

[illegible]

